

**UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE
MESTRADO EM GESTÃO INTEGRADA DO TERRITÓRIO**

IVALDO MENESES PIMENTA

**TERRITORIALIDADE E EXISTÊNCIA: motivos que influenciam a escolha de cursar
segunda graduação em Psicologia**

**GOVERNADOR VALADARES/MG
Outubro de 2025**

IVALDO MENESES PIMENTA

**TERRITORIALIDADE E EXISTÊNCIA: motivos que influenciam a escolha de cursar
segunda graduação em Psicologia**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce, como requisito parcial obrigatório para obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Território, Sociedade e Saúde

Orientadora: Profa Dra. Suely Maria Rodrigues

Coorientadora: Profa Dra. Marina Mendes Soares

GOVERNADOR VALADARES/MG

Outubro /2025

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Ficha Catalográfica – Sistema de Bibliotecas (Sibi/UNIVALE)

P644t	<p>Pimenta, Ivaldo Meneses Territorialidade e existência: motivos que influenciam a escolha de cursar segunda graduação em Psicologia / Ivaldo Meneses Pimenta ; Orientadora Suely Maria Rodrigues ; Coorientadora Marina Mendes Soares -- Governador Valadares, 2025. 102p. : il. color. Dissertação (Mestrado em Gestão Integrada do Território) – Universidade Vale do Rio Doce, Governador Valadares, 2025. 1. Ensino Superior - segunda graduação . 2. Universidade Vale do Rio Doce. 3. Orientação profissional. 4. Psicologia - Orientação profissional. I. Rodrigues, Suely Maria, orient. II. Soares, Marina Mendes, coorient. III. Título.</p>
	CDD: 378.8151

Missão

Construir e compartilhar o conhecimento por meio da formação de profissionais competentes, éticos e comprometidos com o desenvolvimento humano e regional.

Visão

Ser referência como instituição educacional inovadora, comunitária e inclusiva.

UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE

Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território

Ivaldo Meneses Pimenta

“TERRITORIALIDADE E EXISTÊNCIA: motivos que influenciam a escolha de cursar segunda graduação”,

Dissertação aprovada em 08 de outubro de 2025,
pela banca examinadora com a seguinte
composição:

Documento assinado digitalmente

 SUELY MARIA RODRIGUES
Data: 10/11/2025 17:49:10-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. Suely Maria Rodrigues
Orientadora – GIT/UNIVALE

Documento assinado digitalmente

 MARINA MENDES SOARES
Data: 11/11/2025 17:06:37-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. Marina Mendes Soares
Coorientadora-GIT/UNIVALE

Documento assinado digitalmente

 LEONARDO OLIVEIRA LEAO E SILVA
Data: 11/11/2025 14:19:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. Carlos Alberto Dias
Examinador – UFVJM/TO

Assinado digitalmente por LISSANDRA
LOPES COELHO ROCHA:00781792622
Data: 2025-11-11 15:21:00-0300
OU=2061362600180, OU=Secretaria da
Receita Federal do Brasil - RFB, OU=RFB
e-CPF A3, OU=EM BRANCO),
OU=presencial,CN=LISSANDRA LOPES
ROCHA:00781792622
Razão: Eu sou o autor deste documento
Localização:
Data: 2025-11-11 15:21:00
Foxit Reader Versão: 9.4.1

Dra. Lissandra Lopes Coelho Rocha
Examinadora – GIT/UNIVALE

Campus I

Campus Armando Vieira
Rua Juiz de Paz José Lemos, 695 – Vila Bretas
CEP: 35030-260 | Governador Valadares/MG

(33) 3279-5200

Campus II

Campus Antônio Rodrigues Coelho
Rua Israel Pinheiro, 2000 – Universitário
CEP: 35020-220 | Governador Valadares/MG

(33) 3279-5500

univale.br

Ao meu primeiro tropeço, queda que me ensinou
a levantar.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um ato de humildade. Ser grato pela vida, ainda que não compreendida, é um sinal de inquietude que nos leva para o interior de nós, melhor lugar do mundo, como um dia uma pessoa muito especial me ensinou. Território de significados.

Eu agradeço a existência por me colocar no tempo, na época, e nos lugares nos quais eu tive a grandiosidade de conhecer pessoas maravilhosas. Sinto saudades de todas aquelas que tocaram meu coração. E isso eu devo à vida, as forças ocultas, aos mistérios, ao acaso, a chance de compartilhar uma existência com as pessoas que eu amo. Obrigado Existência, coisa multiterritorial.

Agradeço também ao goleiro Victor por ter defendido aquele pênalti contra o Tijuana e dado a chance de ouvir minha alma gritar Galoooooooo!!! Isso é inesquecível, território simbólico das paixões atleticanas. Lugaridades.

Agradeço também a quem arriscou na vida a compor uma música, a colocar uma corda no madeirado e, assim, permitir o sentimento mais nobre que possa ter entre seres humanos, qual seja, amar: ninguém resiste a um violão acústico, dois ou três acordes e, após, intimidades cúmplices que faz a vida ser a mais pura ciência das emoções. Milton Santos não daria conta disso de jeito nenhum. Milton Nascimento com certeza sabe e, quiçá, o Bar do 1000ton também.

Agradeço, não poderia deixar de esquecer, a organela citoplasmática chamada de Mitocôndria. Sem aquele espaço de significados e subjetividades, eu jamais conseguia respirar e, assim, concluir a *infinita highway* que é a Gestão Integrada de Território. Para a Mitocôndria meu afeto incondicional. Topofilia minha Menina!!!

Eterna gratidão aos meus pais Arlete e Geraldo, os quais me deram a lição mais importante da vida que é continuar rindo, apesar de tudo. Sorriso não se mede, felicidade é lugar sem conceito, e calor dos pais é um sol inesgotável. Sempre amarei vocês e todas as risadas em tempestades que tivemos juntos no espaço jamais vazio. Lugar de afeto é no coração. Minha família!!!

Deixo meus sinceros agradecimentos a todos os professores que me trouxeram até aqui, desde a infância, como a Tia Nágila, bem como outros tantos que não caberiam no alfabeto das lembranças. Entrego o meu muito obrigado fraternal a minha coorientadora Marina Mendes Soares, e o carinho da substância minha à pessoa mais singular, distinta, paciente e afetuosa que é essa orientadora que me conquistou, qual seja, o universo expandido de Suely Maria Rodrigues, territorialidade imensurável. Sem você nada disso seria possível. Está em meu coração, Bachelard descreve em sua Poética do Espaço.

A minha esposa Raquel Armanda Nalon Melo, pois, eu obedeço ao que ela pede e faço direitinho. Esse Mestrado é pra ela, pois, toda a força que eu tive veio dela. Queria jogar Playstation com o Potchucko (Benjamim, meu filho), mas ela disse-me para eu jogar tabuleiro. Então, fui pro GIT. Obrigado Amor!!! Obrigado Potchucko. Territorialidades de minha alma.

Agradeço também a quem trouxe a amizade para a face da Terra, melhor descoberta da humanidade. E aqui todos os amigos são territórios sem fronteiras, fenomenologia da percepção das relações fraternas se ofertam a nós, humanos. E, por meio de duas novas amigas que conheci, quais sejam, Elizabeth Campos, fã de Iron Maiden e um fenômeno ser, e Thaíse Nara Soares e Santos Leite, esta última por nossas conversas místicas e metafísicas, além do maior gesto de amizade e carinho que uma ela fez que foi ler meu livro antes de publicá-lo. A quinta série agradece, território decolonial. Irmã Nara, obrigado!!!

E, por fim, eu preciso agradecer a duas pessoas que me ensinaram o que é o amor, por meio da escrita e da literatura, que foram Rafael e Isabela, no romance Aurora. Sem aqueles dois eu não teria mais vida a vibrar, mais sentidos para sentir, nem forças para continuar. É em Isabela, a Coroada, que deixo a personificação do que é o amor pleno. E foi ela quem me ensinou isso. Isabela, amo você! Minha cartografia é você... Toda territorialidade dos meus significados são seus. É o romance da minha vida, protagonista de minha história. Obrigado, Menina... Obrigado por ser o que é, território jamais desterritorializado em mim...

RESUMO

A decisão profissional é um dos momentos na vida do indivíduo que pode causar dúvida, angústia e conflitos. Na escolha da segunda graduação, é necessário identificar as metas desejadas, seja para impulsionar a carreira, transitar para uma nova área, ou por realização pessoal. Iniciar um novo curso de graduação pode proporcionar uma expansão dos horizontes profissionais por meio da inserção em uma dimensão diferente do conhecimento científico. Para maior compreensão desse tema faz-se necessária uma visão interdisciplinar com inclusão de conhecimentos da área da educação, filosofia, sociologia, psicologia e território. Esta pesquisa teve o objetivo de identificar a influência da Territorialidade e a existência do ser na escolha de cursar uma segunda graduação. Trata-se de um estudo observacional, descritivo, de corte transversal, com abordagem qualitativa. A amostra foi constituída por 10 discentes de ambos os性os, que cursam a segunda graduação na Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE), na área de Psicologia. Os dados foram coletados por meio da aplicação de uma entrevista semiestruturada baseada em um roteiro. As falas foram analisadas a partir da técnica de Análise de Conteúdo proposta por Bardin. Após leitura do material transscrito, estas informações foram agrupadas em seis temáticas: 1) Interesse pela segunda graduação – momentos e motivações que impulsionaram essa decisão; 2) Influência da primeira graduação na escolha da segunda; 3) Intervalo de tempo entre a decisão de cursar uma segunda graduação e o início efetivo do curso; 4) Sentimentos que emergem com o início do curso de Psicologia como segunda graduação; 5) Abordagens e estilos de aprendizagem no curso de Psicologia: diferentes afinidades relacionadas com o sentido racional, pragmático e emocional; 6) Compreensão das perspectivas acadêmicas, profissionais e pessoais que a segunda graduação pode proporcionar. Os resultados indicaram que as motivações para cursar a segunda graduação estão relacionadas a um sonho antigo, à busca por realização pessoal e crescimento profissional. A maioria dos entrevistados eram do sexo feminino, com idades variando entre 31 a 67 anos. Observou-se que 60% estão cursando a segunda graduação no período noturno. O apoio familiar e de pessoas como professores e coordenadores exercem função impulsionadora na construção das escolhas individuais. Pode-se concluir que a escolha de cursar uma segunda graduação constitui um processo complexo, permeado por múltiplas influências sociais, culturais e subjetivas, ou seja, as territorialidades. Emerge como um espaço de ressignificação das experiências de vida, em que o suporte emocional e social atua como um importante impulsionador para o desenvolvimento do ser.

Palavras-chave: Escolha Profissional; Processo de decisão; Segunda Graduação; Interdisciplinaridade; Territorialidade.

ABSTRACT

Making a career decision is one of those moments in an individual's life that can cause doubt, anguish, and conflict. When choosing a second degree, it is necessary to identify desired goals, whether to advance one's career, transition to a new field, or achieve personal fulfillment. Starting a new undergraduate program can provide an expansion of professional horizons through immersion in a different dimension of scientific knowledge. This research aimed to identify the influence of Territoriality and the existence of the self on the choice of pursuing a second degree. This is an observational, descriptive, cross-sectional study with a qualitative approach. The sample consisted of 10 male and female students pursuing their second degree at Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE), studying Psychology. Data were collected through a semi-structured interview based on a script. The statements were analyzed using the Content Analysis technique proposed by Bardin. The results indicated that the participants longed to pursue a second degree in psychology, stemming from a long-held desire, hindered by life's circumstances. It can be concluded that this desire broke through Heideggerian facticity (life's obstacles), as reported in the research interviews as financial, social, and family obstacles that prevented them from pursuing the desired course of study even in their first degree. Thus, by allowing themselves to experience the symbolic territory of the profession, the participants predominantly achieved what humanist existential philosophy established as the authenticity of being, fulfilling what the interviewees perceived, constructed, and experienced by them, by placing themselves once again in the space of education, now a new place of meanings, which, as demonstrated in the interviews, is a territory to which they feel a sense of belonging.

Keywords: Professional Choice; Decision process; Second Degree; Interdisciplinarity; Territoriality.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Descrição das Temáticas e Categorias identificadas a partir da Análise de Conteúdo dos relatos dos participantes.....	33
--	----

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

GIT - Gestão Integrada do Território

SAIS - Núcleo de Pesquisa Saúde, Indivíduo e Sociedade

UNIVALE - Universidade Vale do Rio Doce

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Sumário

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	15
2.1 Escolha profissional: reflexões sobre o processo de decisão	15
2.2 A escolha profissional à luz do cuidado (SORGE) em Heidegger.....	18
2.3 A fenomenologia na compreensão da escolha profissional.....	19
2.4. Formação em movimento: segunda graduação e a construção de novas territorialidades ..	21
3 OBJETIVOS.....	26
3.1 Geral	26
3.2 Específicos.....	26
4 METODOLOGIA.....	27
4.1 Tipo de estudo e abordagem.....	27
4.2 Universo e local do estudo	27
4.3 Amostra	29
4.4 Critérios de inclusão/exclusão	29
4.5 Estudo piloto.....	30
4.6 Aspectos éticos	30
4.7 Coleta de dados para a realização da pesquisa	30
4.8 Análise de dados	31
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	33
5.1 TEMÁTICA 1: Interesse pela segunda graduação – momentos e motivações que impulsionaram essa decisão.....	34
Categoria 1: Momento em que ocorreu o interesse pela segunda graduação	35
Categoria 2: Motivações para cursar a segunda graduação	40
5.2 TEMÁTICA 2: Influência da primeira graduação na escolha da segunda.....	47
Categoria 1: Contribuição da primeira graduação na escolha da segunda	48
Categoria 2: Conexão da primeira graduação com a segunda: pontes de saberes e experiências	52
5.3 TEMÁTICA 3: Intervalo de tempo entre a decisão de cursar uma segunda graduação e o início efetivo do curso	54
Categoria 1: Momento entre a decisão de cursar a segunda graduação e o início efetivo do curso	55
Categoria 2: Influência de pessoas importantes e da família na validação da escolha para cursar a segunda graduação	58
5.4 TEMÁTICA 4: Sentimentos que emergem com o início do curso de psicologia como segunda graduação.....	64

5.5 TEMÁTICA 5: Abordagens e estilos de aprendizagem no curso de psicologia: diferentes afinidades relacionadas com o sentido racional, pragmático e emocional.....	70
5.6 TEMÁTICA 6: Compreensão das perspectivas acadêmicas, profissionais e pessoais que segunda graduação pode proporcionar	73
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
LIMITES E POSSIBILIDADES DO ESTUDO	80
REFERÊNCIAS	82
ANEXOS	90
ANEXO A – Pacerer do CEP	90
ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	97
ANEXO C – ROTEIRO DE ENTREVISTA	101

1 INTRODUÇÃO

As escolhas fazem parte da vida. A liberdade humana reside no ato de realizar escolhas (SARTRE, 1997). O envolvimento de expectativas, anseios, sonhos, promovem a atitude em direção a uma decisão. E muito do que compõem a estrutura dessa decisão, é o resultado de uma ótica do vivido a partir do mundo e de si mesmo (MERLEAU-PONTY, 2018).

A escolha por algo pode indicar um lugar onde se deseja estar, uma afeição a esse espaço de significados (BACHELARD, 1993). O vivido ingressa nos componentes das escolhas, formatando a decisão, no que foi percebido pelo indivíduo ao longo do seu processo de existir, rompendo barreiras ao se posicionar na vida (HEIDEGGER, 2008). Este ritual do escolher ocorre em diversas dimensões da vida. E, entre essas dimensões, há aquela em que envolve decidir por uma profissão. Em um sistema econômico neoliberal (HARVEY, 2007), muitas vezes acontece de se decidir por uma profissão apenas atendendo a fins econômicos (FEIJOO, MAGNAN, 2014).

A decisão pela primeira escolha profissional frequentemente ocorre em um momento da vida em que o indivíduo ainda está em desenvolvimento cognitivo, emocional e social, o que pode comprometer a capacidade de tomada de decisão plenamente madura e informada (AMBIEL, 2015). Esse estágio de idealização, marcado por expectativas frequentemente romantizadas acerca da profissão, pode gerar um descompasso entre as expectativas iniciais e a realidade experienciada durante o percurso formativo e profissional. Como consequência, tal descontentamento pode levar à evasão universitária ou motivar o indivíduo a buscar uma nova formação acadêmica, traduzida em uma segunda graduação, como forma de reelaboração e ressignificação do projeto profissional (VASCONCELOS, 2014).

Essa dinâmica pode ser compreendida a partir do desenvolvimento vocacional, que enfatiza a influência das fases evolutivas do indivíduo sobre suas escolhas profissionais. Na perspectiva de Costa Júnior (2020) a teoria do desenvolvimento vocacional entende a escolha profissional não como um evento único, mas como um processo contínuo ao longo da vida, marcado por diferentes estágios que visam o autoconhecimento, a exploração de interesses e a adaptação ao trabalho e ao projeto de vida. O desenvolvimento vocacional é influenciado por fatores sociais, familiares e pessoais, e a orientação deve ser um processo que promove o autoconhecimento, a informação sobre carreiras e a formação do indivíduo como cidadão.

Dessa forma, a busca por uma segunda graduação não se configura apenas como uma mudança acadêmica, mas como um processo complexo de construção identitária e

profissional, que procura superar as limitações da escolha inicial e integrar novas possibilidades de realização pessoal e social.

A escolha da segunda graduação é um processo complexo que envolve múltiplas dimensões cognitivas, sociais e emocionais. Essa decisão vai além da simples escolha acadêmica, configurando-se como uma construção subjetiva e socialmente situada. De acordo com Bourdieu (1983), as escolhas educacionais são permeadas pelo capital cultural e social acumulados pelo indivíduo, que condicionam suas preferências e possibilidades de ação dentro de determinados contextos. Nesse sentido, a percepção sobre a segunda graduação — entendida como o conjunto de impressões, entendimentos e significados que o indivíduo atribui a essa experiência — é fundamental para compreender suas motivações e expectativas.

Do ponto de vista psicológico, o entendimento dessa escolha considera os processos perceptivos envolvidos na interpretação da realidade e das possibilidades futuras. Segundo Vygotsky (1978), o conhecimento é construído socialmente, e a percepção que o sujeito tem das condições para a realização da segunda graduação é mediada pelas interações sociais, culturais e históricas em que está inserido. Essa percepção é influenciada por fatores externos, como o apoio familiar, a valorização institucional, e também por elementos internos, como o desejo pessoal de realização e o projeto de vida.

Além disso, a escolha da segunda graduação pode ser compreendida a partir do conceito de "intenção" na teoria da ação racional, que destaca a importância da motivação e do planejamento na tomada de decisão (AJZEN, 1991). A percepção favorável sobre as vantagens e os desafios do curso, assim como o entendimento das oportunidades que essa nova formação poderá proporcionar, são decisivos para que o indivíduo estabeleça compromissos e se engaje nessa trajetória.

Portanto, a percepção e o entendimento da escolha da segunda graduação representam um processo dinâmico, construído a partir da interação entre o contexto social, as experiências pessoais e as expectativas futuras. Analisar essa escolha requer, uma abordagem interdisciplinar que considere as influências sociais externas e as construções internas do indivíduo, possibilitando compreender a complexidade e a singularidade do percurso formativo dos acadêmicos que optam por esse caminho.

Essa dissertação está estruturada a partir da Introdução em 06 (seis) capítulos. O segundo compreende a Revisão de Literatura como forma de situar o problema no plano teórico. Apresenta reflexões da filosofia existencialista em um diálogo interdisciplinar com as áreas da Psicologia e da Geografia Humanista. Esse referencial teórico fundamentado na interdisciplinaridade possibilita aproximar as discussões sobre o território e as

territorialidades na configuração da vontade, compreendida como elemento central na construção da decisão por uma profissão. No campo da Geografia Humana serão abordados os conceitos de território, territorialidades, territorialização. Além do entendimento de percepção e experiência, trazendo a perspectiva de subjetividade que integra sensação, percepção, concepção, emoção e pensamento à experiência humana, que implica na capacidade de aprender a partir da própria vivência, elementos estes capturados na abordagem existencial humanista da Psicologia, no que tange, especialmente, às motivações pela escolha de uma segunda graduação (ROLIM, MELO, 2022).

O terceiro capítulo apresenta os Objetivos Geral e Específicos deste estudo. Os objetivos constituíram na finalidade desse trabalho, ou seja, a meta que se pretendeu atingir com a elaboração da pesquisa. No quarto capítulo está descrito o percurso metodológico utilizado para a realização desse estudo. Estão descritos a abordagem e o modelo de estudo, o universo e a amostra, critérios de inclusão e exclusão, a técnica de coleta e análise de dados e os aspectos éticos observados para a realização da pesquisa.

O quinto capítulo apresenta as questões relativas aos Resultados e Discussão. Identifica os conceitos presentes na Filosofia Existencialista, em consonância com a fala dos participantes, no intuito de compreender a edificação do processo de escolha profissional pela segunda graduação. Além disso, aborda a subjetividade, ancorada na Fenomenologia, a partir das respostas obtidas, referentes aos sentimentos expressos ao escolher a segunda graduação como nova profissão.

No sexto capítulo estão descritas as Considerações Finais, apresentando uma síntese dos resultados obtidos nesta investigação delineando possíveis respostas às questões propostas nos objetivos deste estudo. Busca demonstrar a contribuição da pesquisa para o meio acadêmico e para o desenvolvimento da ciência. Além da possível contribuição para o debate interdisciplinar em torno da complexa e sensível investigação sobre o elemento da vontade, sua origem e constituição, buscando compreender a psique humana em uma interlocução com os estudos territoriais.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Escolha profissional: reflexões sobre o processo de decisão

O agir humano na escolha profissional envolve um processo ativo de autoconhecimento e planejamento. Para Sobrosa *et al.* (2015), chegar a uma escolha profissional pressupõe a tomada de consciência de si mesmo e a construção de um projeto de futuro, no qual o indivíduo se imagina desempenhando determinada função social e ocupacional. O sentido da própria existência está ligado ao processo de escolha.

Portanto, no entendimento de Oliveira (2021) não há um caminho pronto, mas uma construção vinculada a uma imersão em si mesmo. Ou seja, o que a pessoa é em essência. Para que a escolha profissional tenha um efeito positivo na vida de todo ser humano torna-se necessário que sejam reconhecidas as limitações e as capacidades produtivas de cada indivíduo, para que assim, seja menos fantasiada e sofrida. Na visão de Bock (2018) ao pensar numa profissão, a pessoa estimula uma imagem construída a partir de sua vivência por meio de contatos pessoais, de exposição à mídia, de leituras (biografias, romances, revistas) e da transposição de experiências alheias.

A construção da trajetória profissional é um processo dinâmico, marcado por escolhas, desafios e constantes transformações. O agir humano, entendido como a capacidade de refletir, decidir e atuar intencionalmente, desempenha papel central na definição dos rumos profissionais e pessoais de cada indivíduo. Essa trajetória não é linear e pode ser influenciada por fatores internos e externos, como expectativas familiares, condições socioeconômicas, oportunidades educacionais e mudanças no mercado de trabalho. O mundo contemporâneo, com suas rápidas transformações e multiplicidade de opções, exige do indivíduo flexibilidade, capacidade de adaptação e disposição para o aprendizado contínuo. Além disso, a pressão para escolher cedo e acertar de primeira pode gerar ansiedade e insegurança, tornando o processo ainda mais desafiador (BATISTA, 2021).

A escolha profissional refere-se a um “lugar social”, o modo como o sujeito se apresentará socialmente. Essa escolha, por vezes intangível, é realizada com base na realidade pessoal e sociocultural, mediante as experiências e identificações familiares e com os demais atores presentes na vida do indivíduo (ALMEIDA; AMARO, 2016).

Na perspectiva de Lopes (2008) a escolha profissional não é um evento isolado, mas um processo contínuo de análise, experimentação e reavaliação. O profissional precisa estar atento às mudanças em si mesmo e no mundo, ajustando seus caminhos conforme novas

oportunidades, interesses e necessidades que surgem ao longo da vida. A orientação profissional pode ser um recurso valioso nesse percurso, ajudando o indivíduo a desenvolver autoconhecimento, explorar o mundo do trabalho e tomar decisões mais alinhadas com seu projeto de vida.

Os principais fatores que podem influenciar na escolha profissional na visão de Veloso, Dutra e Nakata (2016) estão relacionados a: 1) **Autoconhecimento:** conhecer seus próprios interesses, habilidades, valores e expectativas é fundamental para uma escolha consciente e alinhada com o projeto de vida. O autoconhecimento permite avaliar qual profissão faz sentido para quem você é e para o que deseja alcançar; 2) **Família:** a influência familiar pode ser determinante, seja pela tradição, expectativas, apoio financeiro ou até mesmo pela tentativa de realizar sonhos não concretizados pelos pais. A família pode tanto apoiar quanto pressionar, impactando positiva ou negativamente a decisão; 3) **Condições socioeconômicas:** o contexto econômico da família e do indivíduo influencia o acesso à educação, cursos, estágios e oportunidades, além de determinar se a escolha será guiada por realização pessoal ou necessidade financeira; 4) **Influência dos amigos e do meio social:** relações com amigos, professores e o ambiente social também exercem papel relevante, seja por meio de exemplos, sugestões ou pelo desejo de pertencimento a determinados grupos; 5) **Mercado de trabalho:** tendências do mercado, oferta de vagas, estabilidade, remuneração, status e possibilidade de crescimento são fatores decisivos para muitos jovens. O cenário econômico e as perspectivas futuras da profissão influenciam diretamente a decisão; 6) **Realização pessoal e propósito:** o desejo de encontrar sentido, satisfação e propósito no trabalho tem ganhado destaque, especialmente entre as gerações mais jovens, que buscam alinhar carreira com valores pessoais e impacto social; 7) **Cultura e valores sociais:** crenças, tradições, religião e valores culturais moldam percepções sobre determinadas profissões e podem restringir ou ampliar as opções consideradas; 8) **Educação e orientação profissional:** o acesso à informação, experiências práticas, orientação vocacional e o papel da escola são fundamentais para ampliar o repertório de opções e apoiar decisões mais conscientes; 9) **Características individuais:** vocação, personalidade, aptidões, crenças e experiências de vida únicas também desempenham papel central na escolha da carreira.

A escolha profissional pode ser considerada como um momento significativo e desafiador na vida de qualquer pessoa. Na maioria das vezes, essa escolha acontece em uma fase de transição, como o final da adolescência ou início da vida adulta, quando ainda está ocorrendo um processo de autoconhecimento e amadurecimento. Tomar essa decisão envolve

não apenas considerar interesses pessoais, mas também fatores sociais, econômicos e emocionais.

No entanto, é necessário entender o momento inicial dessa escolha, a decisão a ser pronunciada e vivida. Geralmente, as reflexões quanto à escolha profissional têm seu começo na adolescência, juventude, no período escolar do ensino médio. Segundo Cericatto, Alves e Patias (2017) o momento da escolha profissional é um desafio para os adolescentes, sendo frequentemente motivado por influências do ambiente familiar e social. Essas influências podem afetar negativamente a decisão, levando os jovens a optarem por caminhos que muitas vezes não refletem suas verdadeiras aspirações e habilidades. A adolescência é uma fase de vulnerabilidade, marcada por transformações físicas, emocionais e sociais, o que torna o jovem suscetível a pressões externas. Nesse contexto, a busca por aceitação e validação por parte da família e dos pares pode obscurecer a capacidade do adolescente de discernir suas próprias vontades e potencialidades.

Somado a isso, as expectativas do indivíduo quanto à profissão a ser escolhida, passam por seu psiquismo, suas emoções, a jornada de vida vivenciada até aquele momento. Os elementos culturais não deixam de ingressar nessa equação de variáveis de escolha profissional. Definir uma profissão não é uma decisão única e, sim, um caminho contínuo ao longo da trajetória de desenvolvimento (SOBROSA *et al.*, 2015). No entendimento de Almeida e Pinho (2008), a profissão gera a expectativa sobre o quanto irá se ganhar, o tipo de rotina, bem como o estilo de vida. Tais expectativas se dão em virtude de uma busca, na profissão, de realização, seja ela financeira, seja a relacionada ao prazer, a felicidade.

Portanto, o agir humano resulta numa expressão e, muitas vezes, em uma decisão. Elementos anímicos estão presentes quando do processo de escolha, seja ela qual for e de qualquer aspecto da vida. Na perspectiva de Hirshi (2014), a escolha profissional é influenciada por aspectos históricos, culturais, econômicos, bem como os traços de personalidade, conflitos interpessoais, psicopatologias, além de informações sobre ocupações e mercado de trabalho. Tais elementos se apresentam no momento de decisão no que se refere à carreira. E são estes elementos que podem contribuir para auxiliar o sujeito a se decidir sobre qual profissão abraçar, aquela em que se sentirá, ao menos, mais motivado para vivenciar sua jornada de existir.

Construir uma trajetória profissional pode ser considerado um exercício de agir humano, pois envolve reflexão, esforço para fazer escolhas, abertura para aprender com erros e acertos, e disposição para reinventar-se diante dos desafios. Ao compreender a carreira

como um caminho em constante construção, o indivíduo amplia suas possibilidades de realização pessoal e profissional, tornando-se protagonista de sua própria história.

2.2 A escolha profissional à luz do cuidado (SORGE) em Heidegger

Considerando a fenomenologia em seus pontos básicos, é importante trazer conceitos essenciais do pensador alemão Martin Heidegger, em sua filosofia existencialista. Trata-se do cuidado com o existir, ou o termo alemão *sorge*. A noção de **cuidado (Sorge)**, desenvolvida no *Ser e Tempo* (2008), oferece uma base filosófica para compreender a escolha profissional como um processo existencial autêntico. Destaca como o Sorge se articula com a liberdade, a angústia e a autenticidade na tomada de decisões profissionais.

Heidegger (2008) entende que o ser humano não possui uma essência previamente dada, mas se constitui na medida em que se projeta no mundo, abrindo-se à possibilidade de construir-se ao longo da existência. De maneira convergente, Sartre (1997) sustenta que a liberdade é um elemento constitutivo do ser, expressa na capacidade de escolha diante das situações concretas da vida. Assim, tanto em Heidegger quanto em Sartre, a existência humana é marcada pela liberdade, entendida não apenas como possibilidade de escolher, mas também como condição ontológica pela qual o sujeito se constrói a si mesmo.

Na visão de Heidegger (2008) há, no existir, na vivência, uma plêiade de opções, das mais diferentes matizes, apresentando-se ao indivíduo no momento em que vive sua autenticidade, sua proposta de elaborar a si mesmo, seu existir, o ser-aí (dasein). A esse emaranhado de opções, descortinados diante do indivíduo ao compreender sua facticidade, o pensador existencialista fala em um horizonte de escolhas.

O sujeito se manifesta e se expressa em seu existir, a partir do momento em que, na rede de relações/ligações de escolhas, se define. A liberdade da escolha oferta ao sujeito um horizonte pelo qual somente ele tem a responsabilidade da definição. Heidegger (2008) considera que o cuidado (*sorge*) é a estrutura ontológica que define o ser humano (Dasein) como um projeto em constante devir. Ou seja, associado à ideia do movimento permanente, mudança de uma condição a outra, transformando-se. Relaciona-se com a responsabilidade que o indivíduo possui, o seu modo de ser e existir, a sua autenticidade (Eigentlichkeit). O "cuidado" é uma expressão da natureza relacional do Dasein. Através do cuidado, o indivíduo se conecta com o mundo e com os outros, reconhecendo sua interdependência. Isso também implica uma responsabilidade em relação à própria existência e à existência dos outros. O

Dasein não é apenas um ser que passa pela vida, mas um ser que se envolve ativamente em sua própria vida e na vida dos outros.

De acordo com Dubois (2004):

Heidegger caracteriza o cuidado como ser na antecedência de si (momento da existência como projeto, ser para um poder-ser), já num mundo (momento da facticidade), junto ao ente intramundano [...]. O cuidado é, portanto, o ser do Dasein, e funciona a este título como puro a priori. Ele é, assim, a condição de possibilidade, a abertura necessária, o espaço de jogo para fenômenos como o querer, o desejar, a propensão, a inclinação. (p. 43)

Tais reflexões heideggerianas e da fenomenologia, encontram repouso e assento na psicologia, especialmente para a escolha profissional. É sabido que o momento de escolha profissional de boa parte das pessoas se dá ainda na juventude, época em que o indivíduo convive com várias dúvidas sobre o seu existir. A escolha profissional também é um horizonte de escolhas, muitas vezes dialogando com preferências do sujeito a escolher ou recebendo influências de terceiros, como amigos, família e, claro, a própria sociedade.

A abordagem heideggeriana redefine a escolha profissional como um ato de cuidado consigo mesmo e com o mundo, exigindo coragem para enfrentar a indeterminação inerente à existência. Portanto, práticas clínicas e educacionais reforçam a necessidade de substituir modelos prescritivos por espaços de reflexão fenomenológica, onde os indivíduos possam tecer e destecer suas tramas existenciais.

No entendimento de Chapiesk *et al.* (2023) a psicologia pode acompanhar o processo do indivíduo na análise do tecer e no destecer de seu projetar-se, de suas escolhas, de sua decisão. Para que uma decisão singular aconteça; escolha substitui vocação, e refere-se à margem de manobras em um horizonte histórico de possibilidades. A escolha, portanto, não é mais vista como um chamado interno ou divino, mas como o caráter de indeterminação que constitui o homem, lançando-o para a segunda possibilidade, que nada mais é que a liberdade de escolha.

2.3 A fenomenologia na compreensão da escolha profissional

A fenomenologia para Feijoo, Protasio e Magnan (2014) possui uma função na compreensão da escolha profissional como um processo existencial, enfatizando a subjetividade e a experiência vivida. Essa abordagem substitui modelos deterministas por análises que priorizam a liberdade, a angústia e a autenticidade no processo decisório.

Na vertente heideggeriana, a fenomenologia redefine a escolha profissional como um projeto existencial, não como mera seleção de carreiras. Possui dois eixos centrais: 1- Crítica ao determinismo: rejeição de noções como "vocação inata" ou aptidões pré-determinadas, substituindo-as pela ideia de "poder-ser" (Seinkönnen), que reconhece a indeterminação como constitutiva do humano; 2- Análise hermenêutica: a escolha é interpretada como um processo de desvelamento das estruturas sociais e históricas que condicionam as decisões, seguido da reconstrução autêntica das possibilidades (VIEIRA, 2017).

A análise da escolha profissional em uma perspectiva fenomenológica hermenêutica baseada em Heidegger proporciona o desenvolvimento dos processos de reconstrução, desconstrução e construção, possibilitando no ato de compreender. Permite uma compreensão de ser humano e um entendimento de decisão que estejam adequados com a totalidade da existência (PEREZ, 2020).

Sabe-se que, partindo de Heidegger (2008), o vir-a-ser (futuro) adquire uma posição de destaque frente aos outros dois "tempos". Em Ser e Tempo, há a questão do projeto; esse está relacionado com um estar lançado em possibilidades. A todo momento o ser humano se comprehende enquanto possibilidade, isto é, está num horizonte que o abre para possíveis maneiras de ser.

De acordo com Reis (2014) de algum modo ou de outro, nos encontramos orientados para um certo horizonte de possibilidades, pois não se trata daquilo que se efetiva ou das possibilidades que podem ser concretizadas, mas que sempre o ser humano, se entendido enquanto ser-aí, comprehende-se enquanto possibilidade. Desse modo, entende-se que o ser humano se encontra lançado para o futuro enquanto possibilidade de ser e isso influencia como ele comprehende aquilo que já fez na sua vida e como ele age no presente.

Compreende-se a importância da fenomenologia na busca pelo entendimento da escolha profissional. As respostas, razões ou motivos para essa decisão, estão imanentes ao indivíduo e não exteriormente. E essa condição interna é mais uma construção do vir a ser do que, necessariamente, algo previamente embutido em sua psique ou condição biológica. Além disso, o envolvimento da fenomenologia na escolha profissional traz um elemento essencial para a compreensão, que é a responsabilidade do sujeito por sua existência.

2.4 Formação em movimento: segunda graduação e a construção de novas territorialidades

A decisão pela realização de uma segunda graduação pode ser compreendida a partir de uma perspectiva interdisciplinar que articula o campo da escolha profissional com os referenciais da Geografia. O arcabouço conceitual da Geografia, especialmente por meio dos conceitos de território, territorialização, territorialidade e multiterritorialidade, oferece instrumentos analíticos potentes para compreender a complexidade desse processo.

Desse modo, ao escolher uma segunda graduação, o indivíduo mobiliza não apenas dimensões de liberdade e projeto existencial, mas também um movimento de reterritorialização, em que novos espaços simbólicos e profissionais são construídos, negociados e resignificados. A utilização dessa lente interdisciplinar permite aprofundar a compreensão da escolha profissional como um fenômeno dinâmico, situado e atravessado por diferentes territorialidades que coexistem e se sobrepõem na constituição do sujeito.

O território ultrapassa a noção de porção física do espaço geográfico, configurando-se como uma construção socialmente produzida e delimitada por relações de poder. Nesse sentido, não deve ser compreendido como algo estático, mas como o resultado dinâmico das interações humanas — sejam elas econômicas, políticas, culturais ou afetivas — que nele se manifestam e se materializam. Para Santos (1996), o território não se reduz a uma superfície delimitada, mas corresponde ao “espaço usado”, isto é, ao chão acrescido de identidade, constituído pelas práticas e significados que nele se inscrevem. Assim, o território deve ser entendido como uma totalidade em movimento, formada pela articulação entre elementos fixos (objetos, infraestrutura, materialidade) e dinâmicos (ações, fluxos, usos), revelando sua complexidade e mutabilidade.

Haesbaert (2014) amplia a compreensão do conceito de território ao concebê-lo como uma construção híbrida, resultante da articulação entre dimensões materiais e simbólicas. Ou seja, o território não se limita à materialidade do espaço físico, mas engloba aspectos culturais, políticos e subjetivos que o constituem. As relações de poder estão imbricadas nessas relações sociais, sendo essa interação que molda e produz os territórios.

A partir desse conceito híbrido, Haesbaert (2014) introduz as noções de “múltiplos territórios” e de “multiterritorialidade”, evidenciando que os sujeitos não pertencem a um único território, mas transitam entre diferentes espaços, apropriando-se deles de maneiras diversas. Essa condição revela a complexidade contemporânea das territorialidades, permeadas por atravessamentos culturais, econômicos e de classe, que

permitem compreender como as vivências territoriais são plurais, sobrepostas e, muitas vezes, simultâneas.

A multiterritorialidade refere-se à capacidade de indivíduos e grupos de viverem, se relacionarem e construírem identidades em múltiplos territórios simultaneamente, sejam eles físicos, simbólicos, virtuais ou subjetivos. Essa concepção rompe com a visão tradicional de território como uma única e exclusiva base de pertencimento, enfatizando a coexistência e a articulação de diferentes territorialidades que se sobrepõem, interconectam e, muitas vezes, entram em tensão (HAESBAERT, 2014).

Para Haesbaert (2004), no contexto da contemporaneidade globalizada e tecnologicamente conectada, a multiterritorialidade torna-se cada vez mais evidente: um mesmo indivíduo pode trabalhar remotamente para diferentes organizações situadas em distintas localidades, participar de comunidades virtuais transnacionais e, ao mesmo tempo, manter vínculos afetivos e identitários com seu espaço local de origem. Essa condição revela que o território não pode ser compreendido apenas como um espaço geográfico delimitado, mas como um constructo dinâmico que integra dimensões materiais e simbólicas.

Portanto, a multiterritorialidade pode representar tanto uma ampliação das possibilidades de circulação e pertencimento quanto um desafio, pois exige que os sujeitos negoiciem identidades múltiplas e coexistentes, atravessadas por condicionantes sociais, econômicos, culturais e tecnológicos. Nesse sentido, se configura como um conceito-chave para compreender os modos de existência e atuação profissional no século XXI, em que as fronteiras do viver, trabalhar e aprender tornaram-se cada vez mais fluidas e interconectadas.

Observa-se que os geógrafos Santos (1996) e Haesbaert (2014) oferecem contribuições complementares e fundamentais para a compreensão contemporânea do território. Nesse diálogo, enquanto Santos enfatiza o território como prática e identidade concretizada no espaço usado, Haesbaert evidencia a pluralidade territorial que caracteriza os modos contemporâneos de existência, nos quais o indivíduo se constrói no cruzamento de territorialidades múltiplas e dinâmicas. Em conjunto, suas abordagens possibilitam compreender o território como categoria central para analisar tanto a materialidade quanto a dimensão simbólica e plural da vida social.

A compreensão de território permite analisar a profissão como um espaço em disputa e negociação, no qual o indivíduo constrói sentidos e se posiciona diante de diferentes possibilidades. Portanto, a profissão pode ser compreendida como um território, entendido não apenas como um espaço físico, mas como uma construção simbólica e social, permeada por identidades, pertencimentos e significados.

Numa perspectiva interdisciplinar e articulando o campo da escolha profissional com os referenciais da Geografia, há que considerar o entendimento sobre territorialização. Pode ser compreendida como o processo de apropriação e constituição de um espaço identitário e profissional. Trata-se de um movimento ativo por meio do qual indivíduos ou grupos se apropriam, delimitam e organizam um determinado espaço, atribuindo-lhe sentidos e significados que o transformam em território. Nesse sentido, a territorialização expressa o “fazer” do território, isto é, um processo contínuo de controle, apropriação e produção de sentidos.

De acordo com Sack (1986), a territorialização configura-se como uma estratégia espacial de influência e de controle, na medida em que a definição de fronteiras, sejam elas materiais ou simbólicas, orienta e condiciona comportamentos sociais. Dessa forma, a organização de um território não se limita à sua dimensão geográfica, mas envolve relações de poder manifestas nas regras de acesso, nos usos possíveis e nas práticas que instituem sua legitimidade.

Para Faria (2020) a territorialização pode compreendida como o resultado das relações sociais articuladas ao poder, na medida em que este se espacializa. Nesse sentido, delimitar um território significa influenciar comportamentos, estabelecer fronteiras (materiais ou simbólicas) e organizar formas de acesso e uso de um espaço, configurando mecanismos de poder.

Ao aplicar o conceito de territorialização ao fenômeno da escolha por uma segunda graduação, pode-se entender essa decisão como um movimento de reterritorialização identitária, ou seja, num “refazer” do território de si, no qual se negociam segurança, identidade, liberdade e poder no campo acadêmico-profissional. A primeira graduação configura um território construído anteriormente, marcado por vínculos de pertencimento, identidades profissionais e práticas consolidadas. Contudo, a busca por uma nova formação acadêmica pode implicar no desejo de ressignificação e expansão de fronteiras, na tentativa de incorporar outros espaços de saber e de atuação. Nesse processo de reterritorialização, o indivíduo mobiliza estratégias de apropriação de novos conhecimentos, instituições e redes sociais, reorganizando sua territorialidade acadêmico-profissional. Provavelmente, redefine e amplia seus espaços de pertencimento. Mais do que apenas uma “mudança de curso”, trata-se de um ato territorializante, em que ocorre a construção de um novo espaço formativo, sem necessariamente abandonar o território anterior (ENES; BICALHO, 2014). Em diálogo com Haesbaert (2014), a segunda graduação exemplifica a multiterritorialidade, na medida em que

o indivíduo passa a habitar simultaneamente diferentes territórios identitários, conciliando pertenças múltiplas em sua trajetória de vida.

Ao ingressar em uma nova graduação, ocorre um movimento de incorporação de novos saberes, redes e identidades profissionais. O indivíduo não abandona o território previamente consolidado, mas o ressignifica, ampliando suas fronteiras de pertencimento e atuando em uma lógica de multiterritorialidade, onde diferentes espaços identitários coexistem e se sobrepõem em sua trajetória de vida.

Outro conceito da Geografia fundamental para compreensão da escolha profissional é a territorialidade. Na visão de Souza; Zeni e Schneider (2021) a territorialidade está relacionada a dimensão subjetiva, afetiva e simbólica da relação que indivíduos ou coletividades estabelecem com o território. Expressa o sentimento de pertencimento, de identidade e de segurança que emerge da experiência de habitar, vivenciar ou controlar um determinado espaço, constituindo-se como um dos aspectos mais imateriais e comportamentais das práticas territoriais.

Segundo Souza (1995), a territorialidade envolve um comportamento vivido, situado entre a fixação aos lugares — que confere estabilidade, identidade e segurança — e o impulso de transitar para além das fronteiras, em busca de mobilidade, liberdade e transformação. Esse movimento revela a dialética entre a estabilidade proporcionada pelo território e a dinamicidade das práticas sociais que o reconfiguram continuamente.

Ao conceber o território como um espaço mediado pelas relações de poder, Raffestin (1993), entende a territorialidade como o modo pelo qual essas relações se materializam e se tornam perceptíveis na vida social. Sack (1986), considera territorialidade como uma estratégia espacial de influência e controle, usada por indivíduos, grupos ou instituições para afetar comportamentos e organizar relações sociais no espaço. A territorialidade na perspectiva de Haesbaert (2014) deve ser compreendida sob uma visão plural, marcada por múltiplas pertenças e vivências simultâneas, isto é, pela condição de multiterritorialidade.

Portanto, a territorialidade emerge como um conceito-chave para entender tanto os laços afetivos e identitários estabelecidos com os lugares, quanto os mecanismos de poder, controle e mobilidade social que estruturam a experiência territorial. No campo da escolha profissional, a territorialidade possibilita compreender como os sujeitos constroem vínculos com certas áreas do conhecimento e do trabalho, atribuindo-lhes significados que orientam suas decisões. Dessa forma, pensar a escolha de uma trajetória acadêmico-profissional a partir da territorialidade significa reconhecer que ela não é apenas um ato racional ou técnico, mas

também um movimento existencial de vínculo, identificação e projeção em determinados espaços sociais e simbólicos.

3 OBJETIVOS

3.1 Geral

- Identificar a influência da Territorialidade e a existência do ser na escolha de cursar uma segunda graduação.

3.2 Específicos

- Caracterizar a amostra pesquisada
- Influência de pessoas importantes e da família na validação da escolha para cursar a segunda graduação

4 METODOLOGIA

4.1 Tipo de estudo e abordagem

Trata-se de um estudo observacional, descritivo, de corte transversal, com abordagem qualitativa. O modelo de estudo do tipo transversal é apropriado para descrever características das populações no que diz respeito a determinadas variáveis e os seus padrões de distribuição, bem como analisar sua incidência e interrelação em um determinado momento (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006).

A pesquisa possui uma abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa na perspectiva de Bauer; Gaskell (2002) se aplica ao estudo da história oral, das relações, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os seres humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam. É considerado um método observacional a partir do contato entre entrevistador e entrevistado, podendo registrar as informações por meio de entrevista face a face, possibilitando a interpretação de informações mantendo o foco no significado que o entrevistado atribui para a questão estudada.

4.2 Universo e local do estudo

A pesquisa foi realizada no município de Governador Valadares-MG, localizado no interior do estado de Minas Gerais, região Sudeste do país. A população estimada do município é de 257172 pessoas, com uma área territorial de 2342km² e 97,2% de escolarização entre 6 a 14 anos (IBGE, 2022). Limita-se com os municípios de São Geraldo da Piedade, Santa Efigênia de Minas e Sardoá a oeste; Coroaci a noroeste; Marilac, Mathias Lobato, Frei Inocêncio e Jampruca a norte; Nova Módica e São Félix de Minas a nordeste; Divino das Laranjeiras a leste; Galiléia a sudeste; Alpercata, Fernandes Tourinho e Tumiritinga a sul; e Açucena e Periquito a sudoeste. De acordo com a divisão regional vigente desde 2017, instituída pelo IBGE, o município pertence às Região Geográfica Intermediária de Governador Valadares e Região Geográfica Imediata de Governador Valadares.

O universo da pesquisa foi constituído por discentes da Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE), instituição de ensino superior de direito privado, fundada em 25 de julho de 1967, originária do antigo Minas Instituto de Tecnologia. Considerada uma Universidade jovem, reconhecida em 1992, oferece 29 cursos de graduação (sendo 26 presenciais e 03 na modalidade à distância), além de cursos técnicos e de extensão. A UNIVALE, mantida pela Fundação Percival Farquhar (FPF) funciona em dois campi universitários, ambos no

município de Governador Valadares. Tem como princípio básico a participação no desenvolvimento político, cultural, socioeconômico e tecnológico, com ênfase na atuação na Bacia Hidrográfica do Rio Doce, por intermédio da formação superior de qualidade, da pesquisa e da inserção social e comunitária (PPC, 2019). Possui atualmente 4300 mil alunos matriculados e regularmente frequentes que se distribuem em dois campi.

Além disso, mantém programa de Mestrado em Gestão Integrada de Território, em uma visão interdisciplinar. Possui programas e projetos de ação comunitária e prestação de serviços, em congruência com a sociedade. A Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE) é uma instituição de direito privado e de caráter comunitário que exerce papel de fundamental importância para o desenvolvimento regional, formando profissionais em diversas áreas.

A UNIVALE oferece a oportunidade de ingresso em uma nova graduação para indivíduos com diploma de curso superior. A cada semestre, a Universidade publica edital específico para o processo de Obtenção de Novo Título nos cursos de graduação disponíveis. No Quadro 1 estão descritos os cursos e números de discentes matriculados nos diversos períodos para obtenção de novo título no período letivo 2024/1.

Quadro 1 – Distribuição de discentes matriculados nos cursos da UNIVALE para obtenção de novo título, no período letivo 2024/1.

PERÍODO LETIVO: 2024/1	
Curso	Quantitativo de alunos matriculados
Administração	02
Agronomia	12
Arquitetura e Urbanismo	04
Bacharel em Terapia Ocupacional	11
Publicidade e Propaganda	04
Biomedicina	01
Direito	22
Educação Física - Bacharelado	03
Enfermagem	09
Ciências Contábeis	08
Engenharia Civil e Ambiental	07
Farmácia	03
Fisioterapia	05

Fonoaudiologia	20
Medicina	17
Medicina Veterinária	11
Nutrição	07
Odontologia	21
Pedagogia	03
Psicologia	36
Estética e Cosmética	05
TOTAL	211

4.3 Amostra

A amostra foi constituída por discentes de ambos os sexos, que cursam a segunda graduação na Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE), no Núcleo da Saúde e no curso de Psicologia. O processo de definição pelo curso de Psicologia está relacionado com a maior porcentagem de discentes que escolheram esse curso para obtenção de novo título na UNIVALE.

Foi uma amostra escolhida por conveniência. A amostragem por conveniência é uma técnica de amostra não probabilística e não aleatória. Consiste em formar uma amostra da população a partir de elementos escolhidos por serem os mais acessíveis ou fáceis de serem amostrados.

4.4 Critérios de inclusão/exclusão

Foram incluídos na amostra, discentes de ambos os sexos, matriculados e cursando a segunda graduação na Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE), na área de saúde (curso de Psicologia), matriculados no primeiro ao décimo períodos.

Foram incluídos todos aqueles que aceitaram participar voluntariamente da pesquisa e assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

4.5 Estudo piloto

Foi realizado com 02 discentes de ambos os sexos, matriculados e cursando a segunda graduação na Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE), na área de saúde (curso de Psicologia), matriculados do primeiro ao décimo períodos.

Foi observado os critérios de inclusão e exclusão. Porém os dados obtidos não serão considerados para o estudo principal. Marconi e Lakatos (2007) atribuem a importância na realização do estudo piloto à possibilidade que ele estabeleça a verificação da fidedignidade, validade e operacionalidade dos dados obtidos, além de fornecer uma estimativa sobre futuros resultados.

4.6 Aspectos éticos

Esta pesquisa foi submetida à Plataforma Brasil, obtendo aprovação com Número do Parecer: 7.392.172 (ANEXO A). Todos os participantes no momento da coleta de informações assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (ANEXO B).

4.7 Coleta de dados para a realização da pesquisa

Para a coleta de dados, inicialmente, foi encaminhada uma solicitação para a Universidade Vale do Rio Doce (APÊNDICE 1) requerendo autorização à Reitora para a realização da referida pesquisa. Nessa constou os objetivos da pesquisa e a metodologia a ser utilizada no seu desenvolvimento. Após recebimento do parecer favorável para realização da pesquisa procedeu-se um contato pessoal com o coordenador do Curso de Psicologia, detalhando os objetivos da pesquisa e solicitando acesso aos nomes e e-mails dos acadêmicos que estão cursando uma segunda graduação.

Após obtenção dessas informações, o pesquisador fez contato telefônico com os possíveis entrevistados, convidando-os (as) para participar da pesquisa. Tendo o aceite dos mesmos, foi agendado dia e horário para apresentar-lhe os objetivos e a metodologia da pesquisa, considerando a sua disponibilidade e o melhor local para a realização de uma entrevista.

No dia, local e horário acordado, o (a) participante foi informado do caráter voluntário de sua participação, não havendo nenhuma penalidade para aqueles que optassem pela não

participação, e que ao mesmo seria garantido o direito de não ser identificado. Mediante a adesão voluntária o participante assinou o TCLE (APÊNDICE 2). O dia e horário agendados para a coleta de dados não interferiu no funcionamento das programações do discente. A coleta dos dados foi realizada por meio de uma entrevista semiestruturada guiada por um roteiro (APÊNDICE 3).

A entrevista foi o instrumento escolhido para coleta de informações. Segundo Marconi; Lakatos (2010) essa modalidade de instrumento possibilita, de maneira ampliada, a busca de informações sobre o tema e o problema de pesquisa, oportunizando identificar as posições dos entrevistados sobre o foco do estudo em questão.

De acordo com Flick (2013) para as entrevistas semiestruturadas devem ser elaboradas perguntas que respondam ao objetivo do estudo. É elaborado um roteiro de entrevista para orientação do entrevistador, no entanto, não é necessário seguir uma sequência padronizada das perguntas. O objetivo da entrevista será obter percepções dos entrevistados sobre o tema em questão.

No início da entrevista, o pesquisador utilizou de um recurso denominado rapport (RAPPORT, 2024), que possui o objetivo de permitir uma comunicação fluente e bem-sucedida, gerando uma atmosfera de respeito e confiança entre o entrevistador e o entrevistado (a). Com o consentimento do entrevistado (a), a entrevista foi gravada visando obter registro de toda a atividade, apresentando uma fidelidade quanto à fala dos entrevistados (as) e viabilizando o retorno ao material sempre que fosse necessário. A gravação foi realizada por meio de aparelho celular ou gravador manual. O tempo gasto para a realização de cada entrevista foi de aproximadamente 20 minutos. Nas entrevistas foi mantido um caráter informal, a fim de que o entrevistado (a) se sentisse à vontade para relatar suas impressões quanto aos questionamentos. Posteriormente essas entrevistas foram transcritas pelo pesquisador.

4.8 Análise de dados

Para a apuração dos dados coletados foi utilizada a técnica de “Análise de Conteúdo”, proposta por Bardin (2011). Esta técnica é um processo sistemático de avaliação de mensagens, que objetiva a descrição do conteúdo e inferências de conhecimentos sobre a produção e recepção dessas mensagens. Tal processo seguiu os seguintes passos:

1. Os discursos coletados foram, inicialmente, transcritos mantendo-se a forma original de expressão dos respondentes;
2. Pré-análise, na qual foi realizada uma leitura flutuante, a partir da qual emergiram impressões e orientações, de forma a identificar as grandes categorias discursivas abordadas pelos respondentes;
3. Leituras exaustivas dos conteúdos, para a organização e sistematização dos conteúdos, que permitindo o agrupamento destes em grandes categorias;
4. Análises dos conteúdos das falas dos sujeitos, que foram reunidas por categorias, identificando unidades de significados, estabelecendo subcategorias e procedendo-se aos agrupamentos finais;
5. Análise e interpretação dos dados por subcategorias que possibilassem a descrição dos resultados e significados dos conteúdos que consolidam o tema pesquisado. As informações presentes nessas entrevistas foram agrupadas em categorias relativas a cada item, e as falas analisadas dentro de cada tema. Os textos não sofreram correções linguísticas, preservando o caráter espontâneo dos discursos.

Esses são pontos de partida para a análise, sejam eles verbais, figurativos, gestuais ou diretamente provocados, e expressam um significado ou um sentido para os sujeitos respondentes (FRANCO, 2007).

Com o objetivo de preservar a identidade dos entrevistados, as falas foram identificadas por nomes de personagens do romance Aurora, de minha autoria, publicado no ano de 2023 pelo selo Artêra, Editora Appris, disponível na Amazon.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados desta pesquisa foram obtidos a partir da análise de entrevistas semiestruturadas realizadas com 10 estudantes de graduação em Psicologia da Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE) no município de Governador Valadares.

Os dados sócios demográficos demonstraram que 60% dos entrevistados eram do sexo feminino e 40% do masculino, com idades variando entre 31 a 67 anos. Observou-se que a maioria dos participantes (60%) está cursando a segunda graduação no período noturno. Além disso, grande parte (80%) financia o curso por meio do “desconto de egresso”, benefício oferecido pela universidade onde se realizou a pesquisa.

A Análise de Conteúdo permitiu conhecer a percepção dos entrevistados sobre as temáticas abordadas: a) interesse pela segunda graduação: momentos e motivações que impulsionaram essa decisão; b) influência da primeira graduação na escolha da segunda: conexões e contribuições; c) intervalo entre a decisão de cursar uma segunda graduação e o início efetivo do curso; d) características do curso de Psicologia: diferentes tipos de afinidades relacionadas com o sentido racional, pragmático ou emocional; e) perspectivas do curso de Psicologia, quanto segunda graduação; f) sentimentos que afloraram ao iniciar o curso de Psicologia, especialmente como uma segunda graduação.

A partir da categorização, ou seja, passagem dos dados brutos a dados organizados, reuniu-se as informações por meio de uma esquematização e assim correlacionou-se classes de acontecimentos para ordená-los. Buscou-se valorizar todas as informações coletadas nas entrevistas, considerando a pluralidade de significados atribuídos pelos indivíduos produtores de tais dados. Ressalta-se que não foram realizadas alterações ortográficas ou gramaticais nos discursos dos participantes. A partir da análise dos relatos surgiram categorias distintas para cada temática conforme Tabela 1:

Tabela 1 - Descrição das Temáticas e Categorias identificadas a partir da Análise de Conteúdo dos relatos dos participantes.

TEMÁTICA	CATEGORIA
1. Interesse pela segunda graduação: momentos e motivações que impulsionaram essa decisão	1. Momento em que ocorreu o interesse pela segunda graduação. 2. Motivações para cursar a segunda graduação.
2. Influência da primeira experiência acadêmica na decisão por uma nova graduação.	1. Experiências e competências da primeira graduação que contribuíram na escolha da segunda formação.
3. Intervalo de tempo entre a decisão de	1. Momento entre a decisão de cursar a segunda

cursar uma segunda graduação e o início efetivo do curso.	graduação e o início efetivo do curso. 2. Influência de pessoas importantes e da família na validação da escolha para cursar a segunda graduação.
4. Sentimentos que emergem com o início do curso de psicologia como segunda graduação.	_____
5. Abordagens e estilos de aprendizagem no curso de psicologia: diferentes afinidades relacionadas com o sentido racional, pragmático e emocional.	_____
6. Compreensão das perspectivas acadêmicas, profissionais e pessoais que segunda graduação pode proporcionar.	_____

Fonte: Dados da pesquisa.

TEMÁTICA 1: Interesse pela segunda graduação: momentos e motivações que impulsionaram essa decisão

Essa temática refere-se ao momento em que ocorreu a decisão dos participantes em cursar uma nova formação de nível superior após ter concluído uma primeira graduação e quais os aspectos motivacionais influenciaram essa escolha. O interesse pela segunda graduação é um fenômeno multifacetado, que envolve tanto fatores pessoais quanto profissionais, e reflete a busca contínua por desenvolvimento, realização e adaptação no mundo contemporâneo.

No cenário educacional contemporâneo brasileiro e mundial, de acordo com Silva, Ribeiro e Malta (2018) é cada vez mais frequente observar profissionais buscando uma segunda graduação. Esse fenômeno reflete não apenas as transformações do mercado de trabalho, mas também a busca constante por realização pessoal e intelectual. Entender os momentos e motivações que levam indivíduos a tomar essa decisão é fundamental para compreender as novas dinâmicas da educação superior e do desenvolvimento profissional.

Para Veriguine e Krawulski (2022) o interesse pela segunda graduação reflete a complexidade da sociedade contemporânea e a necessidade de aprendizado contínuo. Os momentos e motivações que impulsionam essa decisão são únicos para cada indivíduo, mas compartilham elementos comuns relacionados à busca por crescimento pessoal e profissional.

Compreender esses fatores é fundamental tanto para instituições de ensino, que podem desenvolver programas mais adequados às necessidades desse público, quanto para os próprios interessados, que podem tomar decisões mais conscientes e alinhadas com seus objetivos de vida. A segunda graduação pode representar uma manifestação da capacidade

humana de se reinventar e buscar constantemente novos horizontes de conhecimento e realização.

Categoria 1: Momento em que ocorreu o interesse pela segunda graduação

Essa categoria aborda o momento em que aconteceu o interesse dos participantes para cursar a segunda graduação. Ou seja, refere-se àquele tempo determinado da trajetória pessoal ou profissional em que percebeu o desejo ou a necessidade de iniciar um novo curso superior. Tem-se nessa fase a vontade direcionada para a ação, a escolha, e a possibilidade de concretização desta.

No entendimento de Chiocca; Favretto e Favretto (2016) o momento para buscar uma segunda graduação geralmente ocorre quando há um desejo de mudança de área profissional, insatisfação com a área atual, busca por novas habilidades e conhecimentos, ou a percepção de que uma segunda graduação pode abrir mais portas no mercado de trabalho. Além disso, a busca por crescimento pessoal e a realização de sonhos também podem motivar essa decisão.

A tomada de decisão referente à escolha profissional pode ser considerada como os momentos mais relevantes na trajetória de um indivíduo, representando não apenas a definição do tipo de ocupação a ser desempenhada, mas também a seleção do ambiente de trabalho desejado. No entanto, são diversas as situações que envolvem a escolha da segunda profissional — seja por insatisfação, busca por realização pessoal, ou redefinição de projetos de vida — este processo assume uma complexidade ainda maior. Isso porque, nesse contexto, a escolha não está relacionada apenas a expectativas abstratas ou idealizações juvenis, mas construída a partir de experiências acumuladas, reflexões críticas sobre o percurso anterior e um autoconhecimento desenvolvido (ALMEIDA; MAGALHÃES, 2011).

A escolha de uma nova profissão pode ser compreendida como um momento de ressignificação existencial, no qual valores, identidades e pertencimentos são revisitados e reconstruídos. Essa dinâmica revela o caráter processual do desenvolvimento profissional e existencial, indicando que as mudanças de percurso não são apenas rupturas, mas também oportunidades de autenticidade e autoafirmação. Trata-se de uma forma de compreender o mundo a partir da própria experiência — aquilo que Heidegger (2008) descreve como a facticidade imposta pela vida cotidiana — ou de construir-se continuamente, como defende Sartre (2007), em uma existência que se faz no exercício da liberdade, sem essência pré-definida. Nesse sentido, a escolha por uma segunda graduação pode representar a superação

de circunstâncias paralisantes e favorecer a apropriação consciente da própria condição, possibilitando afirmar-se como uma existência autêntica.

Observou-se na maioria dos relatos que o momento de decisão em cursar a segunda graduação foi desencadeado pela pandemia de Covid-19:

A segunda graduação veio no momento da pandemia (CATITA).

Eu acredito que foi na pandemia (BIL).

Quase no fim da pandemia (HESED).

Foi nessa época da pandemia (MARÍLIA).

Esse fato pode estar relacionado aos diversos efeitos ocasionados pela pandemia de Covid-19. Para além das implicações sanitárias, gerou transformações sociais e econômicas, bem como impactos psicológicos na população. A iminência da morte, trazida pela COVID-19, pode ser entendida como um "chamado" para uma existência autêntica. Diante da finitude escancarada, alguns podem ter sido impulsionados a refletir sobre o sentido de suas vidas, suas escolhas e seus valores, buscando viver de forma mais consciente e responsável por si, pelo que se é.

A escolha por iniciar uma segunda graduação durante a pandemia pode ser interpretada à luz do conceito de autenticidade em Heidegger (2008). O contexto de crise sanitária, ao colocar os indivíduos diante da finitude e da possibilidade real da morte, funcionou como um chamado para repensar o próprio modo de existir, estimulando a busca por um projeto de vida mais autêntico. Essa motivação apareceu de forma recorrente nas narrativas dos participantes, que associaram o interesse pela segunda graduação diretamente ao período pandêmico. Do mesmo modo, a angústia descrita por Sartre (2007), surgida da consciência da condição mortal, atua como força propulsora para a construção de si. Nessa perspectiva, a segunda graduação não se limita a uma escolha acadêmica, mas configura-se como um espaço de significados e ressignificações, o que Bachelard (1993) descreve como um processo de territorialização.

O sofrimento causado pelo novo coronavírus trouxe à tona a reflexão sobre o fatalismo, a brevidade da vida e a proximidade constante da morte, especialmente diante do cenário em que o número diário de vítimas da doença era amplamente divulgado. A aproximação do extinguir da vida é uma temática presente na filosofia existencialista. Isso porque, para Heidegger (2008), em sua obra "Ser e Tempo", é inserida a ideia de "Ser-para-a-morte" (Sein zum Tode). De acordo com o pensador alemão, a morte não é um algo que

ocorre no fim da vida, mas sim uma possibilidade constante e inerente à própria existência do Dasein (o ser-aí, o ser humano). A consciência da própria mortalidade, ou seja, a consciência sobre da morte é o que permite ao Dasein viver uma existência autêntica, assumindo suas escolhas e sua finitude de forma plena.

De modo semelhante, em Sartre (1997), a angústia diante da finitude atua como força motriz para a afirmação do existir, impulsionando o indivíduo a fazer de si mesmo a sua própria obra. Trata-se de um movimento de construção singular, no qual a subjetividade se traduz em territorialidades constituídas pela forma como o sujeito percebe e habita o mundo, conforme apontado por Merleau-Ponty (2007). Nessa mesma direção, Frankl (2008) acrescenta que a busca de sentido é a principal força motivadora da vida humana, orientando escolhas que possibilitam ao sujeito afirmar-se autenticamente diante das circunstâncias.

A liquidez das relações sociais e profissionais, possivelmente, foi acentuada no período da pandemia. A instabilidade e a falta de garantias no mercado de trabalho tradicional, já características da modernidade líquida de Bauman (2021), tornaram-se ainda mais evidentes. Nesse cenário, a busca por uma "profissão dos sonhos" pode ser interpretada como uma tentativa de encontrar um ponto de ancoragem, um sentido de propósito e autenticidade em meio à fluidez e à incerteza. O sonho, nesse contexto, provavelmente, representa uma forma de resistência à corrosão dos laços, oferecendo uma promessa de realização pessoal e estabilidade subjetiva.

A pandemia pode ter impulsionado uma reavaliação dos significados atribuídos ao "capital" em determinados campos profissionais. A busca por uma "profissão dos sonhos" frequentemente envolve a valorização de um capital cultural — conhecimentos, habilidades e interesses pessoais — que, em muitos casos, não era plenamente reconhecido ou explorado no mercado formal. Ao investir nesse projeto, o indivíduo procura converter esse capital cultural em capital simbólico, expresso em formas de reconhecimento, prestígio e satisfação pessoal, ainda que isso implique uma reconfiguração do capital econômico, conforme propõe Bourdieu (2021). Nesse sentido, a pandemia, ao desestabilizar hierarquias tradicionais, abriu espaço para que esses capitais "alternativos" assumissem maior relevância nas escolhas de carreira.

A experiência vivenciada com as medidas restritivas decorrentes da pandemia também pode ter sido o catalisador para uma percepção dolorosa: a de que a profissão atual não se alinhava aos anseios do indivíduo. Em muitos casos, o ambiente de trabalho tornou-se um território do qual se desejava não mais fazer parte, evoluindo até mesmo para uma aversão. Essa desilusão vivenciada pode ter sido um fator propulsor na busca por uma nova

graduação, percebida como uma oportunidade de realizar desejos e sonhos que estavam reprimidos ao longo do tempo. Essa dinâmica se alinha à perspectiva de pensamento de Relph (2021) sobre o “sentido de lugar”, ao destacar como experiências e sentimentos pessoais influenciam a construção de novos caminhos e pertencimentos acadêmicos e profissionais. Dessa forma, a escolha por uma nova formação representa não apenas uma resposta a insatisfações passadas, mas também um movimento em direção à concretização de aspirações e à ressignificação do próprio percurso.

Segundo Relph (2021) os conceitos de topofilia e a topofobia podem ser utilizados para explicar as relações afetivas com os lugares. No contexto profissional, o desejo de deixar uma carreira pode ser compreendido como uma expressão de topofobia — um sentimento de rejeição ou desconforto em relação ao ambiente de trabalho atual, considerado o espaço que não corresponde às expectativas ou necessidades pessoais. Por outro lado, a busca pela realização de um sonho, representada pela decisão de iniciar uma segunda graduação ou trilhar um novo caminho profissional, reflete a topofilia: o impulso de se aproximar de um novo lugar, de experimentar vivências inéditas e de construir uma trajetória mais alinhada aos próprios desejos e valores. Assim, a transição de carreira pode ser vista como o movimento entre a aversão a um espaço antigo e a atração por um novo território, onde seja possível encontrar sentido, pertencimento e realização.

A escolha por uma nova graduação, portanto, conecta-se ao conceito de sentido de lugar de Relph (2021), pois envolve a busca por pertencimento, identidade e significado em novos contextos. Trata-se de um processo de ressignificação pessoal, no qual o indivíduo procura um ambiente onde possa reconstruir sua trajetória, desenvolver-se e encontrar propósito, reafirmando a importância dos lugares — físicos e simbólicos — na formação da identidade e na realização de projetos de vida.

A pandemia, ao impor o isolamento social, intensificou a experiência de solidão e a confrontação com a própria individualidade diante da morte — um evento que, conforme Heidegger (2008), é sempre “meu” e intransferível. Nesse contexto, o isolamento, somado à percepção de oportunidade e à possibilidade de concretizar um projeto pessoal, emergiu como justificativa recorrente para a decisão de iniciar uma segunda graduação durante o período pandêmico, como se observa abaixo:

A segunda graduação veio no momento da pandemia. Então, assim, juntou, para mim, o útil ao agradável (CATITA).

E aí foi nesse momento, durante a pandemia, que eu comecei a refletir sobre a questão das minhas escolhas, sobre tomar iniciativa, baseado naquilo que realmente eu queria fazer (BIL).

Quase no fim da pandemia, assim, eu falei, poxa vida, podia fazer psicologia, podia meio que realizar meu sonho, né? (HESED).

O isolamento social, ao mesmo tempo em que trouxe desafios, possivelmente, proporcionou espaço para que muitos repensassem suas trajetórias profissionais e buscassem a realização de sonhos antigos por meio de uma nova graduação. Podem ter encontrado nesse contexto justificativas para buscar uma nova formação, seja pela necessidade de adaptação, pelo desejo de realização pessoal ou pela oportunidade de repensar trajetórias. A oportunidade de investir em si mesmo, aliada à flexibilidade do ensino remoto, tornou-se justificativa para quem decidiu transformar o período de pandemia em um momento de crescimento e mudança.

Ao decidirem iniciar uma segunda graduação, os indivíduos realizam uma escolha nítida e intencional dentro de um horizonte mais amplo de possibilidades. Essa decisão pode ser compreendida a partir da noção heideggeriana de ser-para-a-morte, que remete à consciência da finitude como elemento estruturante da existência. A reflexão sobre a brevidade da vida e a inevitabilidade da morte impulsiona o sujeito a voltar-se para si mesmo, a reconsiderar seus projetos e a investir na construção de algo significativo e duradouro em sua trajetória. A consciência da morte quando ela é uma possibilidade muito vizinha, como foi na pandemia da COVID19, “força” as pessoas a repensarem seus propósitos e o que viveu até então. Nesse momento delicado, angustiante, compreender de forma mais visceral que somos mortais, como foi o caso do período pandêmico em nossa história recente, aquilata melhor nossas decisões e, desse modo, nossas escolhas. Tanto é crível essa percepção fenomenológica de Heidegger, que a maior parte das respostas dos entrevistados foi nessa direção, ou seja, a decisão de cursar uma segunda graduação veio na pandemia do novo corona vírus. De modo similar, como anteriormente assinalado, é a angústia de Sartre (2007) sobre a consciência da mortalidade que nos impulsiona a construir uma existência, um lugar de significados (Relph, 2021), como em uma segunda graduação.

Durante períodos de crise, como a pandemia, muitos indivíduos se depararam com a inautenticidade presente em suas vidas. A negação da finitude, a busca incessante por distrações e a evitação da responsabilidade individual — características associadas a uma existência inautêntica segundo a perspectiva existencialista —, foram confrontadas pela realidade imposta pelo contexto pandêmico. Estas circunstâncias evidenciaram a limitação

humana e trouxeram à tona questões fundamentais sobre o sentido da vida, a liberdade e a responsabilidade diante da própria existência. Nesse cenário, buscar uma nova graduação ou realizar um antigo anseio pode ser uma tentativa de se aproximar de um "lugar de afinidades" – a topofilia de Relph (2008). Ou, ainda, de considerar um capital simbólico (Bourdieu, 1983) em vez de apenas o capital financeiro. Essa busca impulsiona o indivíduo a encontrar uma nova identidade ao cursar a profissão desejada.

É nesse contexto de facticidade, no instante mais concreto da vida e da morte, que surge o cuidado com o existir, o Sorge de Heidegger (2008). Esse momento constitui uma oportunidade para que o indivíduo se expresse, construa sua própria trajetória e alcance uma forma de existência autêntica. Trata-se do movimento que Kierkegaard (2010) descreve ao afirmar que “escolher é existir”, enfatizando a decisão como fundamento da autenticidade.

O território, no campo educacional, profissional e social abrange um contexto para além da delimitação geográfica. É compreendido como um espaço construído a partir das relações sociais, culturais, econômicas e políticas que nele se estabelecem. Na visão de Rolnik (2016), o território é resultado da dinâmica social, formado pelos percursos diários, relações de trabalho, estudo e convivência, sendo constantemente ressignificado pelas experiências dos sujeitos que o habitam. Pode ser considerado também agente ativo: não apenas cenário, mas participante do processo formativo. Envolve espaços formais e informais de aprendizagem, como escolas, bairros, trajetos e ambientes virtuais, e é permeado por múltiplas oportunidades educativas. Assim, a identidade, o pertencimento e as experiências vividas nesse território influenciam diretamente as escolhas e trajetórias dos indivíduos.

A escolha por uma segunda graduação pode ser entendida como um movimento de transição entre territórios: do conhecido para o novo, do insatisfatório para o desejado, do pertencimento antigo para a construção de um novo sentido de lugar. Esse processo é influenciado tanto pelas condições objetivas do território (oportunidades, demandas, redes) quanto pelas subjetividades e aspirações do indivíduo, mostrando que território e trajetória acadêmica estão intrinsecamente conectados.

Categoria 2: Motivações para cursar a segunda graduação

Nessa categoria, buscou-se identificar os fatores, razões ou desejos que conduziram o indivíduo em tomar a decisão de iniciar uma nova formação acadêmica de nível superior. Ou seja, compreender como a segunda graduação se aproxima do projeto profissional inicial e, por alguma razão ou circunstância, não conseguiu realizar.

Para Tolfo e Piccinini (2007), a decisão de uma nova carreira profissional resulta de um processo multifacetado, influenciado tanto pela capacitação previamente adquirida quanto pelas oportunidades oferecidas pelo mercado, condições socioculturais e distintas influências sociais. Ao optar por iniciar um segundo curso de graduação, o indivíduo visa não apenas adquirir novas competências, mas também expandir seus horizontes profissionais, promovendo a chamada horizontalização da formação. Essa horizontalização refere-se à ampliação do repertório de conhecimentos e habilidades, permitindo ao profissional transitar por diferentes áreas do saber e aumentar sua adaptabilidade diante das mudanças no mercado de trabalho. Esse movimento não implica apenas diversificação técnica, mas revela também uma busca por realização pessoal, atualização e ressignificação dos próprios projetos de vida.

Para vários entrevistados, fica evidente que as motivações em cursar a segunda graduação estão relacionadas a um desejo antigo, um sonho e oportunidade de crescimento profissional:

Era um desejo antigo (CATITA).

Eu queria fazer desde o início (BIL).

Podia meio que realizar meu sonho, ne? (HESED).

O interesse sempre existiu. É, na verdade, a psicologia, meu primeiro curso de interess (PEDROV).

E aí veio minha segunda graduação, onde eu comecei a viabilizar essa segunda vontade de realmente ver algo que talvez estivesse mais a ver comigo (RAFAEL).

Essas motivações podem envolver aspectos profissionais, como a busca por melhores oportunidades no mercado de trabalho, necessidade de atualização ou mudança de carreira, bem como fatores pessoais, como realização de um sonho, satisfação intelectual, interesse por novas áreas do conhecimento ou vontade de se reinventar. Provavelmente, são os impulsos que justificam e sustentam a escolha de investir em uma nova trajetória acadêmica, visando crescimento, adaptação e realização pessoal e profissional.

A escolha da segunda graduação na perspectiva de Chiocca; Favretto e Favretto (2016) simboliza um momento de reflexão crítica sobre a trajetória percorrida, representando uma resposta tanto às demandas externas quanto ao desejo interno de transformação e atualização contínua, elementos fundamentais para o desenvolvimento profissional e existencial.

O desejo antigo em cursar a segunda graduação, possivelmente significa uma vontade ou objetivo que persiste ao longo dos anos e pode estar relacionado a conquistas pessoais,

profissionais, acadêmicas ou afetivas. Geralmente, carrega um valor emocional especial, pois representa algo significativo que foi adiado, mas nunca esquecido.

Então, sempre fiquei com essa sementinha plantada aí, né? Desde sempre. O jornalismo foi a primeira escolha em função de valor de mensalidade. (...) A psicologia ficou lá guardadinha, a sementinha, e aí fui fazer jornalismo (CATITA).

Esse desejo pode ser um elemento que vai além de uma decisão acadêmica. Possivelmente representa um desejo ou objetivo que persiste ao longo dos anos, mantendo-se vivo mesmo diante de obstáculos, mudanças de contexto ou prioridades. Mesmo que adiado, carrega um valor emocional especial e pode estar relacionado a diferentes dimensões da vida. Portanto, a escolha profissional pode se caracterizar como uma forma de habitar um território de trabalho que pertence ao indivíduo, um espaço onde sua existência pode florescer em sua plenitude.

Ao se estabelecer uma conexão entre o conceito de território e a decisão de cursar uma segunda graduação a partir das experiências prévias em distintos espaços, é possível recorrer ao conceito de território proposta por Haesbaert (2014). Segundo o autor, o território não se limita a uma dimensão físico-geográfica, mas abrange também aspectos simbólicos, identitários e relacionais. Assim, a reflexão sobre trajetórias anteriores e vivências nesses distintos contextos pode influenciar a busca por novos territórios de atuação e aprendizado, motivando a escolha por uma nova formação acadêmica como forma de reconstruir pertencimentos e reconfigurar a própria identidade. Ao optar pela segunda graduação, o sujeito está muitas vezes engajado em um processo de ressignificação do seu lugar no mundo, reconstruindo sua identidade acadêmica e profissional em um novo território — simultaneamente simbólico e concreto.

A escolha pela graduação de jornalismo provavelmente não está relacionada a desejo, sonho ou personalidade e, sim, a um aspecto pragmático, acessível, qual seja, o econômico, o valor da mensalidade do curso. Ao comparar a primeira e a segunda graduação, Catita relata que a escolha inicial esteve condicionada ao valor acessível da mensalidade. Já a opção posterior, pela Psicologia, é descrita como uma “sementinha” que permaneceu guardada ao longo do tempo. Essa narrativa revela a expressão do ser em sua autenticidade, na medida em que a decisão dialoga com o mundo vivido e com sua própria subjetividade — movimento que Heidegger (2008), em *Ser e Tempo*, descreve como constitutivo da existência autêntica.

A "sementinha" de CATITA pode ser analisada a partir do conceito de territorialidade na geografia humanista, especialmente com base nos estudos de Haesbaert (2014). Para o autor, a territorialidade não se restringe ao domínio físico, mas abrange também dimensões simbólicas, subjetivas e relacionais na construção dos territórios. Isso significa que o território é produzido tanto por apropriações concretas quanto por experiências, identidades e sentidos atribuídos por indivíduos ou grupos sociais. Nesse contexto, as percepções de CATITA sobre si mesma — reforçadas pela observação de terceiros — exemplificam a territorialidade como qualidade subjetiva, ligada à consciência do próprio espaço de vida:

Era um desejo antigo, psicologia, daquelas que todos os colegas, amigas falavam assim, você podia fazer psicologia, você tem paciência para ouvir, você escuta, você é boa para aconselhar, aquela coisa toda (CATITA).

A realização de um sonho antigo profissional está frequentemente associada a um processo de amadurecimento fruto das experiências ao longo da vida. Ao adquirir vivências diversas — seja no campo pessoal, acadêmico ou profissional — o indivíduo desenvolve competências, autoconhecimento e uma percepção mais realista sobre seus próprios desejos e capacidades. Isso revela o impacto da maturidade na tomada de decisões vocacionais, demonstrando que o acúmulo de experiências possibilita escolhas mais conscientes, alinhadas tanto com interesses pessoais quanto com valores construídos ao longo do tempo.

A identidade construída em determinado território, seja ele material ou simbólico, manifesta-se na forma como CATITA se reconhece e é reconhecida pelos outros, conectando experiências pessoais e coletivas ao espaço vivido. Assim, reforça-se que a territorialidade envolve não apenas o pertencimento a um local, mas também a produção de significados e referências simbólicas essenciais para a constituição da identidade.

O ato da escuta ativa, bem como a paciência e atenção às considerações das amigas sobre CATITA contribuiu para o estabelecimento da territorialidade — nos termos da geografia humanista de Haesbaert (2014), que entende o território como construção relacional, envolvendo tanto dimensões materiais quanto simbólicas e afetivas. Por meio da incorporação dessas experiências intersubjetivas, CATITA desenvolveu um senso de pertencimento e consolidou sua identidade profissional, evidenciando a formação de um “território vivido” na perspectiva existencial e social. A chamada “sementinha” representa, nesse contexto, o processo de edificação da existência — fruto da assimilação ativa das relações sociais e do sentido atribuído ao mundo e à experiência individual.

Essa edificação existencial foi determinante para que CATITA optasse por uma segunda graduação, mobilizando, assim, a capacidade de transformar o vivido em projeto e expressão das próprias subjetividades. Tal movimento caracteriza a ruptura com a letargia e a inautenticidade, ao assumir de forma consciente a relação de si para com o mundo. Trata-se do momento em que, conforme a fenomenologia existencial de Heidegger (2008), o Dasein afirma sua existência autêntica, compreendendo o alcance e a responsabilidade de suas escolhas diante do ser-no-mundo. É a construção da existência (Sartre, 1997).

A ruptura com a inautenticidade e a possibilidade do ser expressar, foi também observada em algumas falas:

Aquelas opções que a família normalmente te coloca ali, eu acabei me deixando levar. Durante a pandemia, eu comecei a refletir sobre a questão das minhas escolhas, sobre tomar iniciativa, baseado naquilo que realmente eu queria fazer desde o início (BIL).

Então, eu venho para a Psicologia com outro olhar, que é o olhar de quem fez essa caminhada toda e, de certa forma, é realizar esse sonho que foi, no meu caso, foi podado à época, em razão do contexto de homofobia familiar (PEDROV).

E agora, já exercei a profissão, aposentei, aí voltei para a faculdade para fazer a segunda graduação, que era de meu interesse. Psicologia (MARÍLIA).

Esse entendimento da escolha profissional frequentemente ser delineada e orientada pela família possivelmente, foi considerada como normal e adequada para o entrevistado. Pode-se considerar que as pressões e expectativas familiares desempenham um papel fundamental na escolha profissional. Há uma possível imposição da continuidade de ofícios familiares, onde filhos seguiam os passos de pais e avós, perpetuando tradições e valores.

A influência da família no processo de escolha e planejamento de carreira dos indivíduos é considerada por Terruggi; Cardoso e Camargo (2019) como um fator determinante, agindo de forma direta ou indireta sobre as decisões profissionais dos jovens. A família exerce papel central ao transmitir valores, expectativas, recursos e modelos de comportamento que podem tanto ampliar quanto restringir as possibilidades de escolha dos seus membros.

De acordo com Faria e Ponciano (2018) é comum que a escolha profissional seja fortemente influenciada pelas expectativas familiares; em muitos casos, jovens se sentem inclinados a seguir trajetórias valorizadas pela família, independentemente do seu próprio interesse ou identificação. Nessas situações, a família atua, ao mesmo tempo, como rede de suporte e como agente regulador das decisões — podendo contribuir para uma escolha bem-sucedida ou dificultar o processo de autonomia e realização pessoal. Consideram que o

suporte familiar — entendido como o incentivo emocional, financeiro e informacional — está positivamente associado ao aumento da autoeficácia na tomada de decisões de carreira, à satisfação acadêmica e à resiliência diante de desafios profissionais. Por outro lado, a imposição de expectativas rígidas ou a priorização de determinados caminhos, sem considerar as aspirações e aptidões individuais, pode provocar sentimentos de alienação, insegurança e até mesmo dificultar o desenvolvimento de uma identidade vocacional autêntica.

A expressão "*deixando-me levar*" remete ao conceito de inautenticidade de Heidegger (2008), onde o Dasein se perde no mundo do '*se*', agindo conforme as expectativas sociais e não a partir de suas próprias possibilidades. A facticidade (Heidegger, 2008) da vida, influenciada por valores e territorialidades familiares, a levou a uma escolha que não refletia seu desejo genuíno. A reflexão desencadeada pela pandemia, período de intensa confrontação com a finitude, serviu como um catalisador para tomar uma iniciativa autêntica, alinhada com o que ela "*realmente queria fazer desde o início*", evidenciando a busca por uma existência mais fiel a si mesma.

A fala do participante PEDROV é elucidativa ao afirmar que em razão das circunstâncias de sua vida— notadamente o contexto familiar marcado pela homofobia —, não pôde inicialmente cursar a graduação de sua real preferência. Esse relato evidencia o conceito de facticidade elaborado por Heidegger (2008), compreendida como o conjunto de condições concretas, inescapáveis e contingentes nas quais o indivíduo está lançado. O impeditivo familiar associado à homofobia configurou-se como barreira determinante na escolha profissional inicial, condicionando suas possibilidades de ação. Apesar dessas limitações impostas pelo contexto, a motivação para realizar o sonho de formação acadêmica autêntica permaneceu latente, constituindo-se como um elemento essencial para a ruptura da inautenticidade vivida até então. A decisão de buscar uma segunda graduação revela-se, nesse sentido, como movimento existencial de afirmação do próprio ser, em busca de realização pessoal genuína. Assim, a trajetória do participante exemplifica o processo heideggeriano pelo qual o Dasein, ao reconhecer e confrontar suas condições factuais, mobiliza-se em direção à autenticidade por meio de escolhas alinhadas a seus projetos e desejos mais essenciais.

As vivências dos participantes, que por diferentes caminhos alcançam a profissão desejada, nos remetem à topoanálise de Gaston Bachelard, explorada em sua obra "A Poética do Espaço" (1993). Bachelard exemplifica esse conceito ao descrever a casa como um espaço simbólico fundamental, repleto de memórias, sonhos e afetos, revelando a dimensão poética e íntima do território através de suas imagens evocativas.

Ao aplicar a topoanálise à profissão entendida como território simbólico, é possível entender que o desejo de seguir determinada carreira, assim como os fatores que motivam essa escolha, estão ligados ao universo íntimo e afetivo do indivíduo. Segundo Bachelard (1993), a topoanálise investiga os espaços internalizados e suas ressonâncias emocionais, destacando como as imagens e simbolismos associados a certos territórios — neste caso, a profissão — são construídos ao longo das experiências pessoais, familiares e sociais. As representações que uma determinada profissão evoca são, portanto, fruto das vivências singulares do sujeito e integram seu imaginário afetivo. No momento da escolha profissional, tais imagens internalizadas tornam-se conscientes, orientando ou mesmo motivando a decisão. Dessa forma, a profissão deixa de ser apenas um campo objetivo de atuação para se configurar como uma expressão simbólica de pertencimento e realização subjetiva, evidenciando o papel central dos afetos e das experiências anteriores na construção dessa escolha.

A busca pela profissão dos sonhos, frequentemente impulsionada por anseios e uma reavaliação de valores — como se observou em período de grande incerteza —, encontra um eco particular na perspectiva de Relph (2008) sobre o sentido de lugar. Para muitos, a carreira não é apenas um meio de subsistência, mas um território existencial que molda a identidade e o bem-estar. Assim, a escolha por uma profissão idealizada, que desejou realizar, representa um movimento em direção à topofilia — o amor profundo e a conexão com um lugar, neste caso, o "lugar" da própria atuação profissional. Distanciar-se de uma ocupação que gera desconforto ou descontentamento, portanto, equivale a afastar-se de um espaço de topofobia, onde a aversão ao ambiente de trabalho reflete um desencontro com os próprios anseios. Realizar o sonho profissional, nesse sentido é edificar um sentido de lugar autêntico e gratificante.

Vários participantes consideram que o motivo para cursar a segunda graduação era um interesse que se originado na adolescência, ou alinhado a sua personalidade. Consolida-se, assim, a ideia de que havia uma motivação particular e latente no indivíduo para dedicar-se a uma profissão específica. No entanto, circunstâncias da vida — como fatores financeiros, sociais ou familiares — impediram a realização dessa escolha no primeiro momento.

O processo vivido pelos participantes exemplifica o movimento heideggeriano de busca pela autenticidade, na qual o Dasein, ao reconhecer as limitações factuais e o distanciamento inicial daquilo que realmente deseja, se mobiliza para afirmar sua existência genuína por meio de escolhas que estejam alinhadas com sua identidade e seu projeto de vida. Assim, a reapropriação do desejo antigo, por meio da segunda graduação, traduz-se num ato

existencial de afirmação autêntica, em consonância com os preceitos da filosofia existencialista de Heidegger.

O sentimento de pertencimento a uma profissão e a vivência desse campo como um território simbólico — conforme a concepção de Haesbaert (2014), que amplia a noção de território para além do espaço físico, incluindo dimensões subjetivas e identitárias — exerceu papel motivador para muitos participantes. Esse apego simbólico ao “território” profissional impulsionou a busca e a concretização do sonho de cursar uma segunda graduação, na tentativa de retomar a “sementinha” do desejo autêntico e pessoal, promovendo, assim, a superação da inautenticidade. A segunda graduação pode ser considerada como lugaridade (Relph, 2008), ou seja, o lugar do afeto, de uma territorialidade construída a partir do vínculo emocional e de significados. Dessa forma, a segunda graduação emerge não apenas como uma escolha acadêmica, mas como um espaço existencial de autenticidade, onde o sujeito reinscreve sua identidade e projeta novos sentidos para sua trajetória de vida.

TEMÁTICA 2: Influência da primeira graduação na escolha da segunda

Essa temática aborda a influência que a primeira graduação pode acarretar na escolha da segunda. A opção pela segunda formação superior pode ser entendida como o processo pelo qual as experiências, conhecimentos e competências adquiridos durante a formação inicial orientam, condicionam ou enriquecem a decisão por uma nova trajetória acadêmica. Essa relação manifesta-se tanto em aspectos objetivos — como o aproveitamento de disciplinas, encurtando o tempo de formação e facilitando a transição entre áreas correlatas — quanto subjetivos, como a busca por realização pessoal, insatisfação com a primeira escolha, amadurecimento profissional e desejo de ampliar horizontes de atuação.

A primeira graduação no entendimento de Chiocca; Favretto; Favretto (2016) proporciona uma base intelectual e prática, bem como visão ampliada sobre o campo do conhecimento. Pode motivar a busca por uma formação complementar ou por uma mudança de carreira. A segunda graduação é frequentemente escolhida para aperfeiçoar e atualizar competências profissionais em resposta às demandas do mercado de trabalho; ampliar o campo de atuação e as oportunidades de empregabilidade; desenvolver habilidades interdisciplinares e inovadoras; buscar satisfação pessoal e alinhamento com novos interesses ou valores e potencializar o networking e as conexões profissionais. Além disso, a experiência prévia e a maturidade adquiridas na primeira graduação facilitam o processo de adaptação à

nova formação, tornando o indivíduo mais preparado para os desafios acadêmicos e para o aproveitamento das oportunidades que surgem ao longo do novo percurso.

Ao investigar as conexões e contribuições da primeira graduação para a segunda, notou-se um padrão consistente: a maioria dos participantes relatou que houve, de fato, uma influência. Contudo, revelou-se distintas perspectivas, como pragmatismo ou vivência no processo de trabalho, elementos que traduziram conexões ou contribuições da primeira graduação a influenciar a escolha da segunda.

Categoria 1: Contribuição da primeira graduação na escolha da segunda

Essa categoria busca identificar como a primeira graduação contribuiu com subsídios teóricos, práticos e reflexivos, orientando o indivíduo na busca por uma reorientação de carreira ou uma expansão de possibilidades profissionais. Ou seja, refere-se ao conjunto de influências, aprendizados e experiências adquiridos durante a formação inicial que impactam, direta ou indiretamente, o processo decisório do indivíduo ao optar por um novo curso superior. Essa contribuição pode se manifestar por meio do desenvolvimento de competências acadêmicas e profissionais, da ampliação da visão crítica sobre diferentes áreas do conhecimento, do reconhecimento de interesses e aptidões pessoais, bem como da identificação de limitações ou insatisfações na trajetória anterior.

A primeira graduação pode ser considerada uma territorialidade construída a partir da vivência cotidiana com as funções da profissão escolhida. Essa experiência envolve a consolidação de rotinas que promovem o aperfeiçoamento profissional, o desenvolvimento de vínculos afetivos com o trabalho realizado, e a elaboração de uma identidade ligada ao ofício advindo da formação. Assim, a graduação inicial torna-se, muitas vezes, um espaço simbólico de pertencimento — uma topofilia, nos termos de Tuan (2013) —, onde o indivíduo constrói sentidos, valores e referências que marcam sua trajetória e sua relação com o mundo profissional.

As experiências vividas podem constituir motivações que contribuem para a escolha de uma segunda graduação, quando se identificam as similitudes ou elementos de interrelação entre diferentes áreas do conhecimento, revelando pontos de intersecção que favorecem a integração dos saberes:

Eu acho que sim, porque o Direito foi a primeira graduação, tinha lá a disciplina de Psicologia Jurídica, e eu gostava daquela disciplina (PEDROV).

Talvez a comunicação (jornalismo) tenha contribuído, de alguma forma, com a escolha da psicologia (HESED).

Então, assim, o meu desejo de fazer história era entender o mundo, compreender porque o mundo está do jeito que está hoje. Então, isso me ajudou bastante, porque agora na psicologia, eu vou entender o ser neste mundo (SALARZ).

Esses relatos indicam que a segunda graduação em Psicologia pode ser motivada por diversos fatores, como realizar um sonho antigo, realização pessoal, adquirir novas competências para o mercado de trabalho ou mesmo para atuar em áreas relacionadas à Psicologia. Além por mudança de carreira, complementaridade de conhecimentos, atualização profissional, desenvolvimento de novas habilidades e networking.

De acordo com Soares et al. (2018) a maturidade psicológica para a realização da escolha da segunda carreira profissional configura-se como um aspecto fundamental no processo de tomada de decisão vocacional. Esse constructo está relacionado à capacidade do indivíduo de integrar um conjunto de competências cognitivas, emocionais e sociais, assim como informações acerca de seus interesses e valores pessoais, acumulados ao longo do desenvolvimento. Essa escolha, portanto, envolve variáveis multifatoriais, incluindo aspectos sociais, afetivos e pessoais, que interagem dinamicamente no processo decisório. No contexto específico da Psicologia, observa-se que elementos como a busca pelo desenvolvimento pessoal, o aprimoramento de habilidades interpessoais e o desejo de compreender processos subjetivos também se apresentam como razões significativas para a opção por esse curso. Tais fatores indicam a relevância das dimensões intrapessoais e interpessoais na construção das escolhas profissionais entre futuros psicólogos, evidenciando a complexidade do processo de escolha nesse campo.

Buscar algo em um novo lugar, em um novo território, implica lançar raízes nesse espaço, produzindo experiências inéditas e construindo novas formas de significado. Tal processo gera uma territorialidade que emerge da vivência subjetiva e da apropriação simbólica, criando um território de identificação e pertencimento. Portanto, atribuir sentido ao lugar — seja no âmbito da primeira ou da segunda graduação — significa integrar esses dois “territórios”, promovendo uma articulação simbólica entre experiências acadêmicas distintas. Esse movimento possibilita compreender a lugaridade (Relph, 2008), como a experiência humana autêntica e significativa que confere identidade e valor a um território — neste contexto, a própria trajetória profissional. O lugar na concepção de Relph (2008) não significa apenas uma localização geográfica, mas como um centro de significados e afetos, constituído

pela relação experiencial entre o indivíduo e o espaço. Assim, o sentido do lugar emerge do envolvimento autêntico, das memórias e dos vínculos estabelecidos, configurando-o como elemento constitutivo da existência e da identidade profissional.

A contribuição da primeira graduação na escolha da segunda pode ser, compreendida, pragmaticamente sob uma perspectiva utilitarista. O utilitarismo, corrente filosófica fundada por Jeremy Bentham, defende o princípio da utilidade ou da maior felicidade, segundo o qual a ação humana, tanto no âmbito individual quanto coletivo, deve buscar maximizar a felicidade e minimizar o sofrimento (BENTHAM, 1974). Considerando essa premissa e a fluidez característica da modernidade, conforme a conceituação de Bauman em sua obra *Modernidade Líquida* (2001), marcada por dinâmicas competitivas e características específicas do sistema capitalista neoliberal, distinguir a utilidade da primeira graduação em contribuição com a escolha e, viabilização da segunda, equivale a maximização dos benefícios e o menor impacto negativo possível no percurso acadêmico e profissional. Nesse sentido, tal escolha pode ser entendida como uma estratégia racional que busca otimizar resultados, aproximando-se da lógica utilitarista de maximização do prazer (ou felicidade) e minimização do sofrimento.

Observou-se nas entrevistas que o pragmatismo emergiu como um elemento relevante na justificava para contribuição da primeira graduação na escolha da segunda. Sob essa perspectiva Marcos relatou que tal contribuição ocorreu “*porque eu não prestei vestibular. Eu entrei no curso de psicologia como portador de segundo título*,” evidenciando um ganho prático decorrente de sua formação anterior. De modo semelhante, Rafael apresentou uma resposta também de natureza pragmática ao afirmar que a primeira graduação “*contribuiu em saber como funciona uma graduação*”, apontando para a familiaridade com a dinâmica acadêmica como um facilitador no percurso formativo posterior.

Ambas respostas destacam um aspecto utilitarista, na medida em que indicam que as experiências prévias contribuíram para maximizar a satisfação —associada à “felicidade” — e minimizar eventuais dificuldades ou desconfortos no processo formativo, conforme propõe o princípio da utilidade. Essa perspectiva sugere que as vivências e o conhecimento adquiridos na primeira graduação desempenharam papel relevante na adaptação prática e eficiente — compreendida, neste contexto, como um processo de territorialização — ao ambiente acadêmico e às demandas específicas da segunda graduação.

Identificou-se também em alguns relatos uma convergência na valorização da vivência do processo trabalho como uma contribuição para a escolha da segunda graduação. Essa psicodinâmica do trabalho, em uma vertente fenomenológica, busca compreender o

sofrimento e o prazer experimentados a partir da perspectiva do próprio sujeito no trabalho (DEJOURS, 2018). Nessa abordagem, o trabalho não é concebido apenas uma atividade produtiva, mas também como um espaço fundamental para a construção da identidade e expressão do sujeito. Assim, o trabalho configura um campo onde o indivíduo se realiza, se constrói e atribui sentido à sua existência, expressando sua subjetividade em meio às complexas dinâmicas psíquicas e sociais envolvidas.

Essa construção, essa vivência no processo trabalho, corresponde à percepção que o sujeito intregra ao interagir com o mundo, conforme Merleau-Ponty, em sua obra *Fenomenologia da Percepção* (2018). Para Merleau-Ponty, a percepção não é um ato isolado da consciência, mas uma experiência encarnada, em que o corpo é sujeito e meio de interação com o mundo. Assim, o sujeito se constitui e se reconhece nesse diálogo corporal e perceptivo com o ambiente ao seu redor. Essa experiência dá origem a uma territorialidade simbólica, manifestada no território simbólico da profissão, que é compreendida e interpretada pelo sujeito. As respostas dos participantes denotaram, de forma significativa e predominante, esse processo, evidenciando também a construção de identidade e o sentimento de pertencimento vinculados à vivência profissional.

A gênese de uma escolha é um fenômeno capturado pela geografia humanista, que ao refletir sobre o conceito de territorialidade evidencia esse anidamento a um lugar carregado de significados. O impulso que aciona o movimento do ser humano, ou seja, a vontade, corresponde à uma visão ampliada para o existir e para o sentimento de pertencimento. Trata-se do cuidado com o existir, *o sorge* de Heidegger (2008), que dialoga com a noção sartriana de que somos “condenados a ser livres”. Quando a escolha se expressa na profissão, ali reside esse algo: a dimensão humana de nós mesmos, a *lugaridade*, conforme proposta por Relph (2008), que configura o lugar como a experiência humana autêntica e dotada de sentido. Essa articulação aponta para a intersecção entre território, identidade e existência, ressaltando que a escolha profissional não é meramente um ato racional, mas um processo existencial que reflete o entrelaçamento de significados, afetos e liberdade inerentes ao ser humano em sua relação com o mundo.

Entender que as contribuições da primeira graduação estabelecem um fio condutor relacionado à escolha por uma segunda profissão implica reconhecer e interagir com as vivências acumuladas até então pelo sujeito, traduzindo-as em uma linguagem de apropriação afetiva de um novo território — ainda não territorializado — representado pela segunda graduação. Estabelecer esse laço, refletir sobre ele, significa trazer à consciência e expressar

aquilo que foi construído ao longo de uma trajetória, seja acadêmica ou profissional, em um processo que envolve tanto a experiência de vida quanto o percurso no campo do trabalho.

Categoria 2: Conexão da primeira graduação com a segunda: pontes de saberes e experiências

Nessa categoria procurou destacar a relação e a influência entre as duas formações profissionais, valorizando a ideia de continuidade e diálogo entre trajetórias acadêmicas. A articulação entre as duas graduações pode potencializar a formação do indivíduo, tornando-o um profissional mais completo, preparado para atuar em contextos diversos e capaz de se destacar em um mercado cada vez mais exigente e dinâmico.

Para Chiocca; Favretto; Favretto (2016) integrar as competências desenvolvidas em duas graduações é uma estratégia eficaz para se tornar um profissional diferenciado e ampliar suas oportunidades no mercado de trabalho. Ao integrar as habilidades adquiridas em suas duas graduações, pode ocorrer uma ampliação da visão de mundo, desenvolvimento de competências únicas e posicionamento profissional inovador, preparado para os desafios e exigências de um mercado cada vez mais competitivo e interdisciplinar.

As conexões estabelecidas entre as experiências vivenciadas na primeira graduação e a transição para a segunda graduação revelam a forma como os entrevistados articulam seus aprendizados prévios com novas perspectivas, evidenciando tanto a interpretação que construíram sobre suas trajetórias acadêmicas quanto a compreensão que desenvolveram acerca do mundo:

Talvez, sim, em algum momento, a comunicação tenha, de alguma forma, me conduzido para a psicologia, no sentido de entender um pouco mais o ser humano, né? (HESED).

E isso eu acho que trouxe e só confirmou realmente o que eu já queria fazer, que era esse curso de psicologia nessa segunda graduação. Então esse relacionamento com essas pessoas, eu já tinha uma motivação e isso só intensificou (MARÍLIA).

Essa visão holística do paciente (...) Influenciou a minha escolha pela psicologia, porque ela vai agregar valor ao meu trabalho, vai agregar valor aos meus ensinamentos, aos meus alunos, sou professor do curso de odontologia (OLIVEIRA).

Essas falas indicam que a conexão entre diferentes graduações pode constituir-se num alicerce para a escolha de uma nova trajetória profissional. Esse processo ocorre quando

elementos observados e assimilados na primeira área de formação se mostram pertinentes e passíveis de aprofundamento na segunda. Pode-se considerar que há uma dinâmica de interação com o mundo, na qual a experiência do percebido contribui para a construção de um propósito elaborado de maneira reflexiva e pessoal.

No entendimento de Pavão (2020) a primeira graduação pode colaborar como pontes de saberes e experiências na elaboração de uma nova carreira profissional, ampliando possibilidades e fornecendo repertório intelectual, social e cultural para a execução consciente de uma segunda escolha. Essa transição é marcada por um processo de articulação de habilidades, ressignificação das trajetórias vividas e busca de novos significados para a carreira e para o próprio projeto de vida. Valoriza a ideia de interligação e construção contínua de conhecimentos e vivências, reforçando o caráter dinâmico e integrador entre as formações acadêmicas.

A articulação entre a primeira graduação e a segunda pode estar relacionada com a complementação e interligação de competências a partir de conhecimento, habilidades e networking que facilita a adaptação, o aprofundamento e a integração em uma nova área de formação. As expectativas profissionais e mercado de trabalho podem ser motivos para a escolha devido a possibilidade de agregar conhecimentos à primeira formação, tornando o profissional mais completo para o mercado de trabalho. A experiência prévia com a primeira graduação pode ser considerada como um diferencial no mercado, pois profissionais com duas graduações demonstram versatilidade, capacidade de adaptação e disposição para aprender. Essa formação permite aplicar conhecimentos da primeira área no novo contexto, facilitando a construção de soluções inovadoras e favorecendo novas possibilidades de atuação (MEDEIROS ANDERSON; TONATO; TAVARES, 2019).

Considerando a profissão como um território simbólico e a experiência profissional como uma forma de territorialidade, emerge, a partir da reflexão de Merleau-Ponty (2018) sobre a percepção do sentido, o conceito de multiterritorialidade. Este conceito sustenta a ideia de que os territórios profissionais se comunicam ou se conectam, a partir da subjetividade do indivíduo, fruto do vivido e do percebido experienciados pelo sujeito.

Observou-se em um relato o reconhecimento, durante a primeira graduação em Jornalismo, de elementos que dialogam e se complementam com a Psicologia — área escolhida para a segunda graduação — evidenciando uma compreensão ampliada das possibilidades de integração entre saberes:

A princípio, a comunicação, eu pensava justamente nessa questão de palestras, de oratória, e a comunicação tem tudo a ver, né? Psicologia e comunicação conversam, ne? (CATITA).

Esse relato demonstra que as vivências na área da comunicação possivelmente apresentam uma convergência de elementos entre as duas áreas. Pode indicar uma possibilidade ampliada de integração de saberes, tanto no campo científico quanto na prática profissional.

Na perspectiva de Leiria (2020) competências como análise crítica, produção textual e escuta ativa, desenvolvidas originalmente na graduação em Jornalismo, podem ser mobilizadas e ressignificadas durante a formação em Psicologia. Colabora potencializando o olhar interdisciplinar e a integração entre saberes, contribuindo para o desenvolvimento de identidades pessoal e profissional éticas.

TEMÁTICA 3: Intervalo de tempo entre a decisão de cursar uma segunda graduação e o início efetivo do curso

Essa temática apresenta algumas nuances envolvidas na decisão de cursar uma segunda graduação. Estas podem revelar múltiplas camadas e dimensões do indivíduo, refletindo seu processo interno de escolhas e decisões diante da perspectiva de uma nova profissão e uma nova realidade acadêmica. O intervalo de tempo entre a decisão de cursar uma segunda graduação e o início efetivo do curso pode variar, dependendo de diversos fatores como a escolha da instituição de ensino, o tipo de curso (presencial ou EAD), e a época do ano. Geralmente, esse período pode variar de algumas semanas a alguns meses, envolvendo a inscrição, processo seletivo, matrícula e o início das aulas.

O tempo, enquanto um dos problemas filosóficos mais antigos, tem sido objeto de reflexão ao longo da história. Na obra *Ser e Tempo* (HEIDEGGER, 2008), aborda uma questão fundamental: o que é o tempo? Questiona o conceito tradicional de tempo largamente aceito no Ocidente, formulado inicialmente por Aristóteles, que o reduz a uma medida ou número vinculados ao movimento. Nesse sentido, a concepção heideggeriana busca afastar-se dessa definição habitual, procurando pensar o tempo em si mesmo, sem recorrer à noção de medida do movimento. Ou seja, o ser humano é constituído pelo tempo, sendo ele próprio temporal.

O tempo é reconhecido como um fator influenciador da existência humana, assumindo significados distintos conforme o contexto histórico e as particularidades culturais

de cada indivíduo. De acordo com Silva; Paes e Moraes (2024) no Ocidente, nos últimos três séculos, ocorreu o processo de “absorção do tempo do relógio”, que passou a estruturar a organização das atividades diárias pela divisão rígida do tempo. O sucesso em diferentes esferas da vida depende da gestão eficiente desse recurso, sendo a educação uma dessas áreas em que seu manejo adequado é essencial para o desenvolvimento e a obtenção de resultados positivos.

Categoria 1: Momento entre a decisão de cursar a segunda graduação e o início efetivo do curso

Nessa categoria será descrita o momento da decisão como um intervalo temporal e psíquico em que o indivíduo transita da intenção para a concretização acadêmica. Esse período caracteriza-se por processos reflexivos, organizacionais e adaptativos, permeados por fatores afetivos, cognitivos e contextuais que se interagem para consolidar a decisão tomada, preparando o sujeito para o ingresso em uma nova trajetória educacional. Trata-se de um espaço de passagem entre a formulação de um projeto de vida e sua execução, marcado por expectativas, dúvidas, planejamento e reestruturação das rotinas pessoais e sociais.

Compreender uma decisão é avaliar o quanto de anseio está inserido em uma subjetividade. Este anseio, ou desejo, segundo Boss (2009) não é algo que se "tem", mas algo que se "é" em relação ao mundo. A escolha profissional é o momento em que o indivíduo deve refletir e articular sobre seu projeto de vida, buscando determinar a sua trajetória em relação ao futuro profissional. Na perspectiva de Dias; Soares (2012) as mudanças nas escolhas profissionais podem ser decorrentes de transformações nos interesses. Descobre que os motivos que o incentivou a fazer sua primeira escolha não são mais razões válidas atualmente e passam a se questionar sobre a função profissional que desempenham.

Algumas falas indicam que o intervalo entre a decisão de iniciar a segunda graduação e o ingresso efetivo no curso apresentam tempos variados:

Eu passei 21 anos para poder fazer o curso que eu queria. (...) Hoje a família vê essa questão da homossexualidade de outra forma (PEDROV).

Ó, bem, eu levei mais ou menos aí, acho que um ano e meio. Eu até brinco que se eu tivesse começado, quando eu decidi, no início da pandemia, eu já seria psicóloga, né? (HESED).

Em torno de dois anos, mais ou menos. Foi quando eu viabilizei a questão financeira (RAFAEL).

Esses relatos evidenciam a percepção do tempo como um fator sensível e significativo no processo de transição para uma nova trajetória acadêmica, demonstrando que o intervalo entre a decisão e a ação efetiva pode ser impactado por contextos externos, que podem repercutir na experiência subjetiva dos participantes. Além disso, o uso do humor ressalta uma estratégia de enfrentamento diante das incertezas e atrasos vivenciados nesse percurso.

O intervalo entre a decisão e sua efetiva realização pode indicar a maturação do processo decisório, representando um movimento de abertura ao mundo e de compreensão tanto deste quanto de si próprio, conforme a noção de *Dasein* proposta por Heidegger (2008). Nesse sentido, esse tempo não configura apenas uma espera temporal, mas um espaço significativo de reflexão, autoconhecimento e preparação para enfrentar novas experiências e desafios. É um momento em que o sujeito efetiva sua existência, responsabilizando-se pela escolha e construindo uma relação mais profunda com seu ser-no-mundo, evidenciando a dimensão existencial presente em processos de transição e mudança de vida. Esse intervalo pode ser compreendido também como um tempo de incubação identitária, no qual o sujeito reelabora narrativas de si.

Evidenciou-se na fala de PedroV que a família se constituiu em um obstáculo a seguir em frente com seus anseios. A família é o lugar das primeiras vivências e memórias, construção do afeto e da subjetividade. É considerado um território simbólico, um espaço onde irão surgir relações de poder a subverter ou impedir as ações e anseios dos integrantes do grupo familiar. Foucault (2017) argumenta que o poder não se restringe às grandes instituições (Estado, economia), mas se exerce em pequenos espaços e relações cotidianas, incluindo a família. Relata que a família pode funcionar como uma instituição normalizadora, com relações de poder assimétricas entre seus membros (pai e filho, irmãos).

A influência familiar é um dos fatores determinantes na decisão sobre a trajetória profissional dos indivíduos. Nesse contexto, a família não atua apenas como suporte, mas como agente ativo na construção das expectativas e escolhas de seus membros. Segundo Soares (2012, p. 78), a expectativa dos pais em relação ao futuro dos filhos vai além da escolha profissional, manifestando-se em todas as áreas da realização humana. Esperam não apenas que os filhos sigam uma profissão de nível superior, associada a um determinado status social, mas também que encontrem reconhecimento pessoal e sucesso em suas vidas.

Essa dimensão amplia a compreensão sobre os processos decisórios, evidenciando que as escolhas acadêmico-profissionais são permeadas por aspirações familiares que envolvem aspectos sociais, afetivos e culturais. Assim, a decisão por uma segunda graduação

pode ser influenciada pela histórica valorização familiar do sucesso educacional e profissional, além das expectativas de melhoria social e pessoal.

No contexto acadêmico, compreender o território na perspectiva simbólica ou imaterial implica em ultrapassar os limites de um espaço físico e geograficamente delimitado. Pois, abrange dimensões subjetivas, afetivas e relacionais que orientam o indivíduo em sua trajetória de formação e produção de conhecimento. O momento da decisão acadêmica pode ser compreendido como um deslocamento dentro desse território; uma travessia que ocorre no intervalo temporal e psíquico entre a intenção e a concretização. Esse intervalo não é um simples hiato neutro: trata-se de um espaço simbólico onde o indivíduo se movimenta entre reflexões, reconhece suas motivações e negocia possibilidades diante de condições reais. É nele que se estabelecem processos de organização interna, na medida em que o sujeito articula recursos cognitivos, elabora estratégias e se adapta a demandas externas.

O relato de Hesed evidencia como o intervalo de tempo entre a decisão e o ingresso no curso não se limita a questões institucionais ou financeiras, mas também pode ser influenciado por fatores culturais e familiares. O adiamento da escolha, provavelmente, esteve relacionado à necessidade de reconhecimento da própria identidade diante de um contexto social e familiar marcado por barreiras simbólicas. A mudança na percepção da família sobre a homossexualidade foi decisiva para que o sujeito pudesse concretizar sua intenção, revelando como o tempo de espera se configura como espaço de negociação com normas sociais e relações de poder. Nesse sentido, a decisão acadêmica emerge como conquista existencial, resultado de um processo de resistência e ressignificação de si diante de territórios normativos de pertencimento.

A fala de Rafael apresenta a dimensão material da decisão acadêmica, ressaltando que o tempo de espera também é condicionado por fatores socioeconômicos. O ingresso na segunda graduação foi postergado até que houvesse condições financeiras adequadas, revelando como a escolha profissional se entrelaça às desigualdades estruturais. O intervalo, nesse caso, não é apenas reflexivo, mas marcado por negociações concretas relacionadas à viabilidade de investimento em educação. Isso dialoga com a compreensão de Haesbaert (2014) de que os territórios da decisão não são apenas simbólicos, mas também atravessados por limitações materiais que delimitam fronteiras de possibilidade. O tempo de espera, portanto, pode ser lido como espaço de luta por recursos, em que o sujeito mobiliza estratégias para transformar desejo em realização efetiva.

Esse modo de entender o território permite abordar o momento da decisão acadêmica de maneira ampliada, percebendo-o como uma travessia por um território

simultaneamente concreto e imaterial. O intervalo temporal e psíquico em que o indivíduo transita da intenção para a concretização acadêmica pode ser compreendido, sob essa ótica, como ocupação e apropriação de um território simbólico. Nesse processo, a decisão não acontece em um vácuo, mas em um espaço delimitado por fronteiras subjetivas — medos, expectativas, desejos e memórias — e por redes de poder, cultura e pertencimento que atravessam o ambiente acadêmico.

O território é vivido, praticado e simbolizado, constituindo-se também como território-experiência (HAESBAERT, 2014). No contexto decisório, o sujeito aciona processos reflexivos, organizacionais e adaptativos, que são permeados pelos fatores afetivos, cognitivos e contextuais. Isso implica dizer que a decisão acadêmica emerge do entrelaçamento de múltiplos territórios: o das possibilidades individuais, o das exigências institucionais e o das dinâmicas socioculturais mais amplas que influenciam o fazer acadêmico.

Pode-se considerar que o território, portanto, não é apenas cenário, mas protagonista desse processo, ao estruturar os limites e as possibilidades do agir e do decidir. Afinal, como afirma Haesbaert (2014), apropriar-se de um território envolve apropriar-se de sentidos, de relações e de si — uma dinâmica essencial ao intervalo decisório em que a intenção se transforma em realização acadêmica. O momento da decisão pode ser visto como um espaço-tempo de territorialização simbólica: um momento em que o indivíduo, ao negociar sentidos, afetos e condições objetivas, consolida sua escolha e fortalece sua identidade acadêmica no tecido imaterial do território vivido.

Categoria 2: Influência de pessoas importantes e da família na validação da escolha para cursar a segunda graduação

Nesta temática são abordadas a influência de familiares, amigos próximos e figuras de referência na legitimação da decisão para cursar uma segunda graduação. Este processo não se limita à esfera individual, mas está imerso em dinâmicas de pertencimento, expectativas coletivas e negociações de significado social. Essa validação pode se manifestar de vários modos: apoio afetivo, incentivo material e reconhecimento simbólico. Todos esses elementos transitam pelo campo da validação social, em que o reconhecimento do outro contribui para fortalecer a autoconfiança e a convicção do indivíduo.

No âmbito das ciências sociais e da psicologia educacional, entende-se que decisões formativas, especialmente em etapas adultas da vida, se dão em contextos de

intersubjetividade, onde valores familiares, expectativas de realização e pertencimento ao grupo pesam fortemente no processo decisório. A família, por ocupar um espaço estruturante da identidade e do suporte emocional, pode servir de âncora ou de desafio ao projeto da segunda graduação. Da mesma forma, pessoas significativas — como mentores, professores ou pares — podem oferecer novas perspectivas, ampliar horizontes de possibilidade e impactar diretamente o sentido atribuído à escolha (CASAGRANDE; HERMANN, 2017).

No entendimento de Hermann (2017) a validação da escolha para uma segunda graduação está ancorada em um universo relacional, perpassado por processos de reconhecimento, negociação de expectativas e construção de sentidos compartilhados. Este movimento ressalta que a trajetória educacional é, ao mesmo tempo, individual e coletiva, marcada tanto por desejos próprios quanto pelas influências e validações de quem nos cerca. Uma intersubjetividade na qual há um diálogo do eu com o mundo, em seu ir e vir de se construir enquanto ser na vivência.

Essa intersubjetividade pode ser compreendida também como um território simbólico, no qual se produzem pertencimentos, reconhecimentos e expectativas sociais. Não se trata apenas de um espaço físico ou institucional, mas de um campo relacional onde circulam discursos, afetos e legitimidades. Como afirma Haesbaert (2014), o território é sempre híbrido — material e simbólico — e, nesse caso, manifesta-se nas experiências de validação ou contestação vividas pelo indivíduo em seu processo formativo. Assim, a decisão por uma segunda graduação é atravessada por territorialidades relacionais, que funcionam como fronteiras de possibilidade: em alguns contextos, a família e os pares atuam como legitimadores e sustentadores da escolha; em outros, configuram barreiras simbólicas que precisam ser transpostas.

Portanto, a trajetória educacional não se constrói em um vazio, mas em um espaço relacional-territorial, no qual se negociam identidades, se definem pertencimentos e se reconfiguram projetos de vida. A decisão por uma segunda graduação, nesse sentido, representa uma forma de reterritorialização, em que o sujeito se reinsere em novos espaços de saber e reconhecimento, reconstituindo sua identidade acadêmica e social.

Observou-se numa fala que o processo de influência interpessoal atua como catalisador na decisão acadêmica, marcado por uma combinação de fatores oportunos e pessoais:

Ele falou que estava no Pitágoras como professor, ia para a coordenação e também aquela questão de se levar jeito para a psicologia, vem fazem também e tal. E, como

eu disse, um misto de fatores, juntou o útil ao agradável, vamos conversar. E aí, ele me apresentou o plano de estudo lá na época, então me influenciou (CATITA).

Essa fala pode demonstrar que à figura de alguém que ocupa posições reconhecidas — como professor e coordenador — confere legitimidade e autoridade à sua opinião, ampliando seu poder de persuasão. Além disso, a referência à "questão de se levar jeito para a psicologia" destaca o papel de reconhecimento e valorização das aptidões pessoais, o que reforça a autoestima e o interesse do indivíduo no curso sugerido. Expressa a dinâmica complexa e multifacetada da influência interpessoal na decisão educacional, que envolve reconhecimento pessoal, autoridade simbólica, convergência de interesses e apresentação concreta de alternativas, elemento-chave para a concretização da decisão.

De acordo com Carvalho e Taveira (2010), os professores desempenham um papel fundamental não apenas na promoção de experiências contextualizadas de trabalho, mas também na mediação das escolhas vocacionais. Sua influência exerce-se diretamente nas interações com os acadêmicos e indiretamente por meio do contato e envolvimento com suas famílias, configurando-se como um fator relevante no desenvolvimento das trajetórias profissionais.

O uso da expressão "um misto de fatores, juntou o útil ao agradável" indica que a decisão emergiu de uma convergência positiva entre elementos pragmáticos (como a oferta do plano de estudos) e motivos subjetivos — um alinhamento entre as expectativas pessoais e as oportunidades apresentadas. Este cenário constrói um espaço favorável para o diálogo e a aceitação da influência externa como parte do processo decisório.

Sob a ótica territorial, a influência desse professor pode ser compreendida como expressão de um território simbólico-acadêmico, no qual o sujeito se insere e passa a negociar novos pertencimentos. Como destaca Haesbaert (2014), os territórios não se reduzem à materialidade, mas se constituem também em campos de significados e legitimidades. Nesse caso, a autoridade do professor representa um ponto de ancoragem simbólica que valida o percurso e amplia as possibilidades de escolha. O encontro com essa figura de referência pode ser entendido como um movimento de reterritorialização: o indivíduo atravessa fronteiras relacionais e acadêmicas, ocupando um novo espaço de sentido em sua trajetória formativa.

A dimensão relacional e motivacional da escolha acadêmica foi evidenciada num relato, destacando como o vínculo afetivo e o papel social orientam processos de decisão educacional. A escolha pelo estudo da Psicologia aparece intimamente relacionada ao desejo de contribuir com o bem-estar da família, revelando que motivações intrapessoais frequentemente se entrelaçam a objetivos interpessoais e sociais:

Sempre senti essa necessidade também de estudar psicologia com o objetivo de poder ajudar minha esposa e ajudar meu enteado, ajudar minha família. Isso fez com que eu, de certa forma, ela me influenciou, me impulsionou, muito indiretamente, a ser um estudante de psicologia hoje (MARCOS).

Esse relato indica uma motivação extrínseca internalizada — quando fatores externos, como o desejo de ajudar a família, são integrados ao projeto pessoal, impulsionando o engajamento no percurso formativo. Além disso, possivelmente, reforça a centralidade das redes de apoio afetivo na sustentabilidade dos estudos, apontando para a importância de compreender as decisões educacionais para além do indivíduo, situando-as em um campo simbólico de relações e responsabilidades. O processo decisório, não é puramente racional ou individual, mas concebido como um fenômeno situado em contextos afetivos e sociais que conferem sentido à escolha. A complexidade da decisão em educação pode ser influenciada por familiares, mesmo de formas indiretas, são cruciais para a legitimação e a continuidade da trajetória acadêmica.

É na experiência vivida que nos construímos enquanto sujeitos. No território do afeto, da socialidade, ocorre a construção de nossa identidade, espaço onde podemos concretizar as potencialidades que almejamos desenvolver. O alicerce desse íntimo confessional, seja no campo das relações conjugais ou da amizade, presencia-se em lugares simbólicos carregados de significados, nos quais o indivíduo sente-se empoderado ao receber do outro o incentivo. Essa dimensão revela a complexidade humana que, no espaço compartilhado a dois, no intervalo da cumplicidade, emerge um território de identidades e pertencimentos, um cuidado recíproco com a existência alheia, o *Mitsein* descrito por Heidegger (2008). Nesse ambiente, surge a expressão genuína do anseio pelo ser, inscrito na relação e na confluência do eu com o outro.

A escolha por cursar uma segunda graduação pode ser compreendida dentro do contexto do território simbólico. E, nesse território, as pessoas importantes — familiares, amigos, mentores — desempenham funções centrais. Essa função não se limita a um aspecto meramente apoiador, mas configura um campo simbólico de reconhecimento e validação, fundamental para o indivíduo que transita da intenção para a concretização de um novo projeto educacional. A influência desses agentes ocorre por meio de trocas afetivas, discursos legitimadores e respaldo emocional, que ajudam a dar coerência e segurança à decisão de investir em uma segunda formação.

A família, em particular, ocupa um lugar estratégico nesse território simbólico, atuando como referência de pertencimento, expectativa e orientação. Segundo Bock (2018), a família como uma instituição social, reproduz ou desafia estruturas de poder e tais relações afetam a subjetividade e a escolha dos indivíduos, dialogando com uma perspectiva sócio-histórica, relevante para entender a família como um espaço de construção de sentidos e decisões. A aprovação e o incentivo familiar traduzem-se em validação social, que reforça o compromisso do sujeito com a escolha feita e contribui para a sustentação emocional diante dos desafios inerentes a este novo percurso acadêmico.

Portanto, a decisão pela segunda graduação é entendida não apenas como uma escolha individual, mas como um efeito emergente da dinâmica que ocorre no território simbólico das relações interpessoais e familiares. O território segundo Haesbaert (2014) pode ser considerado um espaço onde o sujeito negocia sentidos, percebe reconhecimento e constrói uma identidade ampliada, na qual a validação externa se torna catalisadora da autoconfiança e da efetivação do projeto acadêmico. Dessa forma, a influência das pessoas importantes e da família revela-se componente imprescindível para a consolidação dessa decisão e para a mobilização dos recursos psíquicos necessários à sua realização.

Evidenciou-se em uma fala uma reação familiar de julgamento e surpresa diante da decisão de um parente cursar uma nova graduação:

Você é doida, né? Vai fazer mais um curso superior? Você vai estudar de novo? Você é louca? (HESED).

Nesta fala, possivelmente, há indícios de tensões simbólicas que envolvem normas sociais, expectativas culturais e percepções sobre trajetória educacional. Esse tipo de manifestação pode ser interpretado como uma forma de resistência ou questionamento social que emerge quando escolhas individuais desafiam padrões convencionais ou expectativas predominantes sobre educação e carreira.

Essa reação familiar na perspectiva de Magalhães e Azevedo (2015) pode ilustrar o conflito entre o desejo individual de continuidade formativa e os limites impostos por discursos normativos que definem o que é considerado razoável ou adequado em termos de investimento educacional. Também ela evidencia como as escolhas educacionais são inseridas em um campo social simbólico no qual se negociam identidades, pertencimentos e legitimidades. O questionamento veiculado pelo outro funciona como contraponto ao projeto pessoal, desafiando o indivíduo a reafirmar seus motivos e a construir sentidos próprios frente às expectativas externas. Esse movimento ressalta a dimensão social da decisão acadêmica,

que transcende a esfera individual para se constituir em um processo dialógico e multidimensional.

O comportamento familiar, portanto, não pode ser considerado apenas no âmbito da intimidade das relações, mas também como reflexo de territorialidades sociais e simbólicas. O espaço da família funciona como território normativo, em que expectativas culturais sobre trabalho, gênero, tempo de vida e investimento em educação são reforçadas e atualizadas. Nesse contexto, o questionamento sobre “fazer mais um curso superior” pode expressar a tensão entre territórios distintos: de um lado, o território da tradição, ancorado em discursos de estabilidade e racionalidade econômica; de outro, o território do projeto individual de formação, que reivindica mobilidade, abertura e reconfiguração de fronteiras pessoais e profissionais. Assim, a decisão acadêmica deixa de ser apenas um ato privado e ocupa um espaço público e coletivo, atravessado por disputas simbólicas e negociações de pertencimento. Esse movimento evidencia como escolhas educacionais se inscrevem em territórios sociais mais amplos, nos quais se cruzam limites, pressões e possibilidades de afirmação identitária.

O estranhamento inicial da família de Hesed se dissipa ao observar o histórico acadêmico da filha dedicando-se aos estudos. Aquela reação de espanto transforma-se em orgulho, despertando sensações positivas:

A minha mãe acha um sucesso. Porque a minha mãe acha um espetáculo. Eu tá sempre estudando, assim, não cansar, né? Mas não tem, assim, um incentivo dela, que ela fica super orgulhosa e tal, né? (HESED).

Esse apoio familiar provavelmente atua como um impulsionador para a construção do ser. O uso das expressões “acha um sucesso” e “acha um espetáculo” revela a valorização da dedicação à formação, mesmo que o apoio explícito formalizado como incentivo não seja destacado. Essa ambivalência — entre a ausência de incentivo explícito e a valorização emocionada — reflete a complexidade das relações familiares no processo de construção do desejo formativo, onde o reconhecimento tácito pode ser tão significativo quanto o apoio direto.

Essa dinâmica pode ser compreendida a partir das contribuições de Bourdieu (1983) sobre capital cultural e habitus, segundo as quais o campo familiar desempenha papel fundamental na legitimação das trajetórias educacionais e na produção de sentidos em relação ao estudo e aprendizado. Mesmo sem um incentivo verbalizado ou ações práticas explícitas, o reconhecimento da mãe funciona como um elemento simbólico que reforça o empenho da

filha, envolvendo afeto e aprovação que contribuem para a sustentação do projeto formativo individual.

O apoio familiar provavelmente atua como um impulsionador para a construção do ser, especialmente quando compreendido como parte do território simbólico que envolve o sujeito. O conceito de território simbólico, no entendimento de Haesbaert (2014), refere-se aos espaços sociais e culturais onde se produzem sentidos, pertencimentos e identidades compartilhadas, que transcendem o espaço físico e incluem aspectos simbólicos e relacionais.

Os territórios simbólicos na perspectiva de Tuan (2013) são fundamentais na formação da experiência subjetiva, pois eles articulam memória, emoção e reconhecimento social, elementos essenciais para o desenvolvimento humano. Portanto, o território familiar não é apenas um espaço físico, mas um campo simbólico onde se cultiva o suporte emocional capaz de impulsionar a continuidade da formação e afirmar a identidade do aprendiz dentro de uma rede de significados compartilhados.

TEMÁTICA 4: Sentimentos que emergem com o início do curso de Psicologia como segunda graduação

Esta temática aborda as emoções vivenciadas na etapa inicial do percurso acadêmico em Psicologia como segunda graduação. O início do curso pode configurar-se não apenas como um movimento acadêmico ou profissional, mas também como uma experiência existencial e identitária, marcada pela busca de novas narrativas para a própria trajetória e pelo desejo de ampliar os horizontes de compreensão de si e do outro. Quanto aos sentimentos, podem ser compreendidos como um conjunto de vivências emocionais, cognitivas e motivacionais interligadas, que refletem o encontro entre expectativas pessoais, trajetórias acadêmico-profissionais anteriores e os desejos de ressignificação do próprio projeto de vida.

O início de um novo curso de graduação configura-se como um processo de transição que envolve tanto a imersão em um ambiente acadêmico desconhecido quanto a reconstrução da identidade acadêmica. Nesse contexto, o acadêmico é convocado a estabelecer novas interações sociais e a deparar-se com conceitos, linguagens e abordagens específicas da área escolhida, o que provoca mudanças significativas em suas formas de compreender o mundo e projetar sua trajetória (ANDRIOLA; ARAÚJO, 2021).

Essa etapa inicial na visão de Braun, Marcilio e Dias (2024) é capaz de acarretar diversos sentimentos, que transitam entre a novidade e a curiosidade, associados ao desejo de

realização pessoal e profissional, e experiências de ansiedade, medo ou insegurança, comuns em situações que exigem adaptação a um campo inédito de formação. Estas vivências podem ser intensas quando o curso é fruto de uma escolha desejada ou de um projeto de vida cuidadosamente elaborado, momento em que a dimensão subjetiva da conquista se entrelaça com as expectativas de futuro e com a ressignificação do percurso acadêmico vivenciado.

Os relatos dos entrevistados indicam que o início do curso de Psicologia como segunda graduação é vivenciado como uma experiência multidimensional. Envolve expectativas idealizadas e projeto de atuação social:

Quando eu comecei o curso, tinha esse cunho muito social. Então, quando eu comecei, tinha essa questão da pandemia e eu pensava em trabalhar especificamente com casais, palestrar para casais, palestrar em encontros. Por isso a comunicação, o jornalismo, a comunicação casou muito bem com a psicologia, porque tinha essa ideia de palestrar para eventos de casais, de família (CATITA).

Provavelmente, essa fala evidencia que o ingresso na Psicologia a partir de interesses pessoais ou sociais prévios, frequentemente está relacionada à trajetória de vida e expectativas de contribuição comunitária. Catita expressa uma motivação social marcada pelo desejo de atuar em contextos de casais e famílias, influenciada pelo cenário da pandemia.

Enquanto experiência multidimensional, o ingresso no curso envolve também a desconstrução de escolhas idealizadas e a adaptação progressiva ao percurso formativo:

E você entra, e as suas experiências, a forma como você vai vendo, a prática vai te mostrando que muita coisa você não escolhe dentro da psicologia. É muito real isso aí, a abordagem, realmente, a clínica, não imaginar (BIL).

Esse relato pode sinalizar que a formação em Psicologia envolve ajustamento entre expectativas pessoais e demandas reais da profissão. Bil reconhece que, ao longo da formação, a prática acadêmica mostra que nem sempre é possível "escolher" livremente a forma de atuação, desconstruindo expectativas iniciais idealizadas.

Tornar-se psicólogo na perspectiva de Amendola (2014) transcende a busca pelo conhecimento ou a preocupação restrita com a formação técnico-científica. Trata-se, sobretudo, de assumir uma forma ética e política de intervenção no mundo, cujos desdobramentos se expressam em efeitos esperados, pouco esperados ou inesperados de poder. Nessa perspectiva, é somente ao ultrapassar a dimensão técnica que o psicólogo se torna capaz de questionar criticamente o que faz, com que finalidade atua e a quem dirige sua

prática, reconhecendo, ainda, as relações de saber-poder que estabelece no lugar que ocupa. Assim, o exercício profissional não se limita à produção de resultados objetivos, mas implica uma reflexão contínua acerca de suas implicações éticas, políticas e subjetivas — tanto no impacto que exerce sobre os outros quanto nos modos como transforma e constitui o próprio profissional.

Observou-se na fala que as mudanças nas relações pessoais e familiares revelam-se como expressão de uma experiência multidimensional, que envolve aspectos afetivos, sociais e formativos:

É uma possibilidade de facilitar a relação, de entender melhor, né? Eu tenho um irmão esquizofrênico, por exemplo. Então, essas relações mudaram completamente nesses anos de curso, né? E daqui até o final elas tendem a mudar ainda mais. Então, até as relações familiares mesmo, né? As relações profissionais. Entender que você tem dois ouvidos e uma boca. Essas coisas assim (HESED).

Hesed expõe, em sua fala, que a vivência com um irmão esquizofrênico lhe permite reconhecer no curso de Psicologia a oportunidade de ressignificar e aprimorar suas formas de compreender e lidar com os vínculos familiares. Além das conexões familiares, menciona também a influência nas relações profissionais, permeadas por maior escuta e acolhimento. Essa experiência evidencia que a família e o espaço profissional se constituem como territórios simbólicos, nos quais se produzem significados, vínculos e práticas, que são continuamente resignificados a partir da formação em Psicologia.

Um dos relatos evidenciou uma experiência de caráter multidimensional, na qual a transformação da identidade pessoal e das perspectivas existenciais ampliou a compreensão das dimensões subjetivas, relacionais e formativas que atravessam a formação em Psicologia:

Em relação aos sentimentos, eu me sinto empoderado. Eu não vejo mais o ser humano literalmente de uma forma racional ou teocrática (MARCOS).

Marcos fala em "empoderamento" e na mudança da forma de enxergar o ser humano, antes visto de forma racional e teocrática, agora compreendido de modo mais plural e subjetivo. Isso, provavelmente, significa a ampliação da visão de mundo promovida pelo estudo da Psicologia. Segundo Preto e Schorr (2020) o empoderamento pode ser compreendido como um processo dinâmico por meio do qual o indivíduo, o grupo social ou a

instituição adquirem autonomia para implementar, de forma ativa, as ações e mudanças necessárias ao seu desenvolvimento pessoal, social ou organizacional em determinada área ou temática. Trata-se de um movimento de deslocamento do polo passivo para o polo ativo da existência, no qual o sujeito passa a se reconhecer como autor da própria trajetória, assumindo poder de decisão, responsabilidade e consciência crítica sobre seus atos e escolhas.

O processo de formação em Psicologia pode ser compreendido como uma experiência de empoderamento em múltiplas dimensões. O percurso formativo pode deslocar o acadêmico da condição de receptor de conteúdos para a posição de sujeito crítico e transformador. Ao longo do curso, o acadêmico alcança maior autonomia intelectual, emocional e ética, adquirindo consciência de suas escolhas e do impacto de sua atuação. A formação, portanto, não se restringe à transmissão de saber técnico-científico, mas possibilita um processo de autonomia e conscientização que expande formas de compreender a si, o outro e o mundo. Nesse sentido, o espaço acadêmico também pode ser compreendido como um território de empoderamento, no qual se constroem novas formas de pertencimento e identidade. Trata-se de um território simbólico em que a aquisição de saberes, o exercício da crítica e a vivência de experiências coletivas favorecem a transformação do estudante em sujeito ativo de sua própria trajetória e das relações que estabelece com o mundo.

O entusiasmo e o reencantamento com a aprendizagem configuram-se como vivências multidimensionais, potencializando a construção de novos sentidos para o percurso formativo:

Você tem aquela sensação de tudo novo, de novo. Você sente um calor (RAFAEL).

Rafael descreve a sensação de novidade e calor, evidenciando o caráter emocional e motivador do ingresso na segunda graduação. Sua fala pode ser traduzida em termos afetivos: o recomeço como uma experiência de entusiasmo e vitalidade. O entusiasmo no início do curso de Psicologia como segunda graduação pode estar relacionado à experiência de recomeço e à oportunidade de reinvenção pessoal e profissional. Para os novos acadêmicos que possuem uma formação anterior, ingressar na Psicologia pode representar não apenas a busca por novos conhecimentos, mas também a possibilidade de ampliar horizontes, explorar novas áreas de interesse e ressignificar sua trajetória acadêmica e de vida. Esse sentimento de entusiasmo possivelmente, expressa a motivação renovada para aprender uma área que valoriza o entendimento da subjetividade humana. Além disso, o entusiasmo funciona como um combustível emocional que ajuda a superar desafios inerentes à

conciliação entre a nova graduação, a vida pessoal e as experiências de estudos anteriores, favorecendo um processo formativo mais engajado e reflexivo.

O entusiasmo pode ser entendido como um estado emocional positivo que surge em relação a uma atividade ou objeto de interesse. Na aprendizagem, o entusiasmo possui capacidade de engajar e motivar o aprendiz, facilitar a aquisição e retenção de informações, influenciar positivamente o ambiente social em que ocorre o aprendizado e contribuir para a construção de relações interpessoais positivas (COSTA JÚNIOR, 2023).

Portanto, o entusiasmo no contexto da segunda graduação em Psicologia não é simplesmente um estado emocional passageiro, mas uma força multidimensional que integra aspectos afetivos, cognitivos e sociais, impulsionando o estudante a se posicionar como agente ativo de sua própria formação e transformação.

O desenvolvimento da empatia emerge como uma competência central na formação em Psicologia, na vivência de acadêmicos que cursam a segunda graduação:

Eu acho que o que ficou bem em foco assim é a questão da empatia. Eu tinha um pouco ainda, mas dentro do curso isso potencializou. Eu realmente entendi o que essa palavra quer dizer. O que é se colocar no lugar do outro para, então, interpretar (MARÍLIA).

Observa-se nessa fala que o aprendizado e o aprofundamento da empatia se destaca como uma marca fundamental da formação. Sua experiência evidencia como a formação não apenas transmite conteúdos, mas promove o desenvolvimento de competências socioemocionais cruciais na prática psicológica.

Essa capacidade de ser empático transcende o simples ato de compreender o outro, configurando-se como uma experiência multidimensional que envolve dimensões afetivas, cognitivas e éticas. No plano afetivo, a empatia promove a sensibilização para as emoções e necessidades alheias; no cognitivo, estimula a reflexão crítica e a capacidade de se colocar no lugar do outro de forma ativa e consciente; na dimensão ética, orienta a prática profissional pautada no respeito, na escuta ativa e na responsabilidade social. Para quem possui uma trajetória acadêmica anterior, o curso de Psicologia possibilita uma ressignificação dessas habilidades, integrando saberes prévios a novas formas de interação e compreensão humana. Portanto, o cultivo da empatia na segunda graduação não apenas enriquece o processo formativo, mas também fortalece a identidade do futuro psicólogo como agente de transformação social e pessoal.

Em conjunto, essas narrativas apontam para a formação em Psicologia como um processo de desconstrução e reconstrução que afeta não apenas a identidade acadêmica, mas também as dimensões pessoais, relacionais e existenciais dos acadêmicos. Nesse movimento, a formação pode ser compreendida também como um processo de reterritorialização simbólica, no qual o sujeito reconstrói seus modos de pertencimento e de habitar o mundo. O espaço acadêmico se torna, assim, um território de transformação, em que a convivência, os saberes e as experiências compartilhadas ressignificam trajetórias anteriores e projetam novas formas de existir.

A segunda graduação em Psicologia pode promover uma transformação na percepção de mundo dos participantes, configurando uma nova territorialidade na relação sujeito-mundo. As sensações iniciais ao ingressar no curso foram diversas, abrangendo medo, empoderamento, realização social, empatia e maturidade. Esses sentimentos refletem a perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty (2018) para quem a experiência e a percepção individuais, fundamentadas na inter-relação inseparável entre corpo, consciência e ambiente, formam a base de nossas vivências emocionais e cognitivas.

A mudança na percepção de mundo que ocorre ao cursar a segunda graduação em Psicologia desempenha uma função básica no processo formativo. Ao reconfigurar a relação sujeito-mundo, essa transformação permite que o indivíduo compreenda novas dimensões de si mesmo e das relações interpessoais, favorecendo um aprofundamento crítico e reflexivo. Essa mudança não apenas amplia o repertório cognitivo, mas também implica um redesenho da identidade, promovendo maior consciência sobre as próprias experiências, valores e objetivos. Assim, a segunda graduação funciona como um espaço de ressignificação, no qual o acadêmico valida e integra conhecimentos prévios enquanto desenvolve novas competências éticas, afetivas e técnicas específicas da Psicologia. Essa dialética entre transformação perceptual e crescimento acadêmico-social fortalece a capacidade do futuro psicólogo de atuar de maneira mais consciente, empática e comprometida com as demandas do campo profissional.

Ao iniciar uma segunda graduação, a capacidade de relacionar e conectar conhecimentos da formação anterior pode evocar uma experiência que se aproxima do conceito de multiterritorialidade. Esse conceito segundo Haesbaert (2014) desafia a visão tradicional de território como um espaço fixo, delimitado e homogêneo, propondo, ao contrário, a ideia de territórios dinâmicos, múltiplos e sobrepostos que coexistem e se entrecruzam. Para Santos (1996) a multiterritorialidade refere-se, portanto, à vivência simultânea ou sucessiva de diferentes territórios — entendidos não apenas como espaços

geográficos, mas como territorialidades, ou seja, modos variados de apropriação e significação do espaço por indivíduos e grupos.

No contexto da segunda graduação, isso implica que o acadêmico traz consigo saberes, experiências e identidades oriundas de formações e espaços sociais distintos, configurando uma territorialidade complexa e fluida. Essa mobilização contínua de referências territoriais múltiplas favorece a construção de uma identidade acadêmica e profissional marcada pela hibridização e pela ressignificação dos vínculos com os conhecimentos previamente adquiridos. Assim, mais do que uma simples acumulação de saberes, a segunda formação configura-se como um processo de reterritorialização, no qual o sujeito reconstrói-se em relação a novos ambientes de aprendizagem e práticas sociais, ativando múltiplas territorialidades que coexistem e dialogam entre si.

TEMÁTICA 5: Abordagens e estilos de aprendizagem no curso de Psicologia: diferentes afinidades relacionadas com o sentido racional, pragmático e emocional

Esta temática apresenta a coexistência e a alternância de sensações como entusiasmo, curiosidade, ansiedade, insegurança, empoderamento e realização, que refletem a complexa articulação entre expectativas pessoais, trajetória prévia e os desafios inerentes ao recomeço em um campo do saber diferenciado. Neste processo, os sentimentos não são considerados meramente reações isoladas, mas manifestam-se como componentes integradores da construção da identidade acadêmica e profissional, influenciando a maneira como o acadêmico se posiciona no novo ambiente, às novas práticas formativas e aos seus próprios projetos de vida.

A ideia de que a escolha profissional é realizada apenas uma vez na vida está desmistificada, demonstrando que a mudança de profissão é cada vez mais comum no mercado de trabalho atual, sendo reflexo da nova sociedade e das transformações interna do sujeito que se modifica e se autoconhece (DE MEDEIROS ANDERSON; TONATO; TAVARES, 2019). A experiência afetiva inicial ao ingressar na Psicologia como segunda graduação pode representar uma dimensão essencial que perpassa o aprendizado, a adaptação e a ressignificação dos vínculos consigo mesmo, com os outros e com o conhecimento, destacando-se como uma fase de movimento entre o familiar, o desconhecido e o transformador.

Identificou-se nas entrevistas sentimentos de natureza racional, emocional, pragmático, frequentemente combinados entre si. No entanto, observou-se um ligeiro predomínio do componente emocional e subjetivo nas respostas dos participantes:

Eu acho que a psicologia veio muito no início no meu lado emocional. Como eu disse, eu sempre lidei muito com pessoas. Eu sempre gostei muito de ouvir os problemas, resolver os conflitos. Então, além dessa escuta muito ativa, eu comecei a observar a minha análise muito maior... (RAFAEL).

Então, eu sempre tive essa questão durante todo o curso. A palavra escuta ativa, para mim, tem significado e totalmente emocional (CATITA).

Eu acho que a psicologia não tem jeito, é muito subjetiva. Ela é subjetiva, então a gente acaba... Eu acho que eu vejo meus colegas na turma, cada um está ali por um motivo e tem um motivo pessoal e emocional (SALARZ).

A presença do componente emocional nas respostas dos participantes em relação à escolha da segunda graduação em Psicologia pode estar relacionada a própria natureza do campo de estudo, que privilegia as dimensões subjetivas, afetivas e relacionais do ser humano. Esse campo, ao investigar os processos internos, as emoções e os vínculos interpessoais, reflete as experiências pessoais e aspectos identitários dos acadêmicos, especialmente daqueles que possuem uma trajetória acadêmica prévia e buscam na segunda graduação uma ressignificação existencial.

A construção da identidade acadêmica e profissional envolve a ressignificação das histórias pessoais e experiências vividas, processo inevitavelmente carregado de emoções (COMIN, 2010). A Psicologia, enquanto campo reflexivo e relacional, promove essa reconexão afetiva, explicando a presença do componente emocional nas respostas e na vivência inicial da segunda graduação.

Ficou evidenciado nos relatos a afinidade dos participantes com diferentes áreas ou dimensões da Psicologia, com base nos aspectos emocionais, racionais e técnicas específicas.

Aqui, na universidade, trabalha existencial, psicanálise, e a TCC, terapia cognitiva e comportamental, que é muito voltada para a parte mais racional. (BIL).

Olha, eu apaixonei com essa técnica chamada TCC. Então ela está envolvendo a emoção. Então na verdade eu sou bem emotiva nesse sentido aí. E dentro do curso eu aprendi muita coisa, inclusive a não tomar decisões no calor da emoção (MARÍLIA).

Esses relatos podem estar relacionados a uma orientação mais racional e técnica, especialmente ligada à TCC e ao manejo consciente das emoções. Esse enfoque racional e

pragmático provavelmente, atrai acadêmicos que valorizam intervenções replicáveis e de aplicação direta, podendo ser relevante para indivíduos que busquem consolidar um repertório técnico que complemente ou diferencie sua formação anterior.

A busca dos acadêmicos por abordagens estruturadas, práticas e fundamentadas em evidências, que ofereçam ferramentas claras para intervenção clínica, ao unir processos cognitivos e comportamentais, valoriza a compreensão dos mecanismos de pensamento e a modulação das respostas emocionais, proporcionando uma sensação de controle e objetividade ao tratamento psicológico (BECK, 2011).

Além disso, a ênfase no manejo consciente das emoções alinhada à TCC propicia o desenvolvimento da autorregulação emocional, uma competência essencial tanto na prática clínica quanto no cotidiano pessoal e profissional (GROSS, 2015). Essa predominância indica uma valorização do equilíbrio entre emoção e razão, evidenciando uma visão integrada da psicologia que privilegia o conhecimento técnico, sem desconsiderar o aspecto afetivo, mas buscando orientá-lo de forma consciente e estratégica.

O fato dos participantes compreenderem que conceitos como a TCC, a escuta ativa, a subjetividade da Psicologia reflete a tentativa do indivíduo interpretar o mundo ao seu redor e buscar similitudes ou congruências, com a própria identidade — ou, ao menos, com a forma como percebe essa identidade. Este movimento dialético de ir ao encontro do mundo e retornar a si mesmo caracteriza a construção do sujeito e o cuidado com a existência (*sorge*). Ao integrar-se ao mundo a partir da sua singularidade e do seu modo de ser, que é inseparável deste mesmo mundo, o sujeito supera a inautenticidade — o estado em que não se expressa plenamente — e alcança a autenticidade, manifestando-se em sua verdade existencial. Esse processo fundamental promove não apenas a consciência de si, mas também uma relação mais genuína e conectada com o meio em que vive.

Essas reflexões dialogam com os conceitos de territorialidades e do território simbólico. A territorialidade sob a perspectiva de Haesbaert (2014) refere-se às formas pelas quais os indivíduos e grupos se relacionam com o espaço, atribuindo-lhe significados, afetos e práticas que o transformam em território vivido. Não se restringe, portanto, às demarcações geográficas, mas envolve redes de sentidos que articulam memória, identidade, pertencimento e modos de existir em determinado lugar. O território simbólico para Monken; Barcellos (2005) ultrapassa sua dimensão material para constituir-se como espaço de significados culturais, históricos, identitários e emocionais, onde a experiência coletiva ressignifica e sustenta laços sociais. Portanto, o território não é apenas cenário para as práticas sociais, mas

uma construção simbólica e relacional, fundamental para compreender as dinâmicas no contexto comunitário.

Possivelmente, os participantes, ao ingressarem e cursarem a segunda graduação em Psicologia, podem ter experimentado um sentimento de pertencimento. Esse processo pode ser compreendido como uma forma de **territorialização simbólica**, em que os estudantes não apenas adquiriram conhecimentos técnicos, mas os transformaram em elementos constitutivos de sua própria experiência de vida. De modo análogo ao que ocorre no espaço geográfico, segundo Haesbaert (2014), quando um lugar ganha novos sentidos por meio das práticas, memórias e afetos que o configuram como território vivido os participantes incorporaram e ressignificaram técnicas psicológicas, atribuindo-lhes valor subjetivo e existencial.

Portanto, essa analogia pode demonstrar que, da mesma forma que os indivíduos ressignificam um espaço físico em território vivido ou simbólico, os acadêmicos que estão cursando segunda graduação em Psicologia provavelmente ressignificam suas práticas profissionais como territórios de experiências formativas e identitárias.

TEMÁTICA 6: Compreensão das perspectivas acadêmicas, profissionais e pessoais que segunda graduação pode proporcionar

Esta temática refere-se ao processo de análise crítica e reflexiva sobre os múltiplos sentidos e impactos que a realização de uma nova formação universitária pode gerar na trajetória de indivíduos. Compreender essas perspectivas implica reconhecer a função formativa da educação superior como prática social duradoura, multifacetada e capaz de impactar o indivíduo em suas diversas dimensões existenciais.

No entendimento de Muller; Scheffer (2017) a segunda graduação abrange três dimensões: na acadêmica, inclui o aprofundamento do conhecimento, a diversificação de saberes e o fortalecimento de competências que ampliam a capacidade de produção intelectual e científica. Em relação a dimensão profissional, a segunda graduação é capaz de se configurar como estratégia de reposicionamento no mercado de trabalho, de ampliação das possibilidades de atuação e de adaptação às demandas contemporâneas de um mundo laboral em constante transformação. Na pessoal, pode representar tanto um investimento no desenvolvimento individual quanto uma oportunidade de ressignificação da identidade, da motivação e dos projetos de vida — expressando a busca contínua por aprendizagem, realização e autonomia.

Ingressar em uma Instituição de Ensino Superior (IES) para cursar uma segunda graduação pode ser considerada uma experiência transformadora, capaz de provocar impactos não apenas no desempenho acadêmico e na consolidação da trajetória profissional, mas também em múltiplas dimensões do desenvolvimento pessoal e social do indivíduo. Esse processo de formação suplementar é caracterizado pela ampliação dos horizontes epistemológicos e pela promoção de vivências acadêmicas marcadas pela interdisciplinaridade e pela flexibilidade cognitiva, elementos considerados fundamentais para responder às demandas contemporâneas de produção de conhecimento e de atuação profissional qualificada. Ao favorecer a integração entre diferentes áreas do saber, a segunda graduação contribui para o desenvolvimento de uma visão ampliada e integrada do mundo, potencializando a capacidade de adaptação intelectual e acadêmica dos estudantes (CALVOSA, 2020).

Os depoimentos dos participantes delinearam experiências diversas em relação a segunda graduação em Psicologia. Dentre as dimensões evocadas, destacaram-se questões relacionadas aos aspectos econômicos, sociais, pessoais, familiares, bem como à articulação entre todos esses elementos.

Em relação a dimensão econômica, algumas falas refletem a busca por maior segurança financeira e melhores oportunidades no mercado de trabalho:

E assim, eu sei que é lógico, eu preciso da parte econômica, é óbvio, mas só de ver, e eu vejo assim também na clínica, o progresso do seu paciente, a funcionalidade, quando ele vem mais funcional, se torna mais funcional, na carreira profissional, nos relacionamentos, para mim é muito gratificante. (...) Então, assim, para mim, isso é com certeza uma conquista social (BIL).

Pode ser que eu venha a viver da psicologia, e eu até acho que vou. Mas hoje eu não vivo dela, eu vivo da comunicação, é com a comunicação que eu mantendo a minha vida. Então é 100% satisfação pessoal (HESED).

No lado econômico é um campo promissor (MARCOS).

Essas falas demonstram que a motivação pode estar associada à percepção de que a área profissional escolhida oferece condições promissoras em termos de empregabilidade, remuneração e estabilidade. Portanto, optar por uma nova graduação permeada por esse critério sinaliza uma estratégia consciente de inserção, reinserção ou ascensão no campo laboral, alinhando expectativas pessoais de desenvolvimento financeiro às dinâmicas do mercado contemporâneo. Esse enfoque econômico pode ser considerado como parte integrante do processo decisório do sujeito diante das demandas socioculturais e econômicas que moldam a formação profissional e a trajetória de vida.

Os fatores econômicos estão intrinsecamente vinculados às dinâmicas do sistema capitalista contemporâneo, que impõe um conjunto de regras e demandas cada vez mais rigorosas e competitivas ao mercado de trabalho. Conforme evidenciado por autores recentes, esse contexto caracteriza-se por transformações constantes, que reforçam a necessidade de qualificação, flexibilidade e adaptabilidade dos trabalhadores frente às novas exigências produtivas e tecnológicas (Silva; Pereira, 2023). Assim, os aspectos econômicos não apenas condicionam as trajetórias profissionais, mas também influenciam decisões educacionais, como a escolha por uma segunda graduação, como estratégias individuais para a inserção e a permanência em um mercado laboral marcado pela intensificação da competitividade e pela precarização das relações de trabalho (OLIVEIRA; COSTA, 2022).

Em alguns relatos destaca-se uma motivação de ordem pessoal para a realização da segunda graduação, evidenciando uma trajetória consolidada no campo profissional:

Para mim é pessoal, eu estou fazendo um curso por um desejo pessoal (PEDROV).

No meu caso é mais pessoal. E acredito, porque é a minha segunda graduação, na verdade, eu já tive a função que eu queria, que era ser professora, dentro do ensino fundamental, o ensino médio, aposentei. Então, realmente agora eu posso fazer essa segunda graduação visando só o meu pessoal (MARÍLIA).

O que tem mais para poder é a questão pessoal, a realização pessoal (SALARZ).

Eu acho que é pessoal, primordial para mim é pessoal, é uma satisfação pessoal, um entendimento pessoal, não deixa de ter algum reflexo econômico, porque eu pretendo trabalhar na área também, então acho que vai ter um reflexo econômico, mas o primordial para mim foi o pessoal, as minhas necessidades, meus anseios, e eu busquei resposta na psicologia (OLIVEIRA).

Pode-se observar que a dimensão pessoal emergiu com maior ênfase nos relatos, expondo o caráter transformador atribuído à vivência de cursar uma segunda graduação em Psicologia, tanto para a constituição subjetiva quanto para o redesenho de projetos de vida. Essa centralidade do aspecto pessoal aponta para a potência do percurso acadêmico como espaço de reinvenção de si e de novos sentidos existenciais.

Essa escolha pode refletir uma busca ao desenvolvimento pessoal, ao interesse intrínseco pelo conhecimento e à satisfação individual, desvinculada de pressões ou demandas imediatas do mercado de trabalho. Provavelmente, evidencia que a educação superior pode transcender a mera formação instrumental, configurando-se como espaço de realização pessoal, de ampliação do autoconhecimento e de construção contínua da identidade, especialmente em momentos de transição ou reorientação na trajetória de vida do sujeito.

Segundo Fidelis; Fernandes; Tisott (2018) a formação da identidade profissional complementa a identidade pessoal e contribui para a integração da personalidade, configurando-se como uma escolha significativa quando avaliada pela maneira consciente com que é realizada e pelas consequências cognitivas e afetivas que proporciona. No contexto da segunda graduação, a decisão pautada em motivos pessoais evidencia que o processo formativo ultrapassa a mera qualificação profissional para implicar um movimento de autoconstrução e realização individual. Portanto, optar por cursar uma segunda graduação por razões pessoais não apenas reforça a relação entre identidade profissional e pessoal, mas também sinaliza a busca por um sentido ampliado de desenvolvimento, que integra dimensões afetivas, cognitivas e existenciais em um projeto de vida mais pleno e autônomo.

Algumas falas revelam uma motivação multifacetada para a escolha pela segunda graduação, na qual se entrelaçam dimensões pessoais, sociais e econômicas:

É um pouquinho de tudo (ISABELA).

Na verdade, eu acho que é um mix de todos eles. Não tem como parametrizar somente um (RAFAEL).

Então, entra muito para mim com a mescla do pessoal, social e econômico, porque é uma possibilidade que eu tenho. Se amanhã, hoje, eu trabalho com televisão. Então, se amanhã ou depois eu falar, não quero mais TV, eu tenho uma oportunidade, eu tenho uma ferramenta para trabalha. (CATITA).

Essas falas demonstram que a escolha, possivelmente, foi percebida como uma estratégia de ampliação das possibilidades e da autonomia profissional, funcionando como uma espécie de “ferramenta” oferecem alternativas em um cenário de incertezas e transformações contínuas no mundo do trabalho. A interlocução entre o campo pessoal — envolvendo interesses e projetos de vida — e os aspectos socioeconômicos demonstra a consciência do sujeito sobre a necessidade de diversificação de competências para garantir mobilidade e resiliência frente a possíveis mudanças de trajetória. Portanto, a segunda graduação atua como um recurso que amplia o leque de oportunidades laborais, possibilitando a recomposição identitária e a reconfiguração dos planos profissionais em consonância com novas escolhas e demandas pessoais e contextuais.

Todos os relatos podem representar uma territorialidade singular, constituída pela experiência vivida e construída pelo indivíduo em sua relação com o território. Trata-se tanto do vivido quanto do percebido, conceitos centrais na filosofia da percepção de Merleau-Ponty (2018), que enfatiza a inseparabilidade entre sujeito e mundo no processo de apreensão da realidade. Nessa perspectiva, a escolha da segunda graduação devido aos diversos motivos se

configura como uma construção subjetiva e situacional, capturada pelo sujeito ao experimentar o percurso da segunda graduação em Psicologia. Assim, as diferentes perspectivas apresentadas refletem não apenas interpretações cognitivas, mas também sentidos existenciais e afetivos produzidos na imersão nesse território acadêmico e profissional.

O percurso em uma segunda graduação pode ser compreendido como a experiência de adentrar e habitar um território simbólico. Buscar-se na vida, ao longo da jornada, é deslocar-se por territórios inautênticos, deslugares nos quais habitamos temporariamente, até encontrar-se aninhado em um espaço onde se estabelece a identidade, e o sentimento de pertencimento. Esse território íntimo da realização não pode ser demarcado por nenhuma cartografia externa, pois se trata de um percurso interno que se manifesta na experiência vivida. Embora intangível, ele pode ser observado e, mais significativamente, plenamente habitado.

O território, entendido para além de sua dimensão física e geográfica, ganha conotação simbólica ao ser impregnado pelas experiências, projetos e narrativas pessoais dos sujeitos (Haesbaert, 2014; Santos, 1996). A graduação pode se configurar como um locus privilegiado de elaboração identitária, no qual os significados atribuídos à profissão e ao próprio viver resultam das vivências, dos rituais e das trocas que marcam a travessia acadêmica. Ao investir sentidos e valores nesse território, o sujeito reelabora sua própria existência, ressignificando escolhas, pertencimentos e perspectivas diante das demandas do mundo contemporâneo.

Portanto, mergulhar no território simbólico da graduação e da profissão permite compreender o modo como as perspectivas, os desejos e as representações acerca de si e da sociedade se constroem e se reconfiguram ao longo da trajetória acadêmica e ao longo do viver.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das entrevistas demonstrou que, entre os participantes, as motivações para cursar a segunda graduação estão relacionadas a um sonho antigo, à busca por realização pessoal e crescimento profissional. Destacam-se, entre essas motivações, o desejo de concretizar uma aspiração profissional preexistente e a oportunidade de ingressar na profissão idealizada, a qual representa uma trajetória de autoafirmação e desenvolvimento no campo escolhido.

Além do desejo pessoal de realização profissional, identificou-se que a motivação para ajudar e apoiar a família constitui um componente central do projeto de vida dos participantes. Esse aspecto revela como as escolhas acadêmicas se entrelaçam com responsabilidades e vínculos afetivos, reforçando a dimensão social e relacional que permeia o processo decisório. A integração desse desejo ao projeto pessoal atua como um fator mobilizador, conferindo significado e propósito à trajetória formativa e legitimando o esforço dedicado à segunda graduação. No contexto específico da Psicologia, essa motivação também pode estar relacionada à compreensão ampliada dos processos humanos e do cuidado, o que potencializa o engajamento dos acadêmicos diante dos desafios do curso e da prática profissional futura.

Apesar das adversidades e dos múltiplos trajetos percorridos ao longo da vida, que muitas vezes afastaram o indivíduo do exercício imediato da profissão almejada, os participantes mantiveram firme o anseio de se realizarem academicamente e profissionalmente em um curso com o qual possuem identificação. Essa constatação pode indicar a presença de vínculos entre as trajetórias pessoais, os contextos existenciais e as escolhas formativas, refletindo a complexa relação entre experiência subjetiva e processos decisórios no âmbito acadêmico.

Em relação a caracterização da amostra os dados sócio demográficos demonstraram que a maioria dos entrevistados eram do sexo feminino, com idades variando entre 31 a 67 anos. Observou-se que 60% dos participantes estão cursando a segunda graduação no período noturno, fato que poderia sugerir uma conciliação entre estudos, trabalho e outras responsabilidades pessoais. Constatou-se que a maior parte financia o curso por meio do benefício denominado “desconto de egresso”, oferecido pela universidade na qual a pesquisa foi realizada.

Esses dados indicam que a predominância do financiamento via desconto de egresso destaca a importância das políticas de acesso e permanência implementada pela instituição pesquisada. A oferta do curso no período noturno reflete especificidades vinculadas à gestão do tempo dos participantes, que precisam conciliar estudos, trabalho e outras responsabilidades sociais e profissionais, evidenciando as demandas complexas enfrentadas por acadêmicos que optam pela segunda graduação. Dessa forma, a compreensão desses aspectos é essencial para analisar de forma contextualizada as motivações e decisões que permeiam a escolha pela segunda graduação.

Quanto a persuasão de pessoas importantes na validação da escolha para cursar a segunda graduação evidenciou-se influência da família e das instituições, sustentando a importância das dimensões social, cultural e relacional no processo decisório. A figura de pessoas que ocupam posições reconhecidas como professores e coordenadores — confere uma legitimidade específica à decisão, atua como um impulsionador na construção da identidade pessoal e acadêmica, além de ampliar poder de persuasão junto ao acadêmico. Esse fenômeno pode ser compreendido a partir dos conceitos de autoridade e reconhecimento social presentes nas teorias da sociologia da educação, que destacam como agentes institucionalizados legitimam decisões e orientam trajetórias acadêmicas.

Paralelamente, o apoio familiar exerce um papel fundamental como impulsionador para a construção do ser, em especial na medida em que legitima e dá sustentação emocional às escolhas individuais. A família, enquanto núcleo primordial de socialização, contribui para a constituição identitária do indivíduo, conferindo sentido e significado às decisões que envolvem o percurso formativo. Tal suporte reforça a dimensão afetiva e relacional da decisão acadêmica, sendo vital para a manutenção do engajamento diante das demandas e desafios inerentes à segunda graduação.

Assim, a confluência dessas redes de influência — institucional e familiar — não apenas valida a escolha profissional, mas também fortalece a identidade acadêmica e pessoal, criando um ambiente propício à perseverança e à realização do projeto educacional. Essa interação complexa ressalta a importância do contexto social na construção de decisões tão significativas e reafirma o papel das relações interpessoais na trajetória formativa.

A escolha de cursar uma segunda graduação constitui um processo complexo, permeado por múltiplas influências sociais, culturais e subjetivas. Emerge como um espaço de ressignificação das experiências de vida, em que o suporte emocional e social atua como um importante impulsionador para o desenvolvimento do ser. Espera-se que este estudo contribua para ampliar a visão sobre as motivações e os contextos da escolha pela segunda graduação,

reafirmando que essa escolha é muito mais do que uma decisão individual, sendo resultado de uma trama complexa de influências e aspirações humanas.

LIMITES E POSSIBILIDADES DO ESTUDO

Este estudo, assim como em outras pesquisas de natureza qualitativa e de alcance localizado, apresenta algumas limitações que merecem ser consideradas. A escolha de realizar a investigação em apenas uma instituição e um curso — Universidade Vale do Rio Doce, curso de Psicologia — ou seja, em um contexto restrito, possibilitou examinar as particularidades territoriais envolvidas. No entanto, tal delimitação restringe a possibilidade de generalização dos resultados para outras localidades ou formações acadêmicas.

As percepções analisadas representam um recorte específico e podem não contemplar integralmente as experiências vividas em diferentes cenários institucionais ou metodológicos, nos quais podem emergir desejos, escolhas e dinâmicas distintas daquelas observadas neste estudo.

Além disso, a pesquisa qualitativa se apoia em entrevistas e narrativas, o que implica uma interpretação subjetiva dos dados e, portanto, exige rigor nas análises. Outro desafio é o possível viés dos participantes, influenciado por fatores sociais, econômicos ou institucionais próprios do contexto local.

Em relação as possibilidades, essa pesquisa qualitativa permitiu explorar os motivos, expectativas e barreiras enfrentadas pelos indivíduos ao decidir por uma segunda graduação em Psicologia, revelando nuances que estudos quantitativos dificilmente capturariam. Provavelmente, irá contribuir para o aperfeiçoamento de práticas institucionais, oferecendo subsídios para políticas de acolhimento, orientação acadêmica e adaptação curricular. Além disso, pode facilitar a reflexão dos acadêmicos, promovendo escolhas profissionais mais maduras e alinhadas às suas aspirações e necessidades.

Outra possibilidade desta pesquisa é demonstrar que a escolha profissional pode ser compreendida como uma expressão autêntica do indivíduo em seu território de significados, conforme preconiza a perspectiva da geografia humanista. Ao propor um olhar existencial humanista, a pesquisa pode revelar que, mesmo diante de transformações provocadas por uma sociedade globalizada, caracterizada pela fluidez das relações e pela ascensão da inteligência artificial, permanece fundamental valorizar as dimensões subjetivas e emocionais que compõem a experiência de ser e escolher. Além de possibilitar o resgate dos sonhos e da

esperança, elementos humanizadores que, segundo Heidegger, constituem a potência de agir e existir de forma autêntica na história.

Portanto, essa pesquisa indica que ciência e emoções podem coexistir e dialogar — seja na linguagem, seja no processo investigativo — promovendo contínua reflexão interdisciplinar, sem pretensão de esgotar o debate, mas sim de ampliar possibilidades de compreensão do humano em sua integralidade.

REFERÊNCIAS

- AJZEN**, I. The theory of planned behavior. **Organizational Behavior and Human Decision Processes**, v. 50, n. 2, p. 179-211, 1991.
- ALMEIDA**, Maria Elisa G. G.; **PINHO**, Lúcia V. Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 173-184, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652008000200013&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30 jul. 2025.
- ALMEIDA**, Maria Elisa Grijó Guahyba de; **MAGALHÃES**, Andrea Seixas. Escolha profissional na contemporaneidade: projeto individual e projeto familiar. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 257-268, 2011.
- ALMEIDA**, Rosemarie Elizabeth Schimidt; **AMARO**, Márcia P. O grupo como espaço transicional para jovens frente à questão da escolha vocacional e profissional. In: SEI, M. B. (Org.). **A clínica psicanalítica na universidade: interfaces, desafios e alcances**. Londrina: Eduel, 2016.
- AMBIEL**, Rodolfo. **Maturação para a Carreira: avaliação e intervenção**. São Paulo: Votor, 2015.
- AMENDOLA**, Marcia Ferreira. Formação em Psicologia, demandas sociais contemporâneas e ética: uma perspectiva. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 34, n. 4, p. 971-983, 2014.
- ANDRIOLA**, Wagner Bandeira; **ARAÚJO**, Adriana Castro. Adaptação de alunos ao ambiente universitário: estudo de caso em cursos de graduação da Universidade Federal do Ceará. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 110, p. 248-267, 2021.
- ARISTÓTELES**. **Obras**. Tradução de Francisco de P. Samaranch. Madrid: Aguilar, 1964.
- BACHELARD**, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BARDAGI**, Marciana P.; **HUTZ**, Cláudio S. Satisfação de vida, comprometimento com a carreira e exploração vocacional em estudantes universitários. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 62, n. 1, p. 159-170, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180952672010000100016&lng=pt&tlang=pt. Acesso em: 22 nov. 2021.
- BARDIN**, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BATISTA**, Edneia Aparecida; **OLIVEIRA**, Adilson Ribeiro de. **Orientação profissional: aprendendo a ser e a escolher: manual para orientadores**. Ouro Branco, MG: PROFEPT, 2021.

- BAUER**, Martin W.; **GASKELL**, George (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BAUMAN**, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BECK**, Judith S. **Cognitive Behavior Therapy: basics and beyond**. 2. ed. New York: Guilford Press, 2011.
- BENTHAM**, Jeremy. **Uma introdução aos princípios da moral e da legislação**. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Coleção Os Pensadores).
- BOCK**, Silvia D. **Orientação Profissional: a abordagem sócio-histórica**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2018.
- BORGES**, Lívia de Oliveira; **ALVES FILHO**, Antônio; **TAMAYO**, Álvaro. Motivação e significado do trabalho. In: **SIQUEIRA**, Mirlene Maria Matias. **Medidas do comportamento organizacional: ferramentas de diagnóstico e de gestão**. São Paulo: Artmed, 2009.
- BOURDIEU**, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 1983.
- BOURDIEU**, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.
- BRAUN**, K. C. R.; **MARCILIO**, F. C. P.; **DIAS**, A. C. G. Transição para o Ensino Superior: uma revisão sistemática. **Pesquisas em Psicologia**, v. 24, n. 1, e61266, 2024.
- CALVOSA**, M. Perspectivas e decisões de carreira: dilemas entre a vida profissional e pessoal. **Revista de Casos e Consultoria**, v. 11, n. 1, e11129, 2020.
- CARVALHO**, M.; **TAVEIRA**, M. C. O papel dos pais na execução de planos de carreira no ensino secundário: perspectivas de pais e de estudantes. **Análise Psicológica**, Lisboa, n. 2, v. 28, p. 333-341, 2010.
- CASAGRANDE**, Cledes Antonio; **HERMANN**, Nadja. Identidade do eu em contextos plurais: desafios da formação. **Pro-Posições**, Campinas, v. 28, Supl. 1, p. 39-62, 2017.
- CAVALCANTI**, Karla Rolim Gois; **MELO**, Mônica Cristina Batista de. **Aspectos psicológicos da escolha por uma segunda graduação**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Faculdade Pernambucana de Saúde, Recife, 2022. Disponível em: <http://tcc.fps.edu.br:80/jspui/handle/fpsrepo/1304>. Acesso em: 30 jul. 2025.
- CERICATTO**, C.; **ALVES**, C. F; **PATIAS**, N. D. Maturidade para a escolha profissional em adolescentes do ensino médio. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo, v. 1, p. 22-30, 2017.
- CHAPIESK**, Beatriz de Oliveira et al. A escolha profissional frente às subjetividades da adolescência: um olhar psicanalítico. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, Belo Horizonte, v. 8, n. 15, p. 113-134, 2023.

CHIOCA, Bruna; **FAVRETTTO**, Liani Hanauer; **FAVRETTTO**, Jacir. Escolha profissional: fatores que levam a cursar uma segunda graduação. **Revista de Carreiras e Pessoas**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 43-58, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ReCaPe/article/view/28021/19723>. Acesso em: 26 abr. 2024.

COMIN, D. U. Toda a reescolha profissional requer uma mudança profissional. **Revista de Iniciação Científica**, Criciúma, v. 5, n. 1, 2010. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/iniciacaocientifica/article/view/165>. Acesso em: 14 dez. 2021.

CORTELLA, Mário Sérgio. **Qual é a tua obra?**: inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

COSTA JÚNIOR, João Fernando et al. O papel do entusiasmo na aprendizagem social: uma abordagem multidisciplinar. **Revista Educação, Humanidades e Ciências Sociais**, v. 7, n. 13, p. 1-19, 2023.

COSTA JÚNIOR, O. de M. Orientação Vocacional: teoria e prática. **Revista de Psicologia**, v. 14, n. 50, p. 643-655, 2020.

DE MEDEIROS ANDERSON, M. M.; **TONATO**, R. M.; **TAVARES**, L. M. Transição de carreira: mudança profissional a partir dos 40 anos. **Revista de Carreiras e Pessoas**, v. 9, n. 1, p. 2237-1427, 2019.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. Tradução de Ana Isabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira. 5. ed. ampl. São Paulo: Cortez, 2018.

DIAS, Maria Sara de Lima; **SOARES**, Dulce Helena Penna. A escolha profissional no direcionamento da carreira dos universitários. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 556-571, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/pcp/a/33KF7yskTFtPcQpBDmX95Zg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 abr. 2024.

DUBOIS, C. **Heidegger**: introdução a uma leitura. Tradução de Bernardo Barros Coelho de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

EHRLICH, I. F. **Contribuições do Projeto de Ser em Sartre para a psicologia de orientação profissional**. 2002. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

ENES, Eliene Nery Santana; **BICALHO**, Maria Gabriela Parenti. Desterritorialização/reterritorialização: processos vivenciados por professoras de uma escola de educação especial no contexto da educação inclusiva. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 30, n. 1, p. 189-214, 2014.

FARIA, A. P. S.; **PONCIANO**, E. L. T. Conquistas e fracassos: os pais como base segura para a experiência emocional na adolescência. **Pensando Famílias**, v. 22, n. 1, p. 87-103, 2018.

FARIA, R. M. A territorialização da Atenção Básica à Saúde do Sistema Único de Saúde do Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 11, p. 4521-4530, 2020.

FEIJOO, A. M. L. C. de; **PROTASIO**, M. M.; **MAGNAN**, V. D. C. Análise da escolha profissional: orientação ou libertação? **Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 57-73, 2014.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de; **MAGNAN**, Vanessa da Cunha. Análise de uma escolha profissional: uma proposta fenomenológico existencial. **Instituto Fenomenológico Existencial**, Rio de Janeiro, 2012.

FIDELIS, A. C. F.; **FERNANDES**, A. J.; **TISOTT**, P. B. A relação entre felicidade e trabalho: um estudo exploratório com profissionais ativos e aposentados. **PsiUnisc**, Santa Cruz do Sul, v. 2, n. 1, p. 19-32, 2018.

FISHER, Cíntia D. Felicidade no trabalho. **Wiley Online Library**, 2009. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1468-2370.2009.00270.x>. Acesso em: 27 abr. 2024.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução de Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FRANCO, Maria da Glória Gohn. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. 36. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GENDLIN, E. T. **Introdução à filosofia**. 1998. Disponível em: <http://previous.focusing.org/philosophy.html>. Acesso em: 25 abr. 2024.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GROSS, J. J. Emotion regulation: Current status and future prospects. **Psychological Inquiry**, v. 26, n. 1, p. 1-26, 2015.

HAESBAERT, Rogério. As armadilhas do território. In: SILVA, José Borzachiello da; et al. (Org.). **Território: modo de pensar e usar**. Fortaleza: Edições UFC, 2016. p. 19-41.

HAESBAERT, Rogério. Conceitos fundamentais da geografia: território. **GEOgraphia**, Niterói, v. 25, n. 55, e61073, 2023.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade**. Niterói: Editora da UFF, 2021.

HARVEY, David. **O neoliberalismo**: história e implicações. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

HEIDEGGER, Martin. **Seminários de Zollikon**: protocolo, diálogos, cartas. Editado por Medard Boss. Tradução de Vera de Campos. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008.

HERMANN, Nadja. A questão do outro e o diálogo. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 57, p. 477-493, 2014.

HIRSCHI, A. Career-choice readiness in adolescence: Developmental trajectories and individual differences. **Journal of Vocational Behavior**, v. 79, n. 2, p. 340-348, 2011.

HIRSCHI, A. Hope as a resource for self-directed career management: Investigating mediating effects on proactive career behaviors and life and job satisfaction. **Journal of Happiness Studies**, v. 15, p. 1495-1512, 2014. DOI: 10.1007/s10902-013-9488-x.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

KIERKEGAARD, Søren. **O conceito de angústia**. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls. Petrópolis: Vozes, 2010.

LARA, Lara Dianin et al. O adolescente e a escolha profissional: compreendendo o processo de decisão. **Revistas Unipar**, Umuarama, v. 9, n. 3, p. 1-13, 2009. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/saude/article/view/1356/1207>. Acesso em: 27 abr. 2024.

LAUANE, Baroncelli. Orientação profissional na abordagem gestáltica: reflexões históricas para uma práxis fundamentada. **IGT Rede**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 16, p. 86-98, 2012.

LEIRIA, Mariana et al. A aplicabilidade da comunicação na psicologia. **International Journal of Developmental and Educational Psychology**, Granada, v. 1, n. 1, p. 435-442, 2020.

LOPES, Keilla Petronilia Santos. **Trajetória profissional e âncoras de carreira de executivos de uma instituição bancária**. 2008. 111 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Faculdade de Psicologia, São Paulo, 2008.

MAGALHÃES, Lígia Karam Corrêa de; **AZEVEDO**, Leny Cristina Soares Souza. Formação continuada e suas implicações: entre a lei e o trabalho docente. **Cedes**, Campinas, v. 35, n. 95, p. 15-36, 2015.

MARCONI, Marina de Andrade; **LAKATOS**, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MEDEIROS ANDERSON, M. M.; TONATO, R. M.; TAVARES, L. M. Transição de carreira: mudança profissional a partir dos 40 anos. **Revista de Carreiras e Pessoas**, v. 9, n. 1, 2019.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

MIQUILUCHI, Juliana; GONÇALVES, Maria das Gralas Costa. Estudo exploratório acerca da subjetividade na mensuração do sentimento de felicidade no trabalho: a visão de funcionários de uma agência bancária do interior do estado de São Paulo. **Universitas**, v. 1, n. 1, p. 1-13, 2024. Disponível em: <https://revistauniversitas.inf.br/index.php/UNIVERSITAS/article/view/40>. Acesso em: 27 abr. 2024.

MONKEN, M.; BARCELLOS, C. Vigilância em saúde e território utilizado: possibilidades teóricas e metodológicas. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 898-906, 2005.

MUJICA, Pepe. Vida humana não pode se resumir a trabalhar e pagar contas, diz Mujica. **Brasil de Fato**, São Paulo, 17 nov. 2017. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/11/17/vida-humana-nao-pode-se-resumir-a-trabalhar-e-pagar-contas-diz-mujica-em-evento>. Acesso em: 25 abr. 2024.

MULLER, Camila Vieira; SCHEFFER, Angela Beatriz Busato. Concepções contemporâneas de carreira: uma trajetória de busca por propósito do indivíduo pós-moderno. In: **ENCONTRO DA ANPAD**, 41., 2017, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: ANPAD, 2017. p. 1-16.

OLIVEIRA, Jefferson Domingues. Escolha profissional: uma visão humanista-existencial. **Revista Psicologia Saúde e Debate**, v. 4, n. 1, p. 1-8, 2018.

PAVÃO, J. A. Fatores motivadores e expectativas profissionais de alunos que cursam ciências contábeis como segunda formação. **REA-Revista Eletrônica de Administração**, v. 19, n. 2, p. 323-338, 2020.

PEREZ, José Antonio Mesquita. Orientar-se no campo da Orientação Profissional: contribuições da Fenomenologia. **Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia**, v. 9, n. 1, p. 129-142, 2020.

PRETO, Andressa dos Santos; SCHORR, Janaína Soares. O empoderamento feminino sob a perspectiva histórico-cultural da trajetória da mulher, desde o século XIX até os dias atuais. **Ius Gentium**, Curitiba, v. 11, n. 1, p. 82-112, 2020.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder.** Tradução de Enrique Lares e Maria Cecília de Assis de Mello. São Paulo: Ática, 1993.

REIS, R. R. dos. **Aspectos da Modalidade:** a noção de possibilidade na fenomenologia hermenêutica. Rio de Janeiro: Via Verita, 2014.

RELPH, Edward. **Place and placelessness.** London: SAGE, 2008.

ROLNIK, Raquel. Lei de Fomento à Periferia de SP inova ao reconhecer a dimensão territorial da cultura. **Blog da Raquel Rolnik**, São Paulo, 4 ago. 2016. Disponível em: <https://raquelrolnik.wordpress.com/2016/08/04/lei-de-fomento-a-periferia-de-sp-inova-ao-reconhecer-a-dimensao-territorial-da-cultura/>. Acesso em: 27 abr. 2024.

ROSA, Miriam Debieux. O que é o sentimento de pertencimento? **Jornal da USP**, São Paulo, 16 dez. 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/sentimento-de-pertencimento-e-a-necessidade-de-manter-relacoes-estaveis-e-de-moldar-o-comportamento/>. Acesso em: 25 abr. 2024.

SACK, Robert D. **Human Territoriality**: its theory and history. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SAMPIERI, Roberto Hernández; **COLLADO**, Carlos Fernández; **LUCIO**, Pilar Baptista. **Metodología da pesquisa**. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SARTRE, J.-P. **O ser e o nada**: ensaio de fenomenologia ontológica. 5. ed. Tradução de Paulo Perdigão. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

SILVA, Leandro de Oliveira; **PAES**, Deise Ferreira Fernandes; **MORAES**, Juliana Lopes. Gestão do tempo em um curso de graduação a distância: entre rupturas e possibilidades. **Revista Científica de Educação a Distância**, v. 1, p. 93-118, 2024.

SILVA, Meire Luci da et al. **Atenção à saúde de pré-vestibulandos**. In: CONGRESSO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA UNESP, 8., 2015, São Paulo. **Anais...** São Paulo: UNESP, 2015. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/142507/ISSN2176-9761-2015-01-04-silva-oliveira-carvalho.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 24 abr. 2024.

SOARES, Adriana Benevides et al. Concepções de estudantes sobre a maturidade para a escolha da graduação em Psicologia. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 755-772, 2018.

SOBROSA, Gênesis Marimar Rodrigues et al. Influências percebidas na escolha profissional de jovens provenientes de classes socioeconômicas desfavorecidas. **Psicología en Revista**, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 314-333, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682015000200007. Acesso em: 23 abr. 2024.

SOUSA, Adria de Lima; **ZENI**, Luis Augusto; **SCHNEIDER**, Daniela Ribeiro. Territorialidades e contexto urbano nos estudos sobre a relação pessoa-ambiente: revisão integrativa de literatura. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 759-780, 2021

SOUSA, Marcelo Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias et al. (Org.). **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

TERRUGGI, Tatiana Petroni Laurito; **CARDOSO**, Hugo Ferrari; **CAMARGO**, Mário Lázaro. Escolha profissional na adolescência: a família como variável influenciadora. **Pensando Famílias**, v. 23, n. 2, p. 162-176, 2019.

TOLFO, Suzana da Rosa; **PICCININI**, Valmíria. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, p. 38-46, 2007.

TRAVAILLER. In: DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO. Porto: 7Graus, 2024. Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/trabalho/>. Acesso em: 28 abr. 2024.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

VASCONCELOS, Zandre Barbosa de; **OLIVEIRA**, Inalda Dubeux. **Orientação Vocacional**: alguns aspectos teóricos, técnicos e práticos. São Paulo: Vetor, 2014.

VAUTERO, Jaisso; **TAVEIRA**, Maria do Céu; **SILVA**, Ana Daniela. A influência da família na tomada de decisões de carreira: uma revisão de literatura. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 21, n. 1, p. 17-28, 2020.

VELOSO, E. F. R.; **DUTRA**, J. S.; **NAKATA**, L. E. Percepção sobre carreiras inteligentes: diferenças entre as gerações y, x e baby boomers. **REGE-Revista de Gestão**, v. 23, n. 1, p. 88-98, 2016.

VIEIRA, Mayara Gonçalves. **Nascemos para isso?**: um olhar fenomenológico-existencial sobre vocação e carreira. 2017. 130 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

ANEXOS**ANEXO A – Parecer do CEP**

UNIVERSIDADE VALE DO RIO
DOCE/ FUNDAÇÃO PERCIVAL
FARQUHAR- FPF



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: MULTITERRITORIALIDADE E EXISTÊNCIA DO SER: MOTIVOS QUE INFLUENCIAM NA ESCOLHA PROFISSIONAL.

Pesquisador: Ivaldo Meneses Pimenta

Área Temática: Genética Humana:

(Trata-se de pesquisa em genética do comportamento.);

Versão: 1

CAAE: 86254825.6.0000.5157

Instituição Proponente: Fundação Percival Farquhar/ FPF

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.392.172

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do documento Informações Básicas da Pesquisa n.º 2498134, datado em 10/02/2025 e Projeto Detalhado apresentado no documento intitulado "Relatorio_CEP_MODIFICADO".

"A escolha profissional é um dos momentos na vida do indivíduo que pode causar dúvida e angústia. Defrontar-se com aspectos da profissão, as afinidades que o sujeito hipoteticamente possui com aquele trabalho/ciência, as expectativas quanto ao que o futuro labor pode oferecer, ingressam na esfera de análise e reflexão sobre a decisão de qual graduação cursar. Somado a isso, tem-se que, em boa parte das vezes, as escolhas

profissionais ocorrem em idades com pouca vivência, tendo esse aspecto um elemento que gera ainda mais incertezas, exatamente por não ter-se ainda experienciado o mundo do trabalho de forma mais prática e real. (...) Trata-se de um estudo observacional, descritivo, de corte transversal, com abordagem qualitativa. O universo da pesquisa será a Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE), instituição de ensino superior localizada no

município de Governador Valadares (MG). (...) Os dados serão coletados por meio da aplicação de uma entrevista semiestruturada baseada em um roteiro. As falas serão

Endereço: Rua Israel Pinheiro 2000,BLOCO-C4 - Campus 2

Bairro: Universitário

CEP: 35.020-220

UF: MG

Município: GOVERNADOR VALADARES

Telefone: (33)3279-5575

E-mail: cep@univale.br

UNIVERSIDADE VALE DO RIO
DOCE/ FUNDAÇÃO PERCIVAL
FARQUHAR- FPF



Continuação do Parecer: 7.392.172

analisadas utilizando a técnica de Análise de Conteúdo de Bardin." (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2498134. Resumo. Página 3).

"(...) a partir de uma vivência, em outro momento da vida, o sujeito se vê diante da possibilidade de cursar uma segunda graduação. E esse redirecionamento profissional, a possibilidade de retomar os estudos, podem ter os fatores que dialogam, de modo mais autêntico, com aquilo que está na persona do indivíduo e a nova profissão agora escolhida, do que na primeira oportunidade em que foi realizada a graduação. Após o percurso da escolha profissional e da conclusão do ensino superior, algumas incertezas podem surgir, como a dúvida se a escolha pelo curso foi a correta, o temor pelo desemprego ou a necessidade de uma complementação de conhecimentos. Entretanto, muitas pessoas após anos de trabalho em uma determinada profissão, decidem voltar a estudar e cursar uma segunda graduação (VASCONCELOS; OLIVEIRA, 2004)." (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2498134. Introdução. Página 3).

"Os motivos que influenciam na escolha de cursar uma segunda graduação podem estar relacionados com compatibilidade entre a personalidade do estudante e o curso escolhido." (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2498134. Hipótese. Página 3).

"Trata-se de um estudo observacional, descritivo, de corte transversal, com abordagem qualitativa." (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2498134. Metodologia Proposta. Página 3).

"Os dados qualitativos coletados na entrevista referentes ao tema central deste estudo serão analisados a partir das informações obtidas pelas gravações realizadas e transcritas, imediatamente, pelo pesquisador. Para a apuração das falas (relatos das entrevistadas) será utilizada a técnica de Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (2011). (...) Os textos não sofrerão correções linguísticas, preservando o caráter espontâneo das falas. (...) indica três fases fundamentais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. (...) Para preservação da identidade dos entrevistados, as falas serão identificadas pelo primeiro curso de graduação concluído ou profissão exercida e pelo número correspondente da entrevista." (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2498134. Metodologia de Análise de Dados. Página

Endereço: Rua Israel Pinheiro 2000,BLOCO-C4 - Campus 2	CEP: 35.020-220
Bairro: Universitário	Município: GOVERNADOR VALADARES
UF: MG	
Telefone: (33)3279-5575	E-mail: cep@univale.br



UNIVERSIDADE VALE DO RIO
DOCE/ FUNDAÇÃO PERCIVAL
FARQUHAR- FPF

Continuação do Parecer: 7.392.172

4).

"Serão incluídos na amostra, discentes de ambos os性os, que estejam matriculados e cursando a segunda graduação na Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE), na área de saúde (curso de psicologia), matriculados no primeiro ao décimo períodos. Serão incluídas todos aqueles que aceitarem participar voluntariamente da pesquisa e assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)." (PB INFORMAÇÕES BÁSICAS DO PROJETO 2498134. Critério de Inclusão. Página 4).

"Serão excluídos discentes de ambos os sexos, que estejam matriculados e cursando a primeira graduação na Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE), nas diversas áreas do conhecimento. Bem como, aqueles que não aceitarem participar voluntariamente da pesquisa e assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)." (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2498134. Critério de Exclusão. Página 4).

Objetivo da Pesquisa:

"Objetivo Primário:

Identificar a influência da Territorialidade e a existência do ser nos fatores que influenciam a escolha por cursar uma segunda graduação.

Objetivo Secundário:

Caracterizar a amostra pesquisada. Compreender a história e os fatores motivadores da decisão de realizar a segunda graduação. Identificar as formas de preparação para o ingresso na universidade para cursar a segunda graduação." (PB INFORMAÇÕES BÁSICAS DO PROJETO 2498134. Página 4).

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

"Riscos:

A participação dos indivíduos na pesquisa poderá envolver os seguintes riscos ou desconfortos: insegurança quanto à melhor resposta a ser fornecida; conflitos entre o que pensa e o que imagina que deve ser respondido; desconforto por ser perguntado sobre assuntos que podem lhe gerar certo constrangimento; temor de que possa no futuro ser identificado como fornecedor de algum dado desconcertante levantado nessa investigação. Será explicado ao mesmo que não há respostas certas ou erradas, o importante é que as respostas sejam sempre

Endereço: Rua Israel Pinheiro 2000, BLOCO-C4 - Campus 2
Bairro: Universitário **CEP:** 35.020-220
UF: MG **Município:** GOVERNADOR VALADARES
Telefone: (33)3279-5575 **E-mail:** cep@univale.br

UNIVERSIDADE VALE DO RIO
DOCE/ FUNDAÇÃO PERCIVAL
FARQUHAR- FPF



Continuação do Parecer: 7.392.172

sinceras. Se alguma pergunta provocar desconforto, não precisará responder. A entrevista poderá ser encerrada ou retomada quando acreditar ser melhor, ou mesmo não mais ser realizada. Para guardar o anonimato dos(as) participantes no roteiro de entrevista será registrado apenas o número da entrevistado(a)." (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2498134. Página 4).

"8.1) Como forma de minimizar os riscos, os participantes serão acolhidos pelo pesquisador, que informará sobre os procedimentos para a coleta de dados e a possibilidade de o participante interromper, suspender ou cancelar sua participação na pesquisa, sem nenhuma penalização. Para os riscos digitais vão ser minimizados pelos pesquisadores seguindo as recomendações da Carta Circular nº 1/2021CONEP/SECNS/MS.

(8.2) Caso algum desses riscos ocorra, você deve comunicar aos pesquisadores, para que suspenda a realização do preenchimento do seu formulário. Nesse caso, os participantes receberão apoio emocional dos pesquisadores, que procurará acalmá-lo (a) em situações que ocorrer o desconforto. Serão respeitadas a escolha do participante quanto a retomada do preenchimento ou não, seu cancelamento ou reagendamento." (Relatorio_CEP_MODIFICADO. Apêndice 2. TCLE. Itens 8.1 e 8.2. Página 35).

"Benefícios:

Esperam-se como benefícios de a realização dessa pesquisa promover um espaço de reflexão nas diversas instituições educacionais do município estudado como meio de mitigar as dúvidas e angústias geradas aos estudantes no momento de definição de escolha profissional para uma tomada de decisão madura. Possibilitar correlacionar anseios e oportunidades dos estudantes, ajustando interesses, conhecimentos e habilidades, com a realidade do mercado de trabalho." (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2498134. Página 4).

"Como forma de garantir a não violação e a integridade dos documentos (danos físicos, cópias, rasuras, quebra de sigilo) produzidos no decorrer desta pesquisa, os documentos eletrônicos (gravação das entrevistas e bancos de dados) produzidos em todas as fases da pesquisa ficarão arquivados em uma pasta no computador do mestre, com acesso ao orientando e orientadora, com acesso protegido por senha, proporcionando privacidade e sigilo dos dados coletados. Os documentos físicos ficarão armazenados por um período de cinco anos no Núcleo de Pesquisa Saúde, Indivíduo e Sociedade (SAIS) da Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE),

Endereço: Rua Israel Pinheiro 2000, BLOCO-C4 - Campus 2	CEP: 35.020-220
Bairro: Universitário	
UF: MG	Município: GOVERNADOR VALADARES
Telefone: (33)3279-5575	E-mail: cep@univale.br

UNIVERSIDADE VALE DO RIO
DOCE/ FUNDAÇÃO PERCIVAL
FARQUHAR- FPF



Continuação do Parecer: 7.392.172

localizado no bloco C2, Campus II na UNIVALE. Esse material em seguida é encaminhado para reciclagem. Quanto aos bancos de dados eletrônicos, esses são deletados pelos pesquisadores após o mesmo período." (Relatorio_CEP_MODIFICADO. Apêndice 2. TCLE. Item 13. Página 35).

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Todos os documentos obrigatórios foram adequadamente apresentados. No entanto, a Área Temática escolhida pelo pesquisador refere-se a "Genética Humana", mas, após a análise dos documentos apresentados pelo pesquisador sugere-se que houve equívoco na escolha da campo (Dados da Versão do Projeto de Pesquisa).

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo ¿Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações¿.

Recomendações:

Entende-se que a terminologia adotada pela Resolução CNS n.º 466, de 2012, item II.10 ¿"participante de pesquisa", deva ser empregada em todos os documentos do protocolo de pesquisa, incluindo o TCLE, em substituição a voluntário, paciente etc. Recomenda-se a substituição dos termos "paciente", "sujeito", entre outros.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não foram observados óbices éticos nos documentos do estudo.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa ¿ CEP, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS n.º 510, de 2016, na Resolução CNS n.º 466, de 2012, e na Norma Operacional n.º 001, de 2013, do CNS, manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa proposto.

O presente projeto, seguiu nesta data para análise da CONEP e só tem o seu início autorizado após a aprovação pela mesma.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P	10/02/2025		Aceito

Endereço: Rua Israel Pinheiro 2000,BLOCO-C4 - Campus 2
Bairro: Universitário CEP: 35.020-220
UF: MG Município: GOVERNADOR VALADARES
Telefone: (33)3279-5575

E-mail: cep@univale.br

UNIVERSIDADE VALE DO RIO
DOCE/ FUNDAÇÃO PERCIVAL
FARQUHAR- FPF



Continuação do Parecer: 7.392.172

Básicas do Projeto	OBJETO_2498134.pdf	09:59:30		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Relatorio_CEP_MODIFICADO.docx	10/02/2025 09:58:59	Ivaldo Meneses Pimenta	Aceito
Outros	Termo_anuencia_MODIFICADO.pdf	10/02/2025 09:58:30	Ivaldo Meneses Pimenta	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_MODIFICADO.pdf	10/02/2025 09:56:45	Ivaldo Meneses Pimenta	Aceito
Solicitação Assinada pelo Pesquisador Responsável	Termo_de_compromisso.pdf	10/02/2025 09:53:33	Ivaldo Meneses Pimenta	Aceito
Cronograma	Cronograma_MODIFICADO.docx	10/02/2025 09:52:49	Ivaldo Meneses Pimenta	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	10/02/2025 09:52:22	Ivaldo Meneses Pimenta	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Sim

GOVERNADOR VALADARES, 17 de Fevereiro de 2025

Assinado por:
Mônica Valadares Martins
 (Coordenador(a))

Endereço: Rua Israel Pinheiro 2000,BLOCO-C4 - Campus 2
Bairro: Universitário **CEP:** 35.020-220
UF: MG **Município:** GOVERNADOR VALADARES
Telefone: (33)3279-5575 **E-mail:** cep@univale.br

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

 UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE	GIT Programa de Pós-Graduação Gestão Integrada do Território
MESTRADO EM GESTÃO INTEGRADA DO TERRITÓRIO	
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	
1 – Identificação do Responsável pela execução da pesquisa:	
Título: TERRITORIALIDADE E EXISTÊNCIA: motivos que influenciam a escolha de cursar segunda graduação	
Natureza do Projeto: Pesquisa	
Pesquisador Responsável: Ivaldo Meneses Pimenta	
Contato com pesquisador responsável: Rua 12, n. 787, apto 102, Ilha dos Araújos, Governador Valadares-MG. CEP: 35020-690. Telefone: (33) 99925-9483	
2 – Identificação da Instituição:	
Instituição: Universidade Vale do Rio Doce/UNIVALE	
Programa de Mestrado: Gestão Integrada do Território/GIT	
Professor orientador da Pesquisa: Suely Maria Rodrigues	
Contato: Campus Antônio Rodrigues Coelho. Rua Israel Pinheiro, 2000 - Bairro Universitário - CEP: 35020-220. Cx. Postal 295 - Governador Valadares/MG. Telefone(s): (33)3279-5567 / (33)3279-5917 / (33) 99902-2088	

3 – Informações a participante:

- 1) Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa intitulada Multiterritorialidade e Existência do Ser: motivos que influenciam na escolha profissional, na área de saúde e genética do comportamento.
- 2) A pesquisa terá como objetivo identificar os motivos que induzem uma pessoa a cursar uma segunda graduação. A realização da pesquisa se justifica no intuito de contribuir e auxiliar estudantes de todas as classes e gêneros, no momento de decidir sobre sua profissão, com elementos pertinentes à escolha profissional em consonância com as afinidades particulares a cada indivíduo, colhidas ao longo de sua vivência.
- 3) Você irá responder algumas perguntas sobre os motivos que induziram a cursar uma segunda graduação.

4) Antes de aceitar participar da pesquisa, leia atentamente as explicações que informam sobre o procedimento.

4.1) Caso decida aceitar o convite, você assinará este documento e será realizada uma entrevista semi estruturada sobre os motivos que induziram a cursar uma segundagraduação. A sua participação não é obrigatória, você participa voluntariamente, e esta entrevista não interferirá na sua jornada de estudos.

4.2) Durante a entrevista, o entrevistador registrará eletronicamente por meio de um aparelho celular ou gravador manual, as suas falas, e contribuições. Posteriormente essas entrevistas serão transcritas pelo pesquisador. Ao final do processo, você poderá verificar os registros por quantas vezes considerar necessário para ver se as respostas estão de acordo com o que você quis dizer, bem como se foi feito qualquer registro que possa identificá-lo. Feitas as transcrições, cada participante receberá uma cópia da sua entrevista para a análise das participantes e aprovação ou correções. Sua participação será apenas para fornecer as respostas às perguntas. O tempo previsto para a entrevista é de aproximadamente trinta minutos, a ser realizada na Universidade Vale do Rio Doce, em local apropriado, conforme previamente informado a(o) participante. A sua participação na pesquisa será voluntária, não recebendo nenhum privilégio, seja ele de caráter financeiro ou de qualquer natureza. Entretanto, lhe serão garantidos todos os cuidados necessários à sua participação de acordo com seus direitos individuais e respeito ao seu bem-estar físico e psicológico.

5) Durante sua participação, você poderá recusar responder a qualquer pergunta ou participar de procedimento (s) que por ventura lhe causar (em) algum constrangimento.

6) Você poderá se recusar a participar da pesquisa ou poderá abandonar o procedimento em qualquer momento, sem nenhuma penalização ou prejuízo.

7) A sua participação na pesquisa será como voluntária, não recebendo nenhum privilégio, seja ele de caráter financeiro ou de qualquer natureza. Entretanto, lhe serão garantidos todos os cuidados necessários à sua participação de acordo com seus direitos individuais e respeito ao seu bem-estar físico e psicológico.

8) A sua participação poderá envolver os seguintes riscos ou desconfortos: se algumas perguntas da entrevista de algum modo lhe provocar insegurança quanto à melhor resposta a ser fornecida; conflitos entre o que pensa e o que imagina que deve ser respondido; desconforto por ser perguntado sobre assuntos que podem lhe gerar certo constrangimento; temor de que possa no futuro ser identificado como fornecedor de algum dado desconcertante levantado nessa investigação, saiba que não há respostas certas ou erradas, é importante que suas respostas sejam sinceras. Se alguma das perguntas de algum modo lhe provocar qualquer desconforto, você não precisará responder e a entrevista será retomada apenas quando você achar que está confortável novamente para retomar. Caso ache viável também poderá encerrar a entrevista e não responder a nenhuma das questões restantes. Isto não causará nenhuma penalização ou prejuízo com o seu entrevistador.

8.1) Como forma de minimizar os riscos, os participantes serão acolhidos pelo pesquisador, que informará sobre os procedimentos para a coleta de dados e a possibilidade de o participante interromper, suspender ou cancelar sua participação na pesquisa, sem nenhuma penalização. Para os riscos digitais vão ser minimizados pelos pesquisadores seguindo as recomendações da Carta Circular nº1/2021CONEP/SECNS/MS.

8.2) Caso algum desses riscos ocorra, você deve comunicar aos pesquisadores, para que suspenda a realização do preenchimento do seu formulário. Nesse caso, os participantes receberão apoio emocional dos pesquisadores, que procurará acalmá-lo(a) em situações que ocorrer o desconforto. Serão respeitadas a escolha do participante quanto a retomada do preenchimento ou não, seu cancelamento ou reagendamento.

9) Preveem-se como benefícios da realização dessa pesquisa promover um espaço de reflexão nas diversas instituições educacionais do município estudado como meio de mitigar as dúvidas e angústias geradas aos estudantes no momento de definição de escolha profissional para uma tomada de decisão madura. Possibilitar correlacionar anseios e oportunidades dos estudantes, ajustando interesses, conhecimentos e habilidades, com a realidade do mercado de trabalho.

10) Ficam assegurados o ressarcimento de quaisquer gastos decorrentes de sua participação nesta pesquisa. O ressarcimento poderá ser em dinheiro, ou mediante depósito em conta corrente, cheque, pix. (Item IV.3.g, da Res. CNS nº. 466 de 2012).

10.1) Também fica assegurado a você o direito a indenizações e a cobertura material para reparação de danos diretos/indiretos e imediatos/tardios causados pela participação na pesquisa, proporcionalmente ao dano causado.

10.2) Em caso de danos decorrentes da realização da pesquisa, você receberá assistência integral, de maneira gratuita, pelo tempo que se fizer necessário.

11) serão garantidos o sigilo e privacidade aos participantes, assegurando-lhes o direito de omissão de sua identificação ou de dados que possam comprometê-lo. Na apresentação dos resultados não serão citados os nomes dos participantes.

12) Os TCLEs e demais documentos produzidos que contenham algum tipo de identificação serão arquivados registrando apenas o número do(a) entrevistado(a), como forma de evitar a associação de nomes e resultados, resguardando a pesquisadora e os participantes.

13) Como forma de garantir a não violação e a integridade dos documentos (danos físicos, cópias, rasuras, quebra de sigilo) produzidos no decorrer desta pesquisa, os documentos eletrônicos (gravação das entrevistas e bancos de dados) produzidos em todas as fases da pesquisa ficarão arquivados em uma pasta no computador doméstico, com acesso ao orientando e orientadora, com acesso protegido por senha, proporcionando privacidade e sigilo dos dados coletados. Os documentos físicos ficarão armazenados por um período de cinco anos no Núcleo de Pesquisa Saúde, Indivíduo e Sociedade (SAIS) da Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE), localizado no bloco C2, Campus II na UNIVALE. Esse material em seguida é encaminhado para reciclagem. Quanto aos bancos de dados eletrônicos, esses são deletados pelos pesquisadores após o mesmo período.

14) Os resultados obtidos com a pesquisa serão apresentados em eventos ou publicações científicas por meio de resumos, artigos e Dissertação de Mestrado. Será também garantido que os resultados sejam apresentados aos participantes dessa pesquisa, bem como o compromisso do(a) pesquisador(a) em divulgar os resultados da pesquisa em formato acessível à população que foi pesquisada e divulgação dos resultados ao SUS (Resolução CNS nº 466 de 2012, itens II.2 e II.24, e Resolução CNS nº 580, art. 9º).

Declaro para devidos fins que recebi uma via deste documento. Confirmo ter sido informado e esclarecido sobre o conteúdo deste termo. A minha assinatura abaixo indica que concordo em participar desta pesquisa e por isso dou meu livre consentimento.

Governador Valadares, ____ de ____ de ____.

Nome do participante: _____

Assinatura do participante ou responsável: _____

Assinatura do pesquisador _____

_____, ____ de _____ 2025.

ANEXO C – ROTEIRO DE ENTREVISTA

UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE

MESTRADO EM GESTÃO INTEGRADA DO TERRITÓRIO

TERRITORIALIDADE E EXISTÊNCIA: motivos que influenciam a escolha de cursar segunda graduação

Data: ____ / ____ / ____ **Entrevistador:** _____

Entrevistado nº: _____

Caracterização da entrevistado(a)

1. Idade:
2. Estado civil:
3. Primeira Graduação (curso): _____
4. Turno de estudo () Manhã () Noite
5. Modalidade de pagamento da segunda graduação
 - () Fundo de financiamento estudantil (FIES)
 - () Financiamento pela própria universidade
 - () Programa Universidade para Todos (Prouni)
 - () Consórcio para pagar faculdade
 - () Outro _____

Perguntas que abarcam o objetivo do estudo

Gostaria de conversar um pouco com você sobre os motivos que induziram a cursar uma segunda graduação.

1. Você lembra em que momento/fase de sua vida, houve o despertar/interesse para cursar uma segunda graduação? Quais foram as circunstâncias/situações que incentivaram/estimularam você a tomar essa decisão?
2. Você considera que a primeira graduação contribuiu para a escolha da segunda? Comente sobre em quais aspectos.

3. Depois que decidiu cursar a segunda graduação, quanto tempo levou para iniciar o curso? Teve influência de alguma pessoa em especial para cursar a segunda graduação? Qual foi o comportamento/atitude da família a partir da sua decisão?

4. Comente sobre quais elementos ou características do curso de psicologia você tem afinidade. Você considera que estes elementos estão relacionados ao seu lado racional/pragmático ou emocional?

5. Em sua opinião o curso de psicologia, enquanto segunda graduação possui que tipo de perspectiva/ensino: econômico, cultural, familiar, social ou pessoal?

6. Comente sobre quais sentimentos afloraram quando iniciou o curso de psicologia, como se sentiu a partir dessa nova vivência nos estudos. Percebeu mudança na percepção de visão do mundo?